

OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ESTRUTURALISMO: UMA
ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DE CELSO FURTADO

por

Ademar Ribeiro Romeiro

Dissertação de Mestrado Apresentada ao
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
sob o orientação do
Prof. Dr. Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo

Novembro/1981

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

À memória de meu avô.

Para Maria Lúcia e Tomás.

AGRADECIMENTOS

À quem primeiro me alertou para a necessidade e a relevância da reflexão no tema escolhido, Professor Belluzzo, orientador deste trabalho, e com quem tive a possibilidade de cursar uma das melhores cadeiras ministradas no mestrado de economia da UNICAMP.

Quero agradecer muito especialmente a Fernando José Cardim de Carvalho que além de fraterno amigo do cotidiano, colocou à minha disposição seu sólido embasamento teórico através de indicações de leituras, discussão de conceitos e críticas às idéias gerais do trabalho.

O convívio com os colegas do curso de mestrado em economia da UNICAMP e do IBGE, foi de fundamental importância para a elaboração desta dissertação, especialmente Fernando José Abrantes, companheiro de trabalho e de sala.

Agradeço, ainda, as sugestões feitas pelo Professor Wilson Cano e pelo Professor Ferdinando de Oliveira Figueiredo.

À Roseli Almeida Durães, Glaucia Maria de Carvalho Rizzon e Nilton Bueno Sarmento, sem cuja dedicação e boa vontade teria sido impossível a entrega deste trabalho em tempo oportuno. Quero agradecer também pela boa vontade e apoio permanente a Márcia Aparecida Melo Carvalho Leitão, da Secretaria do Mestrado de Economia do DEPE.

Ao Professor Celso Furtado quero externar meu pro
fundo reconhecimento pelo interesse e consideração, demonstra
do em cuidadosas leituras dos textos que lhe foram remetidos,
apesar do grande número de compromissos que um intelectual
de seu porte se vê obrigado a cumprir nos mais diferentes países
e centros de cultura.

Finalmente, cabe dizer que os erros que tenham sub-
sistido são da inteira responsabilidade do autor.

ÍNDICE

| | Página |
|---|--------|
| INTRODUÇÃO | i |
| PARTE I. | |
| <u>Os Conceitos de Desenvolvimento e Subdesenvolvimento</u> | |
| Capítulo 1. O Conceito de Desenvolvimento | 2 |
| Capítulo 2. O Conceito de Subdesenvolvimento ... | 84 |
| PARTE II | |
| <u>A Evolução dos Conceitos de Desenvolvimento e Subdesenvolvimento</u> | |
| Capítulo 1. Dialética do Desenvolvimento | 134 |
| Capítulo 2. Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina | 157 |
| Capítulo 3. Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico | 178 |
| Capítulo 4. Um Projeto para o Brasil | 193 |
| Capítulo 5. Análise do Modelo Brasileiro | 208 |
| Capítulo 6. O Mito do Desenvolvimento Econômico. | 224 |
| PARTE III | |
| Conclusão | 236 |

INTRODUÇÃO

A idéia de empreender um estudo sobre a obra de Celso Furtado surgiu da necessidade que sentíamos de compreender melhor o pensamento daquele que é um dos mais influentes intelectuais brasileiros. Mais de uma geração de economistas, inclusive a minha, se formou tendo os trabalhos de Furtado como viga mestra de sua formação. Sua influência não se limitou, somente, ao campo do pensamento econômico brasileiro. No campo da historiografia nacional sua contribuição através de "Formação Econômica do Brasil" foi decisiva. Veio a fechar uma lacuna importantíssima tendo em conta a pobreza, até então, do conjunto de obras de história econômica do Brasil. Nas palavras de Francisco Iglêsias, "Formação Econômica do Brasil" "é das poucas obras da bibliografia nacional que apresentam rigor científico, com padrão universitário de alto nível. Nada em suas páginas lembra o polemista ou acadêmico, que se esmera em dissertação brilhante. A obra se afirma por sua estrutura sólida, pela acuidade e pela concisão. Seu conhecimento é enriquecedor, pelas informações que dá e sobretudo pelas interpretações que faz, que recolocam muitos problemas históricos. O estudo vem a ser, em consequência, altamente proveitoso e estimulante" ¹.

¹ Iglêsias, F. - "Introdução", in Formação Econômica do Brasil, editora Universidade de Brasília, 1963, p.XXVI.

Furtado é um pensador que se sobressaiu também por uma ativa participação na vida pública. Durante muitos anos foi membro destacado da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), órgão regional das Nações Unidas, cujas teses marcaram época no continente. No Brasil atuou vigorosamente, guiado por uma firme determinação de eliminar os profundos de sequilíbrios regionais existentes e que tendiam a se aprofun dar (como de fato ocorreu). A Sudene (Superintendência do De se nv olv im en to do Nor deste), de que foi criador e mentor, il us tra de modo significativo a fecunda atuação pública de um in te lect ual profundamente marcado pela situação de injustiça so cial reinante; "talvez nenhum outro serviço público do país tenha contado com direção mais lúcida, possivelmente nenhum outro setor tenha sido tão atacado, por ser ameaça possível aos velhos males enquistados, de exploração da terra e de organização da assistência da administração federal em ben efi ci o de grupos ou pessoas" ². Eis, em rápidas pinceladas, o perfil do homem cuja obra pretendemos analisar: um in te lect ual brilhante de aguda sensibilidade para os problemas con cre to s que afligem as massas oprimidas e sofridas das chamadas economias subdesenvolvidas.

Uma vez decidida a elaboração do trabalho a questão que surgiu foi a escolha do ângulo de abordagem. Sim, porque extravazaria em muito os limites de uma única tese, uma an ál i se que pretendesse abarcar todo o escopo de contribuições que os trabalhos de Furtado trazem. Optamos por uma análise dos

² Iglésias, F. - "Introdução", in Formação Econômica do Bra sil, op.cit., p.XXVIII.

fundamentos de teoria econômica de sua obra. A razão dessa escolha se deve, em primeiro lugar, à nossa formação de economista; fugiria à nossa capacidade avaliar a contribuição de Furtado em outras disciplinas que não a economia. Em segundo lugar, a alternativa que se nos apresentava, dentro do campo da economia, já conta com diversas análises, embora isoladas; seria uma análise das interpretações e diagnósticos formulados por Furtado, ao longo de sua obra, da economia brasileira nas diversas etapas, de auge e declínios, por que passou.

Por seu turno, uma análise dos fundamentos teóricos de sua obra nos parece importante, pois uma de suas características mais marcantes é sua heterodoxia, que para Furtado é uma necessidade se se pretende estudar a realidade dos países subdesenvolvidos ³. A heterodoxia seria necessária porque as teorias econômicas são elaboradas a partir de uma determinada realidade e, por mais alto que seja o nível de abstração de suas formulações, estas não podem ser generalizadas para outras realidades. Como as teorias econômicas existentes foram elaboradas a partir da realidade das chamadas economias desenvolvidas, não podem ser utilizadas para estudar a realidade das economias subdesenvolvidas; o subdesenvolvimento é um fenômeno específico, não uma etapa pela qual teriam passado as atuais economias desenvolvidas, e como tal "requer um esforço de teorização autônomo". É preciso ter claro, portanto, que a heterodoxia que Furtado propõe não significa um mero ecle -

³ "O economista que possui uma base metodológica sólida e uma clara compreensão do método científico em geral, tende a ser, entre nós, quase necessariamente, um heterodoxo". Furtado, C. - Brasil en la Encrucijada Histórica, Barcelona - na, Editora Nova Terra, 1966, pp.116, 117.

tismo estéril e sim a proposta de uma nova síntese, de uma nova teoria, elaborada a partir da realidade concreta das economias subdesenvolvidas.

Numa primeira parte do trabalho nossa análise se centra na obra "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento", publicada em 1961. Esta obra é o resultado, da mesma maneira que "Formação Econômica do Brasil", publicada em 1959, de um longo período de maturação do autor, cujas primeiras idéias publicadas em forma de livro aparecem em 1954 em "A Economia Brasileira". Furtado publica ainda "Uma Economia Dependente" em 1956, que é uma reprodução de parte da obra anterior; em 1958 aparece "Perspectivas da Economia Brasileira", uma série de conferências pronunciadas em 1957 no curso de treinamento em problemas do desenvolvimento econômico promovido pela CEPAL; publica ainda, em 1959, "A Operação Nordeste", tratando-se de exposição feita no curso para oficiais das Forças Armadadas sobre problemas nordestinos e suas soluções. No mesmo ano aparece "Formação Econômica do Brasil", cuja análise foge aos nossos propósitos por se tratar de uma obra na qual a contribuição fundamental de Furtado situa-se no campo da história econômica. O que nos interessa nesta obra é reproduzida de forma mais sintética em "Desenvolvimento e Subdesenvolvi -
mento", a grande obra teórica de Furtado. Nesta parte do trabalho analisamos os conceitos de desenvolvimento e subdesen -
volvimento, procurando mostrar seus fundamentos teóricos.

A segunda parte do trabalho consiste de uma análise da evolução dos conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvi -
mento, estudados na primeira parte, ao longo de sua obra. Pa

ra tanto escolhemos seis obras, tendo por critério a seleção daquelas que foram publicadas em etapas bem marcadas do processo de desenvolvimento da economia brasileira, de crise (1964-1968) e aceleração do crescimento (1969-1974). São elas: "Dialética do Desenvolvimento", 1964; "Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina", 1965; "Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico", 1966; "Um Projeto para o Brasil", 1968; "Análise do Modelo Brasileiro", 1972; "O Mito do Desenvolvimento Econômico", 1974. A idéia foi, por um lado, verificar até que ponto as redefinições dos diagnósticos forçadas pelas mudanças na realidade atingiram o modelo analítico elaborado inicialmente; por outro, avaliar se houve ou não uma evolução dos conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento no sentido de aperfeiçoamento, tendo em vista o avanço da teoria econômica e o debate subjacente, bem como as críticas que tenha recebido.

Por último, uma pequena conclusão onde sumarizamos as principais questões levantadas ao longo do texto e procuramos apontar a tendência da evolução dos conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento.

PARTE I

OS CONCEITOS DE DESENVOLVIMENTO E SUBDESENVOLVIMENTO

CAPITULO I

O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO

Para Furtado, uma teoria do desenvolvimento deve dar conta, numa perspectiva macroeconômica, das "causas e o mecanismo do aumento persistente da produtividade do fator trabalho e suas repercussões na organização da produção e na forma como se distribui e utiliza o produto social"¹. Nesse sentido, uma teoria do desenvolvimento é, antes de tudo, uma teoria da produção, na medida em que o aumento persistente da produtividade do trabalho de uma coletividade qualquer só pode decorrer de uma melhoria dos métodos e organização da produção.

O método de análise adequado consiste na elaboração de um modelo simplificado da realidade social que se pretende examinar, onde se analisaria o mecanismo propriamente dito do processo de crescimento, para em seguida confrontar as categorias analíticas elaboradas a esse nível elevado de abstração com a realidade concreta. Dessa maneira, o problema metodológico fundamental do economista seria definir o nível de abstração em que se construirá o modelo analítico sem

¹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961, p.19.

que este perca sua eficácia explicativa. O que é importante ressaltar, é que as categorias analíticas e leis elaboradas a partir de um determinado modelo abstrato estão condicionadas à realidade histórica e social a partir da qual este foi elaborado. A generalização dessas categorias ou leis para outros períodos históricos ou estruturas sociais distintas é limitada.² Portanto, Furtado já deixa claro aqui que para a análise do processo de desenvolvimento das economias não europeias (as economias subdesenvolvidas) o instrumental analítico disponível seria não só insuficiente, como inadequado, uma vez que foi desenvolvido a partir de uma realidade histórica-social distinta. Em seguida Furtado examina criticamente as diversas teorias, procurando mostrar as limitações de cada uma enquanto modelo analítico suficiente para se compreender os problemas do desenvolvimento econômico.

² Furtado, seguindo Myrdal, entende a economia como uma ciência objetiva cujo objeto de análise não permite a formulação de leis gerais universalmente válidas para qualquer período de tempo ou estrutura sócio-econômica. Para Myrdal não existe uma esfera objetiva de valores cientificamente verificáveis dentro do limite dos fenômenos econômicos observáveis, que possibilite a formulação de leis no sentido de normas e não simplesmente de "leis no sentido de repetições demonstráveis e regularidades de acontecimentos reais e possíveis". Nesse sentido, o "papel da ciência econômica é observar e descrever a realidade social e empírica, e analisar e explicar as relações causais entre os fatos econômicos" desta. O que é economicamente justo ou correto depende dos conflitos de interesses existentes "na maioria das questões de política econômica", conflitos estes que se travam sobre um determinado ambiente institucional que é, por sua vez, mutável ao longo do tempo. Ver Myrdal, G. - Aspectos Políticos da Teoria Econômica, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1962, cap.I - (pp.25 e 26) e cap.VIII (pp.222, 227 e 228).

A Economia Clássica e Marxista

Em primeiro lugar, Furtado analisa as limitações do pensamento econômico dos clássicos (Smith, Ricardo, Stuart Mill). Estas decorreriam da falta de uma preocupação sistemática com os problemas relacionados com o processo produtivo. Principalmente a partir de Ricardo, a preocupação maior seria com o problema da distribuição do produto social, tomando o processo de acumulação de capital como um dado do problema: "Interessava-lhes saber se os níveis da renda da terra e dos salários tenderiam ou não a elevar-se, em termos relativos, com a acumulação de capital. Fazia-se deste processo, portanto, um dado, cujas vinculações pouco preocupavam" ³. Apenas Smith teria se preocupado com o processo de acumulação de capital, mas "se bem se refira à acumulação de capital, limita-se ele a descrever exteriormente este processo, sem perceber suas vinculações íntimas com o progresso técnico e com o aumento da produtividade" ⁴. Smith teria ignorado os efeitos da maior densidade de capital por pessoa ocupada sobre a produtividade, atribuindo o aumento desta somente à divisão do trabalho. Furtado levanta a hipótese de que uma das razões desta "incapacidade" de Smith de perceber a importância do capital, como máquinas e equipamen-

³ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.31.

⁴ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.30.

tos, no aumento da produtividade, estaria no fato de que nes-
ta época "capital não era outra coisa senão reserva de bens
de consumo", um "fundo de salários". Portanto, embora a
idéia de desenvolvimento econômico esteja sempre presente,
essa "idéia de progresso econômico não encontra, entretanto,
em Smith uma explicação que a integre no corpo da Ciência
Econômica" ⁵.

A respeito dessa crítica de Furtado pode-se dizer
que empobrece a visão de Smith sobre o problema. Smith não
subestima o papel do capital, enquanto máquinas e equipamen-
tos, no aumento da produtividade do trabalho. "The annual
produce of the land and labour of any nation can be increased in
its value by no other means but by increasing either the
number of its productive labourers, or the productive powers
of the labourers who had before been employed" ⁶. O poder
produtivo dos trabalhadores é aumentado tanto por uma melhor
divisão do trabalho, como pela introdução de melhores máqui-
nas e equipamentos: "It is by means of an additional capital
only that the undertaker of any work can either provide his
workmen with better machinery or make a more proper distrib-
ution of employment among them" ⁷. O problema é que a preo-
cupação maior de Smith é a utilização produtiva do excedente
econômico e é nesse sentido a importância do capital enquan-

⁵ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.
cit., p.30

⁶ Smith, A. - The Wealth of Nations, Londres, Aldine Press ,
1960, p.306.

⁷ Smith, A. - The Wealth of Nations, op.cit., p.307.

to "fundo de salários" para o emprego de trabalhadores produtivos. Capital, para Smith, é a parte do excedente econômico que é aplicado produtivamente. "The proportion between capital and revenue, therefore, seems everywhere to regulate the proportion between industry and idleness. Wherever capital predominates, industry prevails; wherever revenue idleness" ⁸. Portanto, o progresso econômico de uma nação depende da forma como é utilizado o produto anual da terra e do trabalho, o quanto desse produto se transformará em capital. Em outras palavras, Smith está preocupado com o montante do investimento em relação ao excedente disponível. Desse modo, a crítica de Furtado de que Smith não teria integrado sua idéia de progresso econômico no corpo da ciência econômica não parece pertinente. A idéia de progresso econômico em Smith está intimamente ligado com o processo de acumulação de capital, que, como coloca Meek, é "the great axis around which the argument of the Wealth of Nations revolves. The accumulation of capital is presented in that work as the essential precondition and basic cause of the growth of opulence" ⁹.

Em resumo, o que Furtado procura mostrar é que os economistas clássicos ao tratarem o problema da acumulação

⁸ Smith, A. - The Wealth of Nations, op.cit., p.301

⁹ Meek, R.L. - Studies in the Labour Theory of Value, Londres, Lawrence & Wishart, 1973, p.57.

de capital do ponto de vista da teoria da distribuição, ¹⁰ passavam por cima do mais dinâmico dos elementos que inter-
vêm no processo de acumulação, o progresso técnico, que modi-
fica constantemente os termos do problema que tratavam. As-
sim, por exemplo, a lei dos rendimentos decrescentes da ter-
ra de Ricardo só "funciona" sob determinadas hipóteses espe-
cíficas, que limitam o papel do progresso técnico na agricul-
tura. Mas o que Furtado não considera é que para Ricardo ,
da mesma forma que para Marx, os determinantes da distribui-
ção se situavam na própria esfera da produção,¹¹ nas condi-
ções de produção dos bens-salário ¹². Vejamos agora a críti-
ca de Furtado a Marx.

10 "Os seguidores de Smith, conforme vimos, foram levados por preocupações polêmicas a enfocar o problema da acumulação de capital do ponto de vista da teoria da distribuição".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit. - p.30.

11 "El producto de la tierra - todo lo que se obtiene de su superficie mediante la aplicación aunada del trabajo, de la maquinaria y del capital - se reparte entre tres clases de la comunidad, a saber: el propietario de la tierra , el dueño del capital necesario para su cultivo, y los trabajadores por cuya actividad se cultiva".
Ricardo, D. - Principios de Economía Política y Tributación, México, Fondo de Cultura, 1973, p.5.

12 "En el sistema de determinación visualizado por Ricardo , y a fortiori y en forma más explícita como lo hacia Marx, había un sentido crucial en el cual la distribución era anterior al cambio; es decir, que sólo se podía arribar a las relaciones de precio o a los valores de cambio después de haver sido postulado el principio que afectara a la distribución del producto total. Como hemos visto, los determinantes de la distribución estaban situados en las condiciones de producción (las condiciones de producción de los bienes-salario en Ricardo y las "relaciones sociales de producción" de Marx, ...).
Dobb, M. - Teoría del valor y de la Distribución desde Adam Smith, Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 1975, p.188

Segundo Furtado, para se compreender o modelo de Marx e o alcance que teve e continua tendo até hoje, é necessário não perder de vista que a análise econômica em Marx é apenas um instrumento utilizado para fundamentar uma concepção filosófica da história, qual seja, a de que o homem para assegurar sua subsistência estabelece relações sociais de produção, relação estas que estão condicionadas pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas. Desse modo, o esforço de Marx será identificar as relações de produção fundamentais do modo de produção capitalista e determinar os fatores que impulsionam o desenvolvimento das forças produtivas. A categoria de análise fundamental elaborada por Marx para analisar as relações de produção capitalistas é o conceito de mais-valia. Para tanto, Marx se utiliza da teoria do valor trabalho dos clássicos, que a haviam utilizado como base para uma teoria "elementar" dos preços relativos. Esta seria a razão, para Furtado, da extraordinária resistência às críticas que tem mostrado a teoria do valor trabalho, na medida em que, enquanto base para uma teoria de preços seria fácil mostrar seus limites, o que tem levado seus críticos a se esquecerem de que o que Marx tinha em mente era estabelecer as bases para uma teoria da mais-valia. Vejamos.

Em primeiro lugar, segundo Furtado, Marx distingue valor do trabalho e valor da força de trabalho utilizando-se da "dicotomia aristotélico-smithiana" entre valor de uso - a capacidade criadora de valor da força de trabalho - e valor de troca - o preço de mercado da força de trabalho. A magnitude da mais-valia ou do excedente é definida pela diferença

entre o valor do trabalho e o valor da força de trabalho , uma vez que só o trabalho é fonte do valor. Para sustentar esta hipótese Marx estaria raciocionando em termos macroeconômicos e nesse nível podem ser considerados como dados a técnica, os equipamentos acumulados e a constelação de recursos naturais, de modo que o trabalho passa a ser o único fator de produção, "podendo-se afirmar que o nível de produção será determinado pela quantidade de trabalho realizado" ¹³ . A partir deste raciocínio, Marx desce ao plano microeconômico argumentando em termos do trabalhador individual, de modo que a capacidade produtiva da coletividade é a soma das forças de trabalho dos assalariados. Mas quando se passa a considerar o fator tempo, manter a hipótese do trabalho como único fator de produção significa atribuir todos os aumentos de produtividade a esse único fator, o que para Furtado se choca com um dos mais transparentes fatos observáveis, qual seja, o de que o fator capital (máquinas e equipamentos) é o principal responsável pelo aumento da produtividade numa economia capi^{ta}lista. Marx, portanto, teria que ignorar o fator tempo, como de fato o fez, mas o fez raciocinando em termos microecocômicos.

A nível microeconômico pode-se argumentar, segundo Furtado, que toda poupança (que irá se transformar em máquinas) é trabalho não pago dos trabalhadores, mas não se pode ignorar que sem ela não haveria aumento de produtividade. Marx, para solucionar o problema, teria estabelecido, arbi -

¹³ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit. - p.37.

trariamente, "uma diferença entre o produto resultante do trabalho e aquele que decorre do aumento de produtividade. O primeiro constitui fonte de "valor", o segundo não" ¹⁴. O produto resultante do trabalho é o valor novo acrescido durante a jornada de trabalho; aquele "resultante do aumento de produtividade" é o valor dos meios de produção, matérias-primas, etc., transferidos e incorporados pelos trabalhadores ao valor do novo produto. Para Furtado, este segundo corresponderia, evidentemente, ao valor criado pelo fator capital. A consequência desta distinção arbitrária de Marx, que passará a criar dificuldades à sua própria análise econômica, é que para manter esse argumento tem que se admitir uma queda no valor de cada unidade física de produto com o avanço da técnica ¹⁵.

A acumulação de capital em Marx é "menos consequência da apropriação do excedente pelo conjunto dos capitalistas que da forma como esse excedente se distribui entre e-

¹⁴ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.39.

¹⁵ "O progresso da técnica permite ao trabalhador controlar maior quantidade de equipamentos, matérias-primas, etc., e produzir mais por unidade de recursos utilizados. Aumenta, assim, o produto por unidade de trabalho empregado. O "valor" criado pelo trabalho, diretamente, não pode, entretanto, aumentar. Para manter esse argumento é necessário admitir que o "valor" da unidade física de produto tende a declinar na medida em que a produtividade física do trabalho aumente como consequência do avanço da técnica. Destarte, o conceito de "valor" torna-se extremamente ambíguo e sua utilização passa a causar sérios tropeços à Análise Econômica do próprio Marx".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp.39 e 40.

les" ¹⁶. Isso porque o aumento da produtividade decorrente da introdução de novas técnicas reduz o preço de produção para o capitalista individual e "enquanto a concorrência não vier corrigir a situação, esse capitalista gozará de um aumento relativo de mais-valia que se traduzirá em elevação de sua taxa de lucro. Como a penetração de novas técnicas se realiza mediante esses avanços individuais, o total da mais-valia se distribui desigualmente entre os capitalistas, o que cria um clima de permanente disputa entre eles" ¹⁷. O montante global de mais-valia depende do nível dos salários que é determinado, por sua vez, de um lado pelo nível psicológico mínimo que é historicamente variável e, por outro, pela capacidade de defesa dos operários frente a agressividade da classe capitalista. Quanto aos princípios que governam a distribuição do excedente entre o consumo dos capitalistas e a acumulação, Marx não teria sido muito claro, parecendo supor que existe uma relação estável entre os mesmos. O que importa ressaltar, é que os capitalistas têm necessidade de procurar permanentemente aumentar sua taxa de lucros forçando a acumulação de capital se não quiserem ser excluídos do mercado pelos concorrentes.

Ao nível macroeconômico, esta pressão para aumentar a taxa de lucros se traduz numa pressão para aumentar o excedente global, a mais-valia absoluta, enquanto que a ní

¹⁶ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.45.

¹⁷ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.46, Grifo Nosso.

vel individual é possível aumentar a taxa de lucros sem um aumento do excedente, apenas aumentando a mais-valia relativa. "Com efeito, um capitalista individual pode aumentar sua taxa de lucros simplesmente acrescentando a mais-valia relativa. Mas, em conjunto, os capitalistas só conseguirão fazê-lo se cresce o total do excedente, isto é, a mais-valia absoluta da coletividade. Marx considera que cada capitalista luta permanentemente para aumentar sua mais-valia absoluta, obrigando os operários a trabalhar mais horas, ou conseguindo pagar menos através do recrutamento de mulheres e menores. Entretanto, o que se pode conseguir por esse lado tem um limite. O ganho temporário da mais-valia relativa é consequência automática da forma como penetram novas técnicas através da acumulação. Portanto, o papel fundamental no processo acumulativo desempenha-o o capitalista... O dinamismo do sistema resulta, em última instância, de que, se bem a taxa de mais-valia decorra da ação da classe capitalista como tal, isto é, do fato de que os bens de produção sejam propriedade privada de uma pequena minoria, a distribuição da mais-valia se faz através da concorrência entre capitalistas. E, nessa concorrência, a introdução de novas técnicas constitui a principal arma de ataque de um contra os outros" ¹⁸.

Esta é a leitura que Furtado faz de Marx no que diz respeito aos fatores que impulsionam o desenvolvimento das forças produtivas. Mas, como reconhece Furtado, Marx

¹⁸ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp.47 e 48. Grifos Nossos.

não apresenta seu modelo exatamente deste modo; a razão disto é o fato de que o objetivo primordial de Marx seria fundamentar sua filosofia da história com instrumentos da análise econômica. E, como segundo sua concepção filosófica, o "motor" do movimento da economia capitalista é a luta de classes, não lhe interessa destacar as contradições no seio da classe capitalista ¹⁹. Assim, para comprovar sua tese filosófica, Marx teria introduzido "importantes elementos estranhos ao modelo inicial". Antes de seguirmos adiante, cabe ressaltar a surpreendente maneira com que Furtado entende o conceito, bastante claro ²⁰, de mais-valia relativa de Marx. Furtado o confunde com o conceito de lucro do inovador de Schumpeter ²¹.

Para Furtado, o que importaria a Marx é saber co

¹⁹ "Marx não apresenta seu modelo exatamente como vimos de expô-lo, porque a ele lhe interessa muito pouco destacar possíveis contradições dentro da classe capitalista. O motor do movimento da economia capitalista estaria na luta de classes, postulado filosófico do qual ele havia partido e que seria a pedra angular de sua teoria da ação política. É por esta razão que ele atribui enorme importância ao antagonismo entre capitalistas e assalariados, aqueles pretendendo elevar a taxa de mais-valia absoluta e estes lutando por condições mínimas de subsistência". Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.48.

²⁰ "La plusvalia producida mediante la prolongación de la jornada de trabajo es la que yo llamo plusvalia absoluta; por el contrario, a la que se logra reduciendo el tiempo de trabajo necesario, con el consiguiente cambio en cuanto a la proporción de magnitud entre ambas partes de la jornada de trabajo, la designa con el nombre de plusvalia relativa". Marx, C. - El Capital, México, Fondo de Cultura, 1973, vol.I, pp.252 e 253.

²¹ Ver Schumpeter, J.A. - Teoria do Desenvolvimento Econômico, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961, Capítulo 4. Ver mais adiante a análise da economia schumpeteriana.

mo o processo de acumulação de capital se reflete na contra
dição fundamental, a luta de classes. O processo de acumula
ção é estudado, inicialmente, do ponto de vista das mudanças
que determina na composição orgânica do capital no sentido
de aumentar a proporção do capital constante em relação ao
capital variável. O progresso da técnica permite ao traba
lhador controlar quantidades cada vez maiores de equipamen -
tos, máquinas, etc., aumentando o produto por unidade de tra
balho. Como o valor criado pelo trabalho diretamente não po
de aumentar, o valor da unidade física de produto tende a de
clinar. Como já foi visto, essa redução de custos do ponto
de vista de uma empresa individual pode proporcionar um au
mento da mais-valia relativa, na medida em que o preço se fi
xa no mercado. Em outras palavras, Furtado quer dizer que
o aumento da produtividade decorrente da introdução de inova
ções e do aumento da quantidade de capital por unidade de
trabalho pode ser apropriado pela empresa sob a forma de
"mais-valia relativa" enquanto os preços não caírem. Mas ao
nível macroeconômico o aumento da produtividade só pode acar
retar o seguinte: de um lado os preços caem na mesma propor
ção do aumento da produtividade elevando os salários e, con
sequentemente, reduzindo o volume do excedente apropriado
pelos capitalistas; de outro lado, os preços não caem com o
aumento de produtividade, permanecendo os salários reais
constantes e aumentando por conseguinte a massa do excedente
em mãos dos capitalistas (a taxa de mais-valia). "Se supo
mos que a taxa de mais-valia $\frac{s}{v}$ se mantém constante, admiti
mos implicitamente que os salários reais tendem a eleva
re

se. Por outro lado, se supomos estabilidade nos salários reais, devemos concluir que a taxa de mais-valia tende a subir. Ora, a elevação da taxa de mais-valia determina necessariamente alta da taxa média de lucro. A menos que se reduza a duração de rotação do capital, isto é, que este passe a ser subutilizado. Conforme vimos, a taxa de lucro (r) depende da taxa de mais-valia (i) e da rotação do capital (k):

$$r = \frac{iv}{k(c+v)} \quad \text{" 22.}$$

Com isto Furtado pretende mostrar que, dado o tempo de rotação do capital a elevação ou queda da taxa de lucro resulta de um aumento ou diminuição da taxa de mais-valia, ou seja, da proporção em que o produto se distribui entre capitalistas e assalariados carecendo, portanto, de consistência lógica "admitir que a taxa de lucros possa declinar sem que se eleve a participação dos assalariados no produto" ²³. Cabe ressaltar aqui, além da evidente incompreensão das categorias analíticas de Marx, a contradição em que Furtado incorre nesta passagem com suas premissas anteriores. Ao analisar a concorrência inter-capitalista Furtado havia estabelecido que, a nível macroeconômico, a única maneira da classe capitalista aumentar a taxa de lucro seria aumentando a mais-valia absoluta da coletividade (ver nota 18) e não, como coloca agora, através da introdução de inovações tecnológicas que acompanham o aumento da composição orgânica do capital, ou seja, do que ele chamou de mais-valia

²² Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.50.

²³ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.56.

relativa.

O argumento de Marx para explicar a tendência à queda na taxa de lucro é encarado por Furtado como um recurso arbitrário para compatibilizar esta tendência com a tese do exército industrial de reserva, que impediria o aumento dos salários reais. Furtado chega a reproduzir na íntegra ²⁴ um dos exemplos numéricos de Marx mostrando como se daria a queda na taxa de lucro em decorrência do aumento da composição orgânica do capital para em seguida reafirmar que a tese do declínio da taxa de lucro pressupõe uma ociosidade crescente do capital ou uma redução na taxa de mais-valia. Tendo em conta esta "verdade palmar", Furtado vai procurar mostrar a inconsistência da tese do exército industrial de reserva, que também teria sido introduzido por Marx de maneira arbitrária para que pudesse afirmar que "com a acumulação e o avanço da técnica cresceria a pressão para a redução dos salários" ²⁵, embora reconhecendo (Marx) que o aumento do capital constante em relação ao variável se traduzisse numa intensificação da procura de mão-de-obra. A arma dos capitalistas para aumentar a oferta de mão-de-obra é a introdução de inovações tecnológicas poupadoras de mão-de-obra. Aqui surge a inconsistência, segundo Furtado, na medida em que "existe uma interdependência entre a assimilação de novas técnicas e o preço da mão-de-obra". Como Ricardo já teria percebido, uma nova técnica precisa ser econômica para ser

²⁴ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.53.

²⁵ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.52.

aproveitada. Novas máquinas são compradas quando o seu preço comparado ao da mão-de-obra poupada, compensa. Ora, para Furtado, enquanto houver excedente de mão-de-obra os salários permanecerão baixos, não havendo, portanto, nenhum estímulo a se introduzir técnicas poupadoras de mão-de-obra. Mesmo que se supuzesse que, por uma razão qualquer, o progresso técnico estivesse avançando mais rapidamente do que o ritmo de acumulação de capital, criando desemprego tecnológico, a tese de Marx não se sustentaria, na medida em que o rápido aumento da produtividade decorrente face aos salários constantes acarretaria um aumento da mais-valia o que, por sua vez, induziria a uma aceleração do ritmo de acumulação de capital, absorvendo o excedente de mão-de-obra.

Assim, para Furtado, a única maneira de se explicar uma queda na taxa de lucro sem aumento dos salários é aumentando o "grau de ociosidade do capital" dado pela duração da rotação de capital. Furtado não compreende o argumento de Marx sobre o efeito da rotação do capital na taxa de lucros ²⁶, confundindo-o com a existência de capacidade ociosa decorrente de uma "persistente insuficiência da procura efetiva". E, Marx não formulou uma teoria da demanda efeti-

²⁶ O aumento da velocidade de rotação do capital para Marx é inerente ao próprio processo de acumulação de capital, uma vez que decorre da introdução de inovações técnicas na produção e circulação de mercadorias, e a razão pela qual esse aumento da velocidade de rotação de capital influe sobre a mais-valia e, portanto, na taxa de lucro, é que com isso se intensifica a utilização do capital variável. Ou seja, a causa contrarrestante da lei de tendência número um: o aumento do grau de exploração da força de trabalho.

Ver Marx, C. - El Capital, op.cit. - vol.III, pp.84 e 55 e 232-233.

va e ainda que a tivesse formulado o "argumento poderia ser utilizado como componente de uma teoria de crises e não para explicar tendências a longo prazo" ²⁷. Em síntese, os elementos "estranhos" ao modelo inicial de Marx, introduzidos de maneira arbitrária para fundamentar uma determinada concepção filosófica com elementos da análise econômica, são a tese do exército industrial de reserva e a da tendência de crescente da taxa de lucro. Como teria mostrado a história, para Furtado, o desenvolvimento do capitalismo vem se fazendo sem que haja tendência à miséria crescente das massas e uma queda na taxa de lucros.

O que se pode concluir da crítica de Furtado a Marx, é que ao criticá-lo, Furtado o faz procurando ajustar as categorias de análise marxistas à sua própria concepção do processo de desenvolvimento de uma economia capitalista. As que não se ajustam seriam categorias analíticas elaboradas por Marx para fundamentar suas concepções filosóficas, equivocadas, o que as tornam inconsistentes. E o que é importante, nesta tentativa de ajuste, Furtado acaba por confundir as categorias analíticas de Marx com as suas próprias.

A Economia Neoclássica

Antes de analisarmos a crítica de Furtado à economia neoclássica, convém ter em conta seus fundamentos teóri-

²⁷ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.56, nota 38.

cos. As concepções fundamentais do neoclassicismo, que unem sob uma denominação comum autores tão diversos como Walras, Jevons, Menger até Marshall ou Wicksell, são, fundamentalmente, por um lado, "la derivación de los precios de los productos de las necesidades de los consumidores y del valor de los servicios de los bienes de capital y de los factores a partir de su uso produtivo en la creación de bienes de consumo"²⁸, e por outro, a idéia de função de produção implícita: ... "la elección de las combinaciones particulares de insumos, o de técnicas, depende (y varia con) la formación del precio de los factores o insumos, como derivada de las relaciones de precios resultante del sistema como un todo. Esto, a su vez, lleva implícita la noción de una "función de producción" o esquema de sustitución de factores, definitivo de todas las combinaciones de factores o insumos capaces de redituvar el mismo producto (esta curva de sustitución es "objetiva" en el sentido de apoyarse únicamente en datos técnicos, en un estadio dado del conocimiento tecnológico)"²⁹. Essas duas idéias fundamentais da economia neoclássica a crítica de Furtado, como veremos, não atinge.

A principal crítica de Furtado à economia neoclássica é a inexistência de lucros quando o sistema está em equilíbrio; como o investimento líquido só se realiza em face da perspectiva de um lucro, não haveria acumulação de capital com a utilização ótima dos recursos produtivos. "Ora,

²⁸ Dobb, M. - Teoria del Valor y de la Distribución desde Adam Smith, op.cit., p.223.

²⁹ Dobb, M. - Teoria del Valor y de la Distribución desde Adam Smith, op.cit. - p.223.

se a remuneração do capital está dada pela oferta de poupança e procura de fundos para inverter, é óbvio que ela tende a confundir-se com a taxa de juros. E, na verdade, os neoclássicos concluíram que, no estado de equilíbrio, os lucros se reduziriam a zero. É claro, diziam, que êsse esquema constitui um simples instrumento de análise, correspondendo o conceito de equilíbrio geral a um modelo abstrato que nos ajuda a compreender uma realidade necessariamente muito mais complexa. Entretanto, êsse modelo abstrato de tal forma se foi confundindo com a realidade na imaginação dos economistas, que a teoria da remuneração do capital praticamente se confundiu com a teoria da taxa de juros, excluindo-se do esquema geral o conceito de lucro. ...Com efeito, as idéias de lucro, acumulação, desenvolvimento, não cabem no modelo neoclássico senão como consequência de um afastamento da posição de equilíbrio. Nesta, a remuneração do capital tem que ser igual em todas as suas aplicações, correspondendo à taxa de juros. Na medida em que existam lucros, vale dizer, remuneração para o capital, em determinado setor, superior à média, cabe deduzir que não foi alcançada a distribuição ótima dos recursos produtivos, pois é possível aumentar a produtividade de um fator deslocando-o de um para outro setor. Como a acumulação, isto é, a inversão líquida, somente se realiza em face de um lucro antecipado, é evidente que a utilização ótima dos recursos é incompatível com uma economia em crescimento" 30.

30 Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp.63 e 64.

O que se pode dizer desta crítica de Furtado à economia neoclássica, é que ela é no mínimo inócua na medida em que cobra movimento de um modelo explicitamente estático. No modelo de Walras até mesmo os juros desaparecem quando o sistema está em equilíbrio; isto não implica, entretanto, a impossibilidade de movimento a partir das premissas fundamentais do modelo, como mostra Hicks ³¹. Mas, para Furtado, o modelo neoclássico não poderia dar conta da realidade de uma economia capitalista na qual o móvel é a busca do lucro. O empresário, premido pela concorrência, procura organizar a produção da maneira eficiente possível, combinando os fatores de produção, cujos preços lhe são dados pelo mercado competitivo, de modo a obter a maior produção possível ao menor custo. "Se atentarmos para os elementos essenciais do sistema econômico que amadureceu no século XIX, vemos, por um lado, o empresário industrial que coloca os seus produtos em um mercado onde os preços se formam independentemente de sua vontade: os preços de venda do produto final são, para o empresário individual, um dado; partindo desses preços ele trata de organizar a produção. Por outro lado, vemos esse mesmo empresário organizando sua produção à base de fatores e recursos que ele adquire nos distintos mercados a níveis de preços que igualmente independem de sua vontade. Entre esses dois mercados - o dos produtos finais e o dos fatores de produção - move-se o empresário industrial. Sua preocupação central consiste, destarte, em tirar o máximo de partido

³¹ Hicks, J. - Value and Capital, Oxford, Clarendon Press, 2a.edição, 1974.

dos fatores que adquire, isto é, consiste em organizar a produção da forma mais eficiente possível" ³².

O preço de um dado produto reflete seu custo de produção que, para Furtado, compreende "os pagamentos a todos os fatores que participaram da produção do mesmo. O preço de um metro de tecido é, fundamentalmente, a soma das remunerações do trabalho (salários), do capital (juros, aluguel, renda da terra, etc.) e do empresário, que são os lucros" ³³. A mesma idéia, também, do preço de oferta de Marshall ³⁴, bem como o conceito de lucros como remuneração

³² Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.cit., p.152. A idéia é a mesma da do princípio de substituição de Marshall: "As far as the knowledge and business enterprise of the producers reach, they in each case choose those factors of production which are best for their purpose; the sum of the supply prices of those factors which are used is, as a rule, less than the sum of the supply prices of any other set of factors which could be substitute for them; and whenever it appears to the producers that this is not the case, they will, as a rule, set to work to substitute the less expensive method. And further on we shall see how in a somewhat similar way society substitutes one undertaker for another who is less efficient in proportion to his charges. We may call this, for convenience of reference, the principle of substitution"
Marshall, A. - Principles of Economics, Londres, Macmillan, 1974, p.284.

³³ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.cit., p.156 - Grifo nosso.

³⁴ "The exertions of all the different kinds of labour that are directly or indirectly involved in making it; together with abstinences or rather the waitings required for saving the capital used in making it: all these efforts and sacrifices together will be called the real cost of production of the commodity. The sums of money that have to be paid for these efforts and sacrifices will be called either its money cost of production, or, for shortness, its expenses of production; they are the prices which have to be paid in order to call forth an adequate supply of the efforts and waitings that are required for making it; or, in other words, they are its supply price... We may arrange the things that are required for making a commodity into whatever groups are convenient, and call them its factors of production. Its expenses of production when any given amount of it is produced are thus the supply prices of the corresponding quantities of its factors of production. And the sum of these is the supply price of that amount of the commodity".
Marshall, A. - Principles of Economics, op.cit., pp. 282-283.

do fator de produção "capacidade empresarial", um conceito perfeitamente distinto do conceito de juros: "Finally, we may regard this supply price of business ability in command of capital as composed of three elements. The first is the supply price of capital; the second is the supply price of business ability and energy; and the third is the supply price of the organization by which the appropriate business ability and the requisite capital are brought together. We have called the price of the first of these elements interest; we may call the price of the second taken by itself net earnings of management, and that of the second and third, taken together, gross earnings of management" ³⁵.

A preocupação de Furtado, e até certo ponto com razão, é mostrar que a oferta de poupança joga um papel fundamental, na economia neoclássica, no processo de acumulação de capital, de tal maneira que a "análise dos fatores que condicionam a acumulação de capital está feita exclusivamente do lado da oferta de poupança. E essa mesma análise se limita a uma tentativa de justificação moral da propriedade. Surgem aí os conceitos de espera (Marshall), sacrifício (Cassel), etc., que em nada constituem progresso com respeito à abstinência de Senior. Resulta disso que a explicação última do progresso econômico estaria na boa disposição de alguns cidadãos beneméritos para uma forma ou outra de sacrifício. Partia-se do princípio de que, se não houvesse remuneração para o capital, desapareceria a poupança e seria im-

³⁵ Marshall, A. - Principles of Economics, op.cit., p.261.

possível qualquer acumulação" ³⁶. E, para Furtado, o fundamental a ser considerado num processo de acumulação de capital não é a oferta de poupança, embora esta seja um dos seus elementos constitutivos ³⁷, dado que, ao contrário do que pensavam os neoclássicos, o nível de poupança individual não é determinado autonomamente, variando conforme fossem as condições do mercado, mas sim é um resíduo a partir de determinação do nível de consumo, este sim determinado autonomamente. E, como a capacidade para consumir tem limites, a partir de "certos níveis de renda a poupança é praticamente automática". Assim, para Furtado, o problema fundamental a ser considerado são os fatores que induzem a inversão, os lucros, que, como foi visto, um conceito que não caberia no modelo neoclássico.

Wicksell, dentro da economia neoclássica, teria sido um precursor no sentido de um deslocamento para o lado da procura de capitais, do elemento dinâmico do processo de acumulação, embora seus objetivos fossem de alcance limitado; buscava apenas explicar as flutuações no nível geral de

³⁶ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.65.

³⁷ "O processo acumulativo tem, destarte, três aspectos distintos: a poupança de recursos, a incorporação desses recursos ao processo produtivo (inversão) e a apropriação total ou parcial do aumento de produtividade resultante da maior acumulação, ou seja, a transformação da inversão em fonte de renda. O que configura a acumulação como um processo de "formação de capital" é a segunda das fases indicadas. É por esta razão que a teoria do desenvolvimento deve concentrar-se no estudo dos incentivos à inversão, sem contudo descuidar-se dos outros dois aspectos do processo acumulativo".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.70.

preços. A idéia original de Wicksell ³⁸ estaria em que, ob-
servando "a taxa de juros corrente, deu-se conta ele de que
esta não reflete exatamente a remuneração do capital: está
basicamente determinada pelo sistema bancário, o qual tendo
poder para emitir moeda escritural controla, na prática, a
oferta de capital. Por trás da taxa de juros corrente exis-
te outra real que na verdade define o ponto de equilíbrio en-
tre a procura de capital e a oferta de poupança, a qual cor-
responde mais ou menos ao rendimento antecipado das novas
inversões" ³⁹.

Como já dissemos, Furtado tem razão apenas em par-
te. Realmente a oferta de poupança joga um papel fundamen-
tal na formulação neoclássica, mas os estímulos à inversão
de maneira nenhuma podem ser considerados do modo como Furta-
do o faz. Não só a oferta de poupança não é totalmente in-

³⁸ Segundo Hutchison, a inspiração para esta idéia Wicksell
vai buscar em Ricardo no capítulo em que este trata da
moeda e dos bancos: "Wicksell's central notion is con-
tained in the following sentences from Ricardo's chapter
on "Currency and Banks" in his Principles: "The applica-
tions to the bank for money, then, depend on the compari-
son between the rate of profits that may be made by the
employment of it and the rate at which they are willing
to lend it. If they charge less than the market (sic)
rate of interest, there is no amount of money which they
might not lend; if they charge more than that rate, none
but spendthrifts and prodigals would be found to borrow
of them". Ricardo writes of the "natural" rate of inter-
est where Wicksell would write of the "natural" rate of
interest".
Hutchison, T.W., - A Review of Economic Doctrines, 1870-
1929, Oxford, Clarendon Press, 1953, p.235.

³⁹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.
cit., p.72.

dependente do investimento ⁴⁰, como, para Marshall por exemplo, é absolutamente cristalino que nenhum pagamento seria oferecido para o uso de capital a menos que houvesse uma expectativa de ganho com seu uso ⁴¹. Esses ganhos são os lucros, a remuneração pelo serviço de "manager", sem a qual não haveria investimento. "The payment made by a borrower for the use of a loan for, say, a year is expressed as the ratio which that payment bears to the loan, and is called interest. And this term is also used more broadly to represent the money equivalent of the whole income which is derived from capital. It is commonly expressed as a certain percentage on the "capital" sum of the loan. Whenever this is done the capital must not be regarded as a stock of one particular thing, money, which is taken to represent them. This £ 100 may be lent at four per cent., that is for an interest of £ 4 yearly. And, if a man employs in business a capital stock of goods of various kinds which are estimated as worth £ 10,000 in all; then £ 400 a year may be said to represent interest at the rate of four per cent. on the supposition that the aggregate money value of the things which constitute it has remained unchanged. He would not, however, be willing to continue the business unless he ex-

⁴⁰ "And with the growth of openings for the investment of capital there is a constante increase in that surplus of production over the necessaries fo life, which gives the power to save".
Marshall, S. - Principles of Economics, op.cit., p.186.

⁴¹ "Everyone is aware that no payment would be offered for the use of capital unless some gain were expected from that use" ...
Marshall, A. - Principles of Economics, op.cit., p.482.

pected his total net gains from it to exceed interest on his capital at the current rate. These gains are called profits ... When a man is engaged in business, his profits for the year are the excess of his receipts from his business during the year over his outlay for his business ... What remains of his profits after deducting interest on his capital at the current rate (allowing, where necessary, for insurance) is generally called his earnings of undertaking or management. The ratio in which his profits for the year stand to his capital is spoken of as his rate of profits" 42.

Além da ausência de uma teoria do lucro na economia neoclássica, para Furtado a impossibilidade de derivar uma teoria do desenvolvimento decorreria de suas próprias premissas: "A teoria do desenvolvimento que se pode extrair do modelo neoclássico é simples e se formula como segue: o aumento da produtividade do trabalho (que se reflete na elevação do salário real) é consequência da acumulação de capital, a qual, por sua vez, está na dependência da taxa antecipada de remuneração dos novos capitais e do preço de oferta da poupança. A acumulação de capital, provocando um aumento dos salários reais, tenderia a incrementar a participação dos assalariados no produto e, portanto, reduzir a taxa média de rentabilidade do capital. Ora, diminuindo o "preço de procura" do capital, haveria desestímulo à poupança e consequentemente redução no ritmo de acumulação de capital. Retrocedemos, desta forma, à teoria da estagnação" 43. Essa críti

⁴² Marshall, A. - Principles of Economics, op.cit., pp.61-62

⁴³ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.cit., p.63.

ca de Furtado decorre da observação que o estoque de capital reprodutível vem crescendo, nos países industrializados, a uma taxa duas vezes maior do que a do aumento da população ativa (ver nota 109 adiante). Ora, evidentemente isto implica na hipótese de ausência de progresso tecnológico, como o próprio Furtado reconhece, de modo que, novamente, sua crítica parece inócua uma vez que a hipótese de progresso técnico pode ser introduzida num modelo estático, dinamizando-o. "Continuous technical progress would, of course, introduce a growth element into what would otherwise be a stationary state. The stationary-state analysis which follows can, as modern economists have shown, readily be adapted to allow for this, and for growth of the primary factor supplies, provided that the technical progress is neutral" ⁴⁴. Na ausência de progresso tecnológico obviamente há um limite acima do qual o processo de acumulação não pode avançar na medida em que se "el capital físico ha de rendir no sólo retribuciones sino también retribuciones netas, algo debe impedirle reproducirse hasta el punto en que sus ganancias no alcanzarían sino para volver a pagar su costo" ⁴⁵.

⁴⁴ Laing, N.F. - "Introduction", in Capital and Growth, Harmondsworth, Harcourt & Laing Eds., 1971, p.33.

⁴⁵ Schumpeter, J.A. - History of Economic Analysis, apud, Dobb, M. - Teoría del Valor y de la Distribución desde Adam Smith, op.cit., p.221. Grifo nosso. Esse algo poderia se fazer com "que la voluntad de aumentar los stocks de bienes de capital dependiera del descuento subjetivo de los bienes futuros comparados con los bienes presentes. Este descuento en el tiempo subjetivo formaría la base de una tasa positiva de retribución que todos los diversos bienes de capital deberían ganar a fin de ser inicialmente producidos, o mantenidos en uso en determinadas cantidades, y por tanto una tasa de interés de equilibrio positiva (y uniforme)". Dobb, M. - Teoría del Valor y de la Distribución desde Adam Smith, op.cit., p.226.

Em resumo, a crítica de Furtado à economia neoclássica não só é equivocada, como também não se dirige aos seus pressupostos fundamentais. A idéia de função de produção e de remuneração de fatores pelas respectivas produtividades marginais é uma idéia sempre presente. Embora reconhecendo as críticas a que tem sido alvo a concepção neoclássica de determinação dos preços e alegando não ser este o tipo de problema que o preocupará diretamente, Furtado deixa claro qual sua posição a respeito: "O problema da valorização qualitativa se supõe resolvido pelo sistema de preços vigente. Um bem ou um serviço vale mais que outro estritamente porque seu preço é maior durante o período considerado. Se esse preço relativo se modifica, a importância daquele bem ou serviço também se modificará no cômputo da renda real. Essa forma de abordar a realidade social tem sido objeto de múltiplas críticas, inclusive por parte dos próprios economistas. Mesmo que se ignorem os fatores culturais que em cada sociedade condicionam a procura e, portanto, influenciam a formação de preços, cabe considerar os problemas ligados à distribuição de renda e às imperfeições do mercado, de relevância na formação dos preços. Estes problemas são particularmente importantes quando pretendemos comparar o produto de duas comunidades"⁴⁶. Em outras palavras, é a demanda, com todas as imperfeições do mercado, que determina os preços dos produtos, em contraposição a uma dada oferta de recursos produtivos (e nesse sentido há que se supor uma determinada distribuição de renda); e a partir dos preços dos produtos se determina os preços dos fatores

⁴⁶ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.115.

de produção pelo seu uso produtivo na produção desses bens, pela sua produtividade marginal.

A posição de Furtado frente à economia neoclássica pode ser sintetizada da maneira como ele próprio coloca num artigo publicado em 1957; "Assim, se a análise marginalista não explica o processo de crescimento das economias industriais - suas premissas levam, em última instância, a admitir a estagnação como inevitável - é perfeitamente possível ampliar os quadros dessa análise e torná-la congruente com a realidade do crescimento em suas etapas mais avançadas" ⁴⁷. Essa ampliação dos quadros de análise neoclássica para explicar o crescimento das economias avançadas nós veremos mais adiante através do trabalho de Hicks. Antes, porém, concluiremos o exame da crítica de Furtado a Schumpeter e Keynes.

Schumpeter. A principal crítica de Furtado a Schumpeter seria a impossibilidade de se formular uma teoria do desenvolvimento econômico a partir de seus pressupostos teóricos, uma crítica um tanto surpreendente uma vez que Schumpeter é normalmente considerado como o primeiro grande autor que, a partir da teoria do equilíbrio geral, "encarou diretamente o problema do desenvolvimento" ⁴⁸. Para Furta-

⁴⁷ Furtado, C. - "A Análise Marginalista e a Teoria do Subdesenvolvimento", in Contribuições à Análise do Desenvolvimento Econômico, Rio de Janeiro, Agir Ed., 1957, pp. 171 e 172.

⁴⁸ ..."no princípio deste século o pensamento econômico encarou diretamente o problema do desenvolvimento devido ao mérito do economista austríaco Schumpeter que em 1912 publicou um livro fundamental sob o título Teoria do Desenvolvimento Econômico".
Napoleoni, C. - A Teoria Econômica no Século XX, Portugal Ed. Presença, 1973, p.54.

do, a teoria de Schumpeter é apenas um complemento da teoria do equilíbrio geral, com a diferença de que enquanto para Marshall, por exemplo, a tendência ao equilíbrio significava o deslocamento do sistema em um mesmo plano, para ele significa a passagem de um plano para outro.

Uma teoria do desenvolvimento para Furtado teria que ter por base uma explicação do processo de acumulação de capital, o que não existiria no modelo schumpeteriano ⁴⁹. Schumpeter raciocinaria como se "a introdução de uma nova combinação provocasse um salto e transformasse automaticamente o sistema produtivo", não considerando que a propagação da nova combinação "cavalga sobre a acumulação de capital" ⁵⁰. Furtado argumenta que, não só a difusão de inovações depende do processo de acumulação de capital, como também sua própria introdução. "Todos sabemos, porém, e já o sabia Ricardo, que a introdução de uma nova máquina na economia não é um puro ato de inovação, pois exige a convergência de determinadas condições que a justifiquem economicamente. Tanto é assim que, muitos anos depois da aparição do tear automático, ainda se continuam a fabricar teares manuais, os quais são preferidos em determinadas economias. Para que o tear

⁴⁹ "As inovações schumpeterianas são, indubitavelmente, um elemento dinâmico no processo de desenvolvimento. Entretanto, a espinha dorsal deste, não está na inovação e sim na acumulação de capital... Isolando o avanço da técnica de processo acumulativo, Schumpeter criou dificuldades à percepção de conjunto do problema. A teoria das inovações é de enorme importância mas conduz a equívoco pretender formulá-la independentemente da teoria da acumulação de capital".

Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.78 e 79

⁵⁰ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.78.

automático seja mais econômico é necessário que os salários tenham alcançado determinado nível, o que pressupõe para o conjunto da economia certo avanço no grau de acumulação de capital" ⁵¹. Em resumo, para Furtado, Schumpeter ao não considerar a acumulação de capital em sua concepção de desenvolvimento econômico, exclui dela fenômenos como o "crescimento da economia que se manifesta pelo aumento da população e da riqueza" ou a elevação da produtividade decorrente do aumento da escala de produção que, para Furtado, decorrem naturalmente do processo de acumulação de capital, do aumento da relação capital/trabalho, exatamente o que caracteriza um processo de desenvolvimento econômico.

Outra crítica de Furtado a Schumpeter seria sua concepção do empresário "pobre" ⁵² e caracterizado por aquele que introduz inovações. Esta concepção significaria isolar o empresário do mundo em que vive na medida em que, para Furtado, o empresário é o organizador da produção que busca o lucro, independentemente de que introduza ou não inovações, e que "tende - transformar-se em proprietário do capital aplicado na produção e, por uma série de razões fáceis de perceber, a beneficiar-se de uma elevada renda" ⁵³. Além disso, inovação não é fruto, necessariamente, do espírito da

⁵¹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp.78 e 79

⁵² "A idéia do empresário pobre ajuda a esclarecer certos conceitos, mas se distancia muito da realidade". Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.76.

⁵³ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.76.

empresa, sendo muitas vezes "o resultado do esforço das em-
presas para encontrar aplicações para os recursos que se
lhes acumulam automaticamente" ⁵⁴. Furtado critica ainda o
conceito de "inovações" ou "novas combinações" de Schumpeter
por ser muito amplo, incluindo até uma "situação de monopó-
lio", não "envolvendo necessariamente a idéia de aumento de
produtividade, de redução dos custos, de inovação tecnolôgi-
ca, etc.. É algo mais amplo e cujo único elemento constante
parece ser a faculdade de criar uma situação privilegiada -
ainda que momentânea - para um empresário, da qual resulta
ria a formação do lucro" ⁵⁵. A consequência é que mesmo co-
mo uma teoria do lucro a teoria de Schumpeter seria falha ,
uma vez que a possibilidade de lucro do monopólio contradi-
ria a idéia anterior de lucro como prêmio para o empresário
inovador. Por último, cabe reportar a crítica de Furtado da
supostamente falsa universalidade da teoria de Schumpeter ;
" o espírito de empresa surge como uma categoria abstrata
independente do tempo e de toda ordem institucional. É, apa-
rentemente, um dom do espírito humano, assim como a "propen-
são para a troca" de Adam Smith. O empresário seria fenôme-
no de todas as organizações sociais, da socialista à tribal"
⁵⁶

Para examinar às críticas de Furtado a Schumpeter
é necessário, em 1º lugar, definir o conceito de desenvolvi-

⁵⁴ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.
cit., p.77.

⁵⁵ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.
cit., p.75.

⁵⁶ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.
cit., p.73.

mento de Schumpeter que, longe de ser vago, como quer Furtado, tem uma significação precisa. Por desenvolvimento Schumpeter entende o movimento de uma economia capitalista dado pelo que ele chama de impulsos fundamentais, impulsos estes (novos bens de consumo, novos métodos de produção e transporte, novos mercados e novas formas de organização industrial criadas pela empresa capitalista)⁵⁷ que promovem mudanças qualitativas no sistema econômico. Em outras palavras, desenvolvimento para Schumpeter é a própria forma pela qual se move uma economia capitalista, através de mudanças qualitativas contínuas no sistema econômico; é nesse sentido que a idéia de desenvolvimento inclui mas não se resume a fenômenos como o simples crescimento da economia pelo aumento da população e da riqueza. Ao contrário do que afirma Furtado, esses impulsos inovadores não surgem e se difundem independentemente do processo de acumulação de capital. A introdução de uma inovação está condicionada por sua "economicidade"; ou seja, uma inovação para ser introduzida precisa ser rentável, o que significa que o nível da acumulação atingido por determinada coletividade deve ser suficientemente elevado para permitir sua introdução. Essa idéia aparece clara em Schumpeter quando ele distingue invenção de inovação; a primeira pode surgir autonomamente, independentemente do nível de acumulação de capital, mas para que se transforme numa inovação introduzida no sistema econômico é necessário a ação do empresário inovador, na medida em que "the turning

⁵⁷ Ver Schumpeter, J.A. - Capitalism, Socialism and Democracy, Londres, George Allen and Unwin, 1976, pp.82 e 83.

of existing factors of production to new uses is a purely economic process and, in capitalist society, purely a matter of business behavior" ⁵⁸. Também a difusão das inovações depende do processo de acumulação de capital; a amplitude e o ritmo da difusão de um novo sistema de transportes, por exemplo, através de um determinado sistema econômico está condicionado pelo ritmo do processo de acumulação de capital (que por sua vez também depende dos processos desencadeados pela introdução de uma dada inovação). "Major innovations hardly ever emerge in their final form or cover in one throw the whole field that will ultimately be their own... One railroad or a few lines may be all, and more than all, that can be successfully built in a given environment at a given time. Reaction and absorption may have to follow before a new wave of railroad construction becomes possible" ⁵⁹.

A crítica de Furtado à concepção de empresário de Schumpeter também não se sustenta. Furtado, como vimos, acusa Schumpeter de isolar o empresário do mundo em que vive ao concebê-lo como um indivíduo pobre e caracterizado como aquele que introduz inovações, enquanto que na realidade empresário, para Furtado, é o organizador de produção que busca o lucro independentemente de que introduza ou não inovações e que tende a se transformar no proprietário do capital. Ora para Schumpeter, empresário significa simplesmente o indivíduo que introduz inovações podendo se confundir, e

⁵⁸ Schumpeter, J.A. - Business Cycles, Nova York, Mc. Graw-Hill, 1964, p. 61. Ver também Ensayos, Barcelona, Oikos-Tau, 1966, pp.223 e 224.

⁵⁹ Schumpeter, J.A. - Business Cycles, op.cit., p.142.

na maioria das vezes isto acontece, com o "manager" proprietário do capital ⁶⁰, bem como pode não ser uma pessoa física mas uma entidade qualquer que introduza inovações ⁶¹. Portanto a idéia de empresário para Schumpeter é fundamental - mente uma categoria analítica para discriminar e distinguir entre o agente que tem por função "of deciding how much wool to buy for one's process of production" e aquele cuja função é "of introducing a new process of production", funções que "do not stand on the same footing, either in practice or logic" ⁶².

Furtado ainda critica Schumpeter pela suposição de que as inovações são somente produto do espírito de empresa, bem como pela amplitude do seu conceito de inovações, que inclui até as situações de monopólio. Quanto à primeira, Schumpeter tem perfeitamente consciência de que a função social do empresário tende a perder importância à medida em que se desenvolve a economia capitalista, no sentido de um avanço do processo de monopolização (trustificação) da economia. "Technological progress is increasingly becoming the business of teams of trained specialists who turn out what is required and make it work in predictable ways... thus, economic progress tends to become despersonalized and auto-

⁶⁰ "The distinction between the entrepreneur and mere head or manager of a firm who runs it on established lines or, as both functions will often coincide in one and the same person, between the entrepreneurial and the managerial function is no more difficult than the distinction between a workman and a landowner who may also happen to form a composite economic personality called a farmer". Schumpeter, J.A. - Business Cycles, op.cit., p.77

⁶¹ Ver Schumpeter, J.A. - Ensayos, op.cit., p.262.

⁶² Schumpeter, J.A. - Business Cycles, op.cit., p.77.

matized. Bureau and committee works tends to replace individual action" ⁶³. Quanto ao conceito de inovações a definição rigorosa de Schumpeter a define como o fenômeno que provoca uma modificação da função de produção corrente, resultando numa nova função de produção ⁶⁴. A criação de uma situação de monopólio decorre inicialmente da introdução de uma inovação. O lucro do inovador só é possível se existe uma situação de monopólio durante um determinado período; se todos os competidores imediatamente seguissem o empresário inovador não haveria lucro ⁶⁵. Outra coisa seria o estabelecimento de um monopólio permanente; neste caso, "o lucro, é óbvio, há de ser considerado simplesmente como renda de monopólio permanente ... O lucro proveniente da fundação de uma empresa e a renda permanente se distinguem, na prática. A primeira constitui o valor do monopólio, a última é exatamente a renda que promana da situação monopolística" ⁶⁶.

Por último cabe considerar a surpreendente crítica de Furtado quanto à suposta universalidade do "espírito de empresa" de Schumpeter, que seria independente do tempo e de "toda ordem institucional". Ao longo do que foi visto acima já aparece bastante claro que os argumentos de Schumpeter são calcados numa muito bem determinada realidade, o modo de produção capitalista, não podendo de maneira nenhuma

⁶³ Schumpeter, J.A. - Capitalism, Socialism and Democracy, op.cit., pp.132 e 133. Ver também Teoria do Desenvolvimento Económico, op.cit., p.207.

⁶⁴ Ver Schumpeter, J.A. - Business Cycles, op.cit., p.62.

⁶⁵ Ver Ensayos, p.261 e Capitalism, Socialism and Democracy, op.cit., p.105.

⁶⁶ Schumpeter, J.A. - Teoria do Desenvolvimento Económico, op.cit., p.203. Ver também Business Cycles, pp.80,81.

serem generalizados para qualquer outro modo de produção. Nas palavras de Schumpeter: ... "Our arguments rests on historical facts ... We assume not only private property and private initiative but a definite type of both; not only money, bankers and banking credit but also a certain attitude, moral code, business tradition, and "usage" of banking community; above all, a spirit of the industrial bourgeoisie" ⁶⁷...

A Economia Keynesiana. Para Furtado foi somente a partir da economia Keynesiana que se desenvolveu realmente uma teoria do desenvolvimento, embora a contribuição de Keynes propriamente dita fosse uma teoria de curto-prazo, onde se supõe como constantes uma série de variáveis tais como população, nível tecnológico, estoque de capital, etc., que são fundamentais para explicar uma economia em movimento. Das esta variáveis Keynes procurou mostrar aquelas que determinam as flutuações no nível de renda, as inversões. Mas as inversões não são somente um fator gerador de renda, mas também de capacidade produtiva. "Destarte, não se pode fazer do estoque de capital um dado do problema, isto é, um elemento estranho ao mecanismo de determinação do nível de renda quando se pretende definir as condições de equilíbrio. É necessário analisar as inversões simultaneamente como fator gerador de renda e criador de capacidade produtiva" ⁶⁸. Nesse sentido, a pergunta que Furtado faz é como uma teoria econômica (de Keynes) cujo objetivo é explicar o "desemprego - pro

⁶⁷ Schumpeter, J.A. - Business Cycles, op.cit., p.120.

⁶⁸ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.cit., pp.88 e 89. Ver Domar, E., "Capital Expansion and Growth", in Growth Economics, op.cit., pp.67 e 68.

problema de curto prazo - possa dar origem a uma teoria do desenvolvimento"; a explicação, no entanto, seria simples. Keynes, da mesma maneira que Wicksell, teria percebido que o elemento motor da atividade econômica estaria do lado da inversão e, como Schumpeter, formulou uma teoria da inversão. Mas, paradoxalmente, para Furtado, "ao analisar as causas que influenciam o volume das inversões, ele simplificou extremamente o problema com a aparente preocupação de dar elegância ao sistema como um todo. O nível das inversões seria determinado pela taxa de lucros antecipada (eficiência marginal do capital) e pela taxa de juros. Estamos praticamente de retorno a Wicksell e ao ponto de partida de Schumpeter. A análise dos fatores que induzem o empresário a inverter é, certamente, a parte mais pobre da obra de Keynes"⁶⁹. A fecundidade de sua "posição intelectual" estaria em que logo se deu conta que o aparato analítico neoclássico seria mais um instrumento negativo que positivo na compreensão do processo econômico; tratar a oferta e a procura "como dois elementos independentes, buscando um ponto de equilíbrio, é uma ficção sem fundamento"⁷⁰.

⁶⁹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.cit., p.82.

⁷⁰ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.cit., p.81. Essa idéia de Furtado de que para Keynes oferta e procura não são dois elementos independentes não parece pertinente; como coloca Conceição Tavares, este é um "vício neo-clássico, que o próprio Keynes cometeu" ... O que, aliás, parece claro no próprio Keynes: "Seja Z o preço da oferta global da produção resultante do emprego de N homens, e a relação entre Z e N , que chamaremos Função da Oferta Global, representada por $Z = f(N)$. Chamaremos D ao produto que os homens de empresa esperam receber do emprego de N homens, sendo a relação entre D e N , a que chamaremos Função da Procura Global, representada por $D = f(N)$. Assim sendo, se para determinado valor de N o produto que se espera receber é maior que o preço da oferta global, isto é, se D é superior a Z , haverá um estímulo incitando os empresários a aumentar o emprego acima de N e, se for necessário, a elevar os custos disputando entre si pelos fatores de produção, até o valor de N em que Z é igual a D . Dêsse modo, o volume de emprego fica determinado pelo ponto de interseção da função da procura global e da função da oferta global, pois é neste ponto que as previsões de lucro dos empresários serão maximizadas. Chamaremos procura efetiva ao valor de D no ponto de interseção da função da procura global com a da oferta global".

Keynes, J.M. - Teoria Geral do Emprego do Juro e do Dinheiro, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1970, p.37. Ver também Maria da Conceição Tavares, Ciclo e Crise - O Movimento Recente da Industrialização Brasileira. Tese de Titular pela FEA-UFRJ, 1978, p.9.

A pobreza da teoria de inversão de Keynes e o avanço que, nesse sentido, representaria a teoria da "maturidade" econômica de Hansen ⁷¹, estaria em que falta no modelo keynesiano uma explicação sobre as oportunidades concretas de realização das inversões. A expectativa de lucros é, obviamente, a pré-condição básica para a realização da inversão, mas há que se explicar quais os fatores reais que se traduzem numa expectativa favorável (que, para Furtado, como veremos, é a introdução de inovações tecnológicas). Ora, é exatamente o papel fundamental que as expectativas e o grau inevitável de incerteza que as acompanham o que caracterizaria a contribuição fundamental da obra de Keynes, segundo uma das linhas de interpretação que lhe seguiram ⁷². A idéia

⁷¹ "Utilizando o aparelho analítico de Keynes, Hansen se pergunta: a crise porque passamos atualmente (nos anos trinta) será estritamente um problema de insuficiência de procura efetiva ou será uma combinação disso com um problema mais profundo de estrutura? Por essa porta entra na análise do desenvolvimento: O século XIX, diz, foi muito favorável ao desenvolvimento porque a fronteira agrícola pôde deslocar-se rapidamente e a população cresceu com grande intensidade. Esses dois fatores, aliados ao progresso técnico, criaram grandes estímulos aos investidores".

Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.83. Cabe lembrar que Hansen, juntamente com Hicks, são considerados os principais responsáveis pelo que se convencionou chamar "neoclassização" de Keynes, procurando mostrar que as teses de Keynes não eram mais que casos especiais de uma teoria ou modelo de equilíbrio geral.

Ver Carvalho, F.C. - "Keynes, Schumpeter e as Flutuações da Economia Capitalista", 1981, inédito.

⁷² "Mais recentemente, porém, emerge uma terceira linha de preocupações, cujo foco se dirige prioritariamente à questão da informação e da incerteza. Para estes autores, a contribuição mais fecunda de Keynes estaria na explicitação do comportamento dos agentes econômicos numa situação onde: 1) o futuro é incerto; 2) a produção leva tempo e, assim, numa economia especializada, monetária alguém deve assumir compromissos com o futuro; 3) as decisões econômicas ligam o passado inalterado ao futuro incerto".

Carvalho, F.C., "Keynes, Schumpeter e as Flutuações da Economia Capitalista", op.cit., p.21.

de incerteza "não se confunde com o de expectativa, e nem mesmo com o de risco... Incerteza refere-se, como coloca Davidson, as possibilidades não quantificáveis em termos probabilísticos. Na formulação alternativa de Minsky, ela está presente quando a soma das probabilidades dos resultados de uma ação é superior a um" ⁷³. Dessa maneira, para que as inversões se concretizem é necessário que o grau de incerteza quanto ao futuro diminua, ou seja, que a certeza quanto à realização de lucros adequados aumente. Para tanto, "de pouco vale a 'produtividade marginal do capital' neoclássica ou outras informações correntes: "the mistake of regarding the marginal efficiency of capital privarilly in terms of the current yield of capital equipment, which would be correct only in the static state where there is no changing future to influence the present, has had the result of breaking the theoretical link between today and tomorrow" ⁷⁴.

E, para Keynes, as expectativas favoráveis de rendimento decorrem, fundamentalmente, das oportunidades de inversão abertas pela introdução de inovações tecnológicas concordando integralmente com Schumpeter: "In the case of fixed capital it is easy to understand why fluctuations should occur in the rate of investment. Entrepreneurs are induced to embark on the production of fixed capital or deterred from doing so by their expectations of the profit to be made. Apart from the many minor reasons why these fluctuate in a

⁷³ Carvalho, F.C. - Keynes, Schumpeter e as Flutuações da Economia Capitalista, op.cit., p.9

⁷⁴ Carvalho, F.C. - Keynes, Schumpeter e as Flutuações da Economia Capitalista, op.cit., p.13.

changing world, Professor Schumpeter explanation of the major movement may be unreservedly accepted" ⁷⁵.

Para Furtado, são exatamente as inovações tecnológicas as principais responsáveis pela manutenção de um elevado nível de investimentos na medida em que ampliam enormemente as oportunidades de inversão numa economia capitalista industrial. "O segundo ponto para o qual queremos chamar a atenção é o das novas oportunidades de inversão que surgem com a economia industrial. Melhorar os métodos de produção pressupõe, evidentemente, um conhecimento progressivo do mundo físico e conseqüente valorização das Ciências Naturais. Mas não é somente isto. Significa, também, incorporar recursos ao processo produtivo. Os métodos de produção se tornarão, como se dirá no século XIX, cada vez mais capitalísticos, isto é, baseados no uso de equipamentos e outras formas de capital. Ora, isto teria conseqüências profundas para a organização do sistema econômico, pois, para colocar reprodutivamente os recursos que estão permanentemente afluindo à suas mãos, o empresário já não necessitará de fronteira em expansão, ou seja de abrir novas linhas de comércio. Poderá aplicar os seus capitais em profundidade, dentro da própria fronteira econômica já estabelecida. A aplicação desses capitais significará incremento de produtividade, aumento da renda global e, portanto expansão do mercado interno. Reduzindo os seus custos sem cortar na folha de salários, o empresário poderá baratear os seus produtos sem

⁷⁵ Keynes, J.M. - Treatise on Money, apud Carvalho, F.C., "Keynes, Schumpeter e as Flutuações da Economia Capitalista", op.cit., p.29.

reduzir, concomitantemente, a renda dos seus operários... A eficiência produtiva e o avanço da técnica constitui, portanto, no novo sistema econômico, a fonte de lucro do empresário e a oportunidade de aplicar remuneradoramente esses lucros" 76.

O que se pode concluir da leitura que Furtado faz da obra de Keynes, ou melhor, do que ele busca nela como uma contribuição ao estudo do desenvolvimento econômico, é que nada do que procura ficou fora dos trabalhos dos continuadores de Jevons, Menger e Walras. E isso não mudou com relação ao que pensava Furtado em 1957: "O esforço de aperfeiçoamento realizado pelos analistas da competência imperfeita e, no campo macroeconômico, pelos keynesianos, não comprometeu a essência da teoria marginalista. Foi amplamente reconhecida a importância das imperfeições do mercado no que diz respeito à distribuição da renda e já se tem como ponto pacífico que a "posição de equilíbrio" não se confunde necessariamente com o pleno emprego da mão-de-obra. O modelo inicial não lograra explicar uma série de fenômenos de importância prática. Cumpria modificá-lo, e um fecundo esforço foi realizado nesse sentido" 77.

76 Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp.151, 152 e 153. Esta é uma ideia já presente em Marshall: "It has already been observed that new methods of production bring into existence new commodities, or lower the price of old commodities so as to bring them within the reach of increased numbers of consumers; that on the other hand changes in the methods and volume of consumption cause new developments of production, and new distribution of the resources of production"... Marshall, A. - Principles of Economics, op.cit., p.296.

77 Furtado, C. - "A Análise Marginalista e a Teoria do Subdesenvolvimento", in Contribuições à Análise do Desenvolvimento Econômico, op.cit., p.116.

Progresso Técnico e Acumulação de Capital. Uma vez analisado as críticas de Furtado às teorias econômicas existentes, veremos agora seu modelo analítico propriamente dita. Antes, porém, convém nos determos um pouco na explicação de Furtado da "ascensão do progresso técnico como ponto focal do sistema capitalista". Furtado se dá conta do fato decisivo que foi a possibilidade de introdução sistemática da ciência no processo produtivo, a utilização da ciência nos negócios: "Não há dúvida que o desejo de compreender e explicar o mundo físico e metafísico tem sido comum a todas as culturas. Entretanto, foi somente na economia industrial que esse impulso fundamental do espírito humano se incorporou ao elemento motor do sistema econômico. É fácil compreender a força explosiva que resultaria da conjugação desses dois impulsos básicos do homem: o desejo de riqueza e poder, e a aspiração de compreender e explicar o mundo em que vivemos" ⁷⁸. A razão da ascensão da "técnica de produção ao ponto focal do sistema econômico" foi o acirramento da concorrência inter-capitalista a partir do século XIV com a "saturação" das grandes linhas de comércio, bem como pela contração do universo econômico pela pressão das inovações otomanas. Desse modo, os custos de produção, que tinham pouca importância, passam a ter significação crescente. "Essa tensão crescente no comércio europeu, acarretada por uma concorrência cada vez maior, teria necessariamente que reper

⁷⁸ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.151.

cutir no regime de organização da produção, passando os custos a ter significação crescente" ⁷⁹.

Essa explicação de Furtado para a introdução sistemática do conhecimento científico no processo produtivo parece ter razão de ser como um dos fatores explicativos do fenômeno. Mas, Furtado não considera o que é fundamental para compreender porque a união entre ciência e indústria ocorre "after the arrival of modern capitalism and the emergency of sophisticated bodies of theoretical science" ⁸⁰. Para Marx, segundo Rosenberg, a resposta estaria na falta de uma base tecnológica que permitisse a aplicação do conhecimento científico para a solução de problemas de produção industrial. E, essa base seria proporcionada pela maquinaria, cujo uso caracterizaria a ascensão da grande indústria. "The application of science to the productive process involves dealing with impersonal laws of nature and freeing itself from all dependence upon the organic. It involves calculations concerning the behavior of natural phenomena. It involves the exploitation of reliable physical relationships which have been established by scientific disciplines. It involves a degree of predictability of a purely objective sort, from which the uncertainties and subjectivities of human behavior have been systematically excluded. Science, in short, can only incorporate its findings in impersonal ma

⁷⁹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.146.

⁸⁰ Rosenberg, N. - "Karl Marx on the Economic Role of Science", in Journal of Political Economy, Jul/Ago-74, p. 717.

chinery" ⁸¹. Como coloca Belluzzo ⁸², a maquinária cristaliza a própria "natureza" técnica do capital, assumindo o processo de produção uma forma absolutamente objetiva e, portanto, abrindo caminho à introdução sistemática da ciência no processo produtivo.

Mas, por outro lado, na argumentação de Rosemberg parece ficar uma lacuna: porque a maquinaria, que não só viabiliza a introdução da ciência no processo produtivo mas também resulta desta, só aparece em determinada época? Rosemberg aponta uma possível resposta em Marx: "There is an important learning experience at the technological level before this can be done well. "It is only after considerable development of the science of mechanics, and accumulated practical experience, that the form of a machine becomes settled entirely in accordance with mechanical principles, and emancipated from the traditional form of the tool that gave rise to it". A typical aspect of the innovation process, therefore, is that machines go through a substancial process of modification after their first introduction" ⁸³. Mas ainda assim, a idéia de Furtado, de uma intensificação da concorrência como um dos fatores que explicam a introdução sistemática da ciência no processo produtivo, parece pertinente; afi

⁸¹ Rosemberg, N. - "Karl Marx on the Economic Role of Science", in Journal of Political Economy, op.cit., pp. 719 e 720.

⁸² Belluzzo, L.G.M. - Um Estudo sobre a Crítica da Economia Política, tese de doutoramento, UNICAMP, 1975, pp.68 e 69.

⁸³ Rosemberg, N. - "Karl Marx on the Economic Role of Science", in Journal of Political Economy, op. cit., p. 721, nota 15.

nal, somente "séculos" depois da "chegada do capitalismo moderno e da emergência de um sofisticado corpo teórico científico" o "casamento" da ciência e da indústria ocorre. Vejamos agora o modelo de Furtado.

O progresso técnico para Furtado joga um papel central no processo de desenvolvimento econômico, uma vez que é a causa fundamental do contínuo aumento de produtividade que se observa nas economias que se desenvolveram a partir da revolução industrial ⁸⁴. O aumento de produtividade, que decorre da introdução de novos métodos produtivos, ao elevar a renda real provoca uma diversificação da procura que amplia as oportunidades de inversão" ⁸⁵. A massa de lucros gerada numa economia capitalista não só tem que ser reintroduzida no sistema econômico, como também que sua introdução se faça de determinada forma, na medida em que as inversões são não somente um fator gerador de renda mas também criam capacidade produtiva. "Para funcionar sem dificuldades, o sistema não somente exige que seja utilizada a totalidade da renda mas, também, que essa renda seja utilizada mais ou menos de determinada forma. Está aí a causa da grande instabi

⁸⁴ "O desenvolvimento econômico, conforme dissemos, consiste na introdução de novas combinações de fatores de produção que tendem a aumentar a produtividade do trabalho". Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.91.

⁸⁵ "A evolução da procura, da mesma forma que o aumento da produtividade, é uma variável independente no processo de desenvolvimento. Com o aumento da produtividade, cresce o potencial produtivo da economia. Mas, se a procura não se diversificasse, uma vez satisfeitas as necessidades básicas da população, tenderia a ficar ociosa uma parte crescente daquele potencial". Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.98.

lidade das economias industriais... Em outras palavras, para funcionar normalmente, esse sistema necessita crescer, isto é, aumentar continuamente sua capacidade produtiva" 86.

Furtado tem bem claro que a própria forma de crescimento de uma economia capitalista industrial é cíclica, mas as causas que aponta para isto parecem se enquadrar no que Schumpeter chama de "ciclo por erro" 87, uma vez que as flutuações decorreriam meramente por erros de cálculo: "Para orientar-se na elaboração de seus planos de inversão os empresários dispõem de meios muito imprecisos, razão pela qual colocam, via de regra, demasiados recursos num setor e insuficientes noutros... Para que o desenvolvimento da economia industrial de livre-empresa se fizesse sem altos e baixos, seria necessário que os empresários pudessem prever exatamente o comportamento futuro dos consumidores e, além disso, que se pusessem de acordo para não sobreinverter em um setor e subinverter noutros" 88.

A diversificação da procura, por seu turno, somente ocorrerá se parte do aumento da renda real se traduzir num aumento dos salários reais, dado que Furtado parte da hipótese de que o consumo da classe capitalista é regulado por fa

86 Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp.157 e 159.

87 "Again, most people will link up recessions with errors of judgment, excesses, and misconduct. This is no explanation at all; for it is not error, etc., as such but only a cluster of errors which could possibly account for widespread depressive effects".
Schumpeter, J.A. - Business Cycles, op.cit., p.116.

88 Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.159.

tores institucionais, sendo constante a curto-prazo, independentemente de variações no nível de renda ⁸⁹ e o consumo dos trabalhadores "é determinado pelo seu nível de renda corrente, apresentando-se praticamente nula sua capacidade de poupança"... ⁹⁰. Por outro lado, uma vez garantida a elevação contínua dos salários reais, a diversificação da procura seria automática ⁹¹; entretanto, se todo aumento de produtividade for absorvido pelos salários não haverá poupança e, por conseguinte, acumulação de capital e crescimento ⁹².

Em outras palavras, a continuidade do processo de desenvolvimento vai depender da forma como se distribui o aumento da renda real entre o consumo e a poupança o que, em

⁸⁹ "Já nos referimos ao fato de que o consumo de classe capitalista é determinado por fatores institucionais e, praticamente, independe de flutuações, a curto-prazo, no nível de renda global".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.183.

⁹⁰ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.172

⁹¹ "É fato comprovado pela experiência que a procura tende a modificar-se, no sentido da diversificação, sempre que se eleva o salário real médio. Inquéritos realizados entre os mais variados grupos sociais confirmam essa tendência à diversificação da procura. Assim, a procura de alimentos cresce sensivelmente nas primeiras fases do desenvolvimento, mas diminui seu ritmo de aumento uma vez atingidos certos níveis de renda real per capita".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.98.

⁹² "O caso oposto é proporcionado por uma economia agrícola à base de unidades familiares. O incremento de renda assume, aí, a forma de salários e de remuneração a pequenos proprietários, em sua quase totalidade. A diversificação da procura alcança o seu máximo, no sentido de que os gastos totais em consumo crescem com o máximo de rapidez. Em contrapartida, a taxa de poupança será reduzida, o que terá efeito negativo sobre o crescimento".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.98.

virtude das hipóteses assumidas (trabalhadores não poupam e consumo capitalista constante), significa saber como evolui a distribuição de renda entre capitalistas e trabalhadores. Furtado afirma que a distribuição de renda depende de fatores institucionais que regulam a apropriação do excedente⁹³; um conceito de excedente, que em sua definição formal é o mesmo de Paul Baran⁹⁴, está ligado à idéia de apropriação de parte da produção por grupos minoritários seja pelo uso puro e simples da força bruta ou pelo poder que a apropriação privada dos meios de produção confere a seus detentores e é contraposto à supostamente falsa idéia dos neoclássicos de que a poupança não é o resultado da existência de um excedente mas de um ato de contenção ou abstinência. Furtado procura mostrar historicamente como a apropriação do excedente

⁹³ "Cabe, portanto, concluir que a estrutura da produção, a parcela da produção que se destina à acumulação e a distribuição da renda têm todas as mesmas causas fundamentais. Estas assentam no sistema institucional que se articula em torno do processo de apropriação do excedente". Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.122.

⁹⁴ Ver Baran, P. - A Economia Política do Desenvolvimento, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972, pp.74-75. A seme-lhança é apenas formal, uma vez que, como vimos, o conceito de mais-valia não tem sentido para Furtado. O conceito de excedente de Furtado expressa apenas a evidência de "que a acumulação reflete, basicamente, o fato de que qualquer sistema produtivo é capaz de proporcionar um produto maior do que aquele que seria necessário para manter a totalidade da população nas condições em que vivem os grupos de mais baixo nível de renda", e que historicamente, grupos minoritários foram capazes, de diversas maneiras, de apropriá-lo, fato este "extremamente simples e de observação universal" que "está na base do processo acumulativo". Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp.117-118.

por grupos minoritários está na base do processo de acumulação das diversas comunidades ao longo do tempo e da própria revolução industrial. Entretanto, no modelo de Furtado para explicar o funcionamento de uma economia capitalista industrial a própria idéia de excedente de produção, como procura remos mostrar, já não tem sentido, uma vez que este é totalmente explicitado a partir de categorias analíticas neoclássicas.

O ritmo de crescimento da economia é função de duas relações, a taxa de investimento (inversões-renda territorial) e a relação capital/produto (riqueza reproduzível aplicada ao processo produtivo - renda territorial), ou seja, as mesmas relações que definem a taxa de crescimento garantida de Harrod ⁹⁵ e a taxa de crescimento necessária de Domar ⁹⁶. A relação capital/produto expressa a quantidade de produto expressa a quantidade de produto que se obtém em média por unidade de capital investido, a um dado nível tecnológico, podendo variar no espaço e no tempo. Aqui Furtado parece seguir as suposições de Domar, admitindo que as variações no espaço se devem, principalmente, às diferenças entre duas regiões com respeito às dotações de recursos naturais, enquanto que as variações no tempo dependem de flutuações no grau de utilização da capacidade produtiva: "Mesmo fora das flutuações cíclicas inerentes à economia de livre-empresa, existe uma série de fatores friccionais que impedem a utilização

⁹⁵ Harrod, R.F. - "Dynamic Theory", in Growth Economics, selected readings, Ed. Amartya Sen, Harmondsworth, 1970.

⁹⁶ Domar, E. - "Capital Expansion and Growth", in Growth Economics, op.cit.

plena da capacidade produtiva das instalações existentes. Assim, a insuficiência de setores básicos - como os de transportes e a energia - pode determinar uma deficiência na utilização da capacidade produtiva de muitos outros setores"⁹⁷.

A taxa de investimento expressa a parte do produto que é poupada e transformada em capacidade produtiva. Seu comportamento é influenciado, a longo prazo, por fatores institucionais que atuam sobre a propensão a consumir⁹⁸; a curto prazo, o consumo de classe capitalista é constante o que, em função das hipóteses assumidas por Furtado (só os capitalistas poupam), significa que a propensão a poupar varia diretamente em função da flutuação no nível de renda. Nesse caso, as hipóteses de Furtado se aproximam mais das hipóteses de Harrod sobre a propensão a poupar⁹⁹, dado que Domar a supõe constante a longo-prazo, embora admitindo que varie nas distintas fases do ciclo¹⁰⁰.

⁹⁷ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.cit., p.103. Ver Domar, E. - "Capital, Expansion and Growth", op.cit., p.69. "The difference between them will depend on the magnitude of the rate of investment on the one hand, and the growth of other factors, such as labor, natural resources and technological progress on the other. A misdirection of investment will also produce a difference between S and T.

⁹⁸ No processo de desenvolvimento, o comportamento da taxa de capitalização é grandemente influenciado por fatores institucionais e de outras ordens que atuam sobre a propensão a consumir...as influências de certas formas do espírito religioso particularmente o puritanismo, sobre os hábitos dos consumidores nas etapas iniciais do capitalismo".

⁹⁹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.cit., pp.103-104. "This may be expected to vary, with the size of income, the phase of the trade cycle, institutional changes, etc.". Harrod, R.F., - "Dynamic Theory", op.cit., p.46.

¹⁰⁰ "Over the period 1879-1941 the average propensity to save (ratio of net capital formation to national income) was fairly constant... In a problem of cyclical character, an assumption of a constant propensity to save would be very bad, since we are interested here in a secular problem of continuous full employment, this assumption is not too dangerous.

Domar, E. - "Capital Expansion and Growth", op.cit., p.69 - nota 6.

Essa taxa de crescimento garantida deve ser igual à taxa de crescimento natural dada pelo crescimento da população e pelo progresso tecnológico. Se a primeira é superior, como ocorreu no início da 2a. fase do processo de desenvolvimento capitalista quando a oferta de mão-de-obra se torna relativamente inelástica, significa que a oferta de capital tende a crescer mais rapidamente que a do fator trabalho, "o que cria forte pressão no sentido da redistribuição da renda a favor dos trabalhadores. A redistribuição acarretaria, entretanto, uma baixa na taxa de lucros, desencadeando por um lado uma série de reações, tendentes a reduzir o volume de inversões, a criar desemprego temporário, a reduzir o ritmo de crescimento econômico, etc. O ponto crucial do problema estava, portanto, na relativa inelasticidade da oferta de mão-de-obra. Ou se aumentava a elasticidade da oferta de trabalho ou haveria que reduzir a importância relativa de produção de bens de capital e permitir que, nessa conformidade a renda se redistribuísse a favor dos grupos assalariados" ¹⁰¹. Desta forma como Furtado coloca o problema de equilíbrio entre as taxas de crescimento garantida e natural já transparece que o mecanismo de ajustamento não será dado pelas concepções neo-keynesianas ¹⁰² de ajuste através de modificações na distribuição de renda.

Para as concepções neo-keynesianas, tomando por ba

¹⁰¹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp.174-175

¹⁰² Ver Kaldor, N. - Ensayos sobre el valor y la distribución, Madrid, Ed. Tecnos, 1973 e Pasinetti, L. - "Profit and Growth", in Growth Economics, op.cit.

se o modelo de Kaldor, as taxas de crescimento natural e garantida não são independentes entre si; se a segunda é superior à primeira, a participação dos lucros na renda nacional diminui e com ela a propensão a poupar (a variável S no modelo de Harrod) até o nível de equilíbrio, igualando ambas as taxas de crescimento através de uma redução da taxa garantida, na medida em que a taxa de investimento passa a depender da proporção dos lucros na renda (estamos raciocinando aqui dentro do caso limite de Kaldor, onde a poupança dos trabalhadores é nula que é também a hipótese de Furtado)¹⁰³. Ora, para Furtado a diminuição da participação dos lucros na renda caracterizaria uma situação de desequilíbrio; o ajuste não se daria através de uma redução da taxa de crescimento garantida até a igualdade com a taxa natural de crescimento mas, ao contrário, trata-se de ajustar a taxa natural à taxa garantida através de um aumento da oferta relativa do fator trabalho.

Tampouco esse mecanismo de ajustamento se dará pelas concepções neoclássicas¹⁰⁴ de ajuste através de variações, ao longo de uma dada função produção, das proporções

103 "...las tasas de desarrollo "natural" y "garantida" no son independientes entre si; si las margenes de beneficios son flexibles, la segunda se ajustará a la primera, através de los consecuentes variaciones de P/y". A taxa de investimento (I/y) dependerá das propensões a poupar dos trabalhadores (SW) e dos capitalistas (SP) e da participação dos lucros na renda (P/y). Formalmente: $I/y = (SP-SW) P/y + SW$; dado que a hipótese é de que os trabalhadores não poupam (SW = 0), segue-se que $I/y = S_p P/y$. Kaldor, N. - Ensayos sobre el valor y la distribución, op.cit., p.209.

104 Ver Solow, R.M. - "Model of Growth" e Swan, T.W. - "Golden Ages and Production Functions", in Growth Economics, op.cit.

entre capital e trabalho. Para estas, se a taxa de crescimento garantida é superior à natural, ou seja, se o crescimento do estoque de capital é mais rápido que o crescimento da mão-de-obra, na ausência do progresso técnico ou com progresso técnico neutro, haverá um deslocamento ao longo da função de produção no sentido de um aumento da relação capital/trabalho, até o ponto em que as respectivas taxas de crescimento se igualem ¹⁰⁵. Em resumo, no modelo neoclássico de Solow e Swan a hipótese fundamental é de que o estoque de capital se expande à mesma taxa que a expansão do trabalho devido à flexibilidade de uma função de produção com possibilidade de substituição entre fatores infinita ¹⁰⁶.

No modelo de Furtado essa hipótese fundamental é destruída, na medida em que supõe uma função onde a possibi-

105 "When $\dot{r} = 0$, the capital-labor ratio is a constant, and the capital stock must be expanding at the same rate as the labor force, namely N . (The warranted rate of growth, warranted by the appropriate real rate of return to capital, equals the nature rate)... If the initial capital stock is below the equilibrium ratio, capital and output will grow at a faster pace than the labor force until the equilibrium ratio is approached. If the initial ratio is above the equilibrium value, capital and output will grow more slowly than the labor force".
Solow, R.M. - "Model of Growth", in Growth Economics, op. cit., pp.166-167.

106 "But this fundamental opposition of warranted and natural rates turns out in the end to flow from the crucial assumption that production takes place under conditions of fixed proportion. There is no possibility of substituting labor for capital in production. If this assumption is abandoned the knife-edge notion of unstable balance seems to go with it."
Solow, R.M. - "Model of Growth", in Growth Economics, op. cit., pp.161-62.

"I also assume continuous substitution between the factors of production, because this seems more convenient and realistic than discrete techniques"...
Swan, T.W. - "Golden Ages and Production Functions" in Growth Economics, op.cit., p.205.

lidade de substituição entre fatores não é contínua sendo, pelo contrário, bastante limitada ¹⁰⁷. A solução, para Furtado, foi encontrada na própria tecnologia, progressivamente "orientada no sentido de permitir combinação de fatores em que entravam quantidades crescentes de capital (definido no sentido convencional) por homem ocupado. Aquelas invenções que possibilitavam economia do fator mão-de-obra (dado um nível de produção já alcançado) tinham preferências às que permitiam aumento da produtividade física do trabalho, mas não permitiam reduzir a procura do fator mão-de-obra... Cabe a esta manter a flexibilidade do sistema, para que os fatores se combinem, em proporções compatíveis com a sua oferta"¹⁰⁸. Trata-se aqui da concepção de progresso técnico induzido por modificações nos preços relativos dos fatores de produção desenvolvida por Hicks ¹⁰⁹ para responder à questão da evolu

¹⁰⁷"Deve-se isso à relativa fixidez dos coeficientes técnicos (não é possível combinar fatores senão em determinadas proporções)"...
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.90.

¹⁰⁸ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp.177-179. Grifos nossos.

¹⁰⁹ Hicks, J.R. - The Theory of Wages, Londres, Macmillan, 1963. Embora Furtado não cite aqui o trabalho de Hicks, ele já o havia feito no artigo de 1957: "De acordo com a análise marginalista, desde que a oferta de capital tendesse a crescer mais intensamente do que a de mão-de-obra, a produtividade marginal do trabalho aumentaria mais rapidamente do que a do capital, sempre que os fatores disponíveis fossem absorvidos pela atividade econômica. Ora, o estoque de capital reprodutível vem crescendo nos países industrializados, a partir de meados do século passado, com intensidade pelo menos duas vezes maior que a do aumento da população ativa. Portanto, seria de esperar uma baixa persistente na produtividade marginal do capital, a qual deveria acarretar uma redução relativa na remuneração desse fator. É de supor que, se se tivesse gerado tal redução, o desestímulo por ela provocado ao espírito de empresa ter-se-ia constitu-

(Continua)

ção da distribuição de renda entre capitalistas e trabalhadores no curso do processo de desenvolvimento econômico. Vejamos o que diz Hicks.

Seu objetivo é mostrar o efeito do progresso econômico sobre a distribuição de renda, utilizando-se para isto do aparato analítico proporcionado pela teoria da produtividade marginal ¹¹⁰. A questão que se coloca é se existe alguma tendência em aumentar ou diminuir a participação do trabalho na renda nacional. Hicks trabalha com as hipóteses do sistema em equilíbrio e função de produção homogênea do 1º grau ignorando, portanto, a possibilidade de rendimentos da escala. A resposta a essa questão será dada na forma das seguintes proposições: a) um aumento na oferta de um fator de produção aumentará sua participação absoluta, isto é, seu rendimento real se a elasticidade de demanda por ele for

109 (Continuação).

ido em freio poderoso ao crescimento econômico. O que na realidade se passou não pode ser totalmente explicado ao nível presente do conhecimento empírico dessa etapa do desenvolvimento das atuais economias industrializadas. Contudo, sempre se pode especular um pouco sobre a matéria sem se afastar demasiadamente da realidade. Por exemplo: é mais ou menos evidente a importância que teve a esse respeito o desenvolvimento da técnica. A ele se deve que a oferta relativa de mão-de-obra aumentasse muito mais intensamente do que teria sido possível, a base do simples crescimento da população. A técnica - através da invenção - coube desempenhar papel equilibrador das ofertas de trabalho e de capital. As invenções poupadoras de trabalho - segundo a classificação de Hicks - teriam apresentado muito mais atrativo econômico do que aquelas poupadoras de capital".

Furtado, C. - "A análise Marginalista e a Teoria do Subdesenvolvimento" in Contribuições à Análise do Desenvolvimento Econômico, op.cit., pp.170-171. Grifos Nossos.

110 "The effect of progress upon distribution was a question inevitably raised by Ricardian theory of rent, and naturally it often engaged the attention of the classical economists. But we do not now need to go back to the classical economists. But we possess today, in the marginal product theory, a much superior line of approach to it".

Hicks, J.R., The Theory of Wages, op.cit., p.112.

maior do que a unidade; b) um aumento na oferta de um fator sempre aumentará a participação absoluta de todos os demais fatores tomados conjuntamente; c) um aumento na oferta de um fator aumentará sua participação relativa na renda nacional se sua "elasticidade de substituição" for maior do que a unidade.

Esta última proposição é nova e depende do conceito de "elasticidade de substituição" ¹¹¹ entre fatores de produção. Se a elasticidade de substituição for igual à unidade significa que o aumento da oferta de um fator de produção aumentará a produtividade marginal dos demais fatores na mesma proporção em que aumenta o produto total ¹¹², ou seja, não haverá alterações nas participações relativas dos fatores na renda; se for maior que um aumentará a participação relativa do fator variável; se for menor do que um diminuirá sua participação. Pela 2a. proposição o aumento da oferta de um fator de produção aumentará a produtividade marginal dos demais fatores; dessa maneira, para que a participação relativa dos demais fatores não aumente também é necessário que o aumento na oferta do fator variável "compense" ou

¹¹¹ Segundo Ferguson, este conceito foi objeto de uma intensa investigação por ter sido mal compreendido inicialmente, na medida em que Hicks não o teria formulado precisamente no texto de seu livro e sua formulação matemática, apesar de precisa, só se aplica a funções homogêneas de 1º grau.
Ferguson, C.E. - The Neoclassical Theory of Production and Distribution, Cambridge, University Press, 1971, p.90.

¹¹² "The case where the elasticity of substitution is unity ... the increase in one factor will raise the marginal product of all other factors taken together in the same proportion as the total product is raised".
Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., p.117.

ou mais que "compense" esse aumento da produtividade marginal dos demais fatores. Portanto, pode-se definir o conceito de "elasticidade de substituição" como sendo "igual al incremento relativo del cociente entre las cantidades de los factores dividido por el incremento relativo del cociente de sus productividades marginales físicas" ¹¹³.

A substituição entre fatores devido a mudanças nos preços relativos pode tomar tres formas: a) um deslocamento da produção para produtos que requeiram, para serem produzidos, maiores quantidades do fator que teve seu preço relativo diminuído e menos daquele que teve um preço relativo aumentado; b) a utilização de métodos de produção já conhecidos, que implicam na utilização mais intensa do fator que teve um preço relativo diminuído ¹¹⁴; c) um estímulo à pesquisa de novos métodos produtivos que utilizarão mais do agora fator mais barato e menos do mais caro - o progresso técnico induzido. Esta última forma é, na verdade, a responsável pela manutenção da flexibilidade de um sistema que tende a se expandir rapidamente. Na ausência de dinamismo técnico, ou melhor, numa economia onde o progresso técnico é "letárgico", um aumento na taxa de crescimento do capital relativamente à do trabalho pode ser reequilibrado pelas duas primeiras formas de substituição de fatores somente até certo ponto, normalmente nas etapas iniciais do processo de de

¹¹³ Robinson, J. - Economía de la Competencia Imperfecta, Barcelona, Ed. Martínez Roca, 1969, p.389, nota 3. Para uma formalização matemática clara ver Allen, R.C.D., Teoría Macroeconómica, Madrid, Aguilar, 1970, pp.58 e ss.

¹¹⁴ Equivale à idéia de Solow e Swan, de ajuste através de um deslocamento ao longo de uma função de produção conhecida.

envolvimento: "It is conceivable that in the early stage these may be sufficient to keep the elasticity of substitution greater than unity. In that case, the relative share of capital will increase, even though the absolute share of labour increases simultaneously. But as capital continues to grow, it is certain that the more advantageous applications will be used up; the elasticity of substitutions must fall, and ultimately the relative share of capital must fall and of labour rise. It is impossible to say how soon this stage will set in, but it must set in sooner or later. But of course this process involves a fall in the marginal product of capital and therefore of the rate of interest. Eventually the fall in interest will check saving, and the community whose technique does not progress approach the "stationary state" of the classical economists" ¹¹⁵.

Dado a hipótese de concorrência, uma invenção somente será rentavelmente adotada se seu efeito último for aumentar a renda nacional. Pois se é para aumentar os lucros dos empresários que a adotam, ele deve reduzir seus custos, ou seja, produzir mais com os mesmos recursos ou a mesma coisa com menos recursos, liberando-os para serem utilizados na produção de outros produtos. As invenções podem ser classificadas de acordo com os efeitos iniciais que produzem no sentido de aumentar, deixar constante ou diminuir as produtividades marginais relativas do capital e do trabalho ¹¹⁶.

¹¹⁵ Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., pp.127-128.

¹¹⁶ Para uma ilustração gráfica desses efeitos do progresso técnico induzido sobre as produtividades marginais do capital e trabalho, ver Bo Södersten, International Economics, Londres, Macmillan, 1973, pp.160 e ss.

"We may call these inventions "labour-saving", "neutral", and "capital-saving" respectively. "Labour-saving" inventions increase the marginal product of capital more than they increase the marginal product of labour; "capital-saving" inventions increase the marginal product of labour more than of capital; "neutral" inventions increase both in the same proportion" ¹¹⁷. Uma invenção poupadora de trabalho não diminui, necessariamente, a participação absoluta dos salários na renda, somente se for "very labour-saving" ¹¹⁸; pelo contrário, a participação absoluta dos salários na renda tende a aumentar dada a 2a. proposição, como vimos, bem como pela existência de invenções autônomas, que tendem a ser neutras aumentando a produtividade marginal de ambos os fatores de produção na mesma proporção.

De modo geral, Hicks supõe que numa economia onde o progresso técnico é muito ativo a elasticidade de substituição entre fatores deverá ser maior do que a unidade, havendo, portanto, uma tendência ao decréscimo da participação relativa de um dos fatores (no caso o trabalho) na renda nacional. Essa hipótese se baseia em algumas evidências empíricas levantadas pelo professor Bowley, de que "the share of property in the National Income of Britain just before the

¹¹⁷ Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., p.122.

¹¹⁸ Uma invenção será "very labour-saving" se seu custo fosse tal que, tivesse sido conhecida antes da mudança nos preços relativos, teria sido introduzida rentavelmente: "The only kind of invention which is likely to have this effect is that which has already been mentioned - that which is inspired by a change in relative prices, but which would have been profitable to apply even before prices changed".
Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., pp.128-129.

war about one-third; and it would seem to follow from this one ascertained fact that there must have been periods in English history when the elasticity of substitution between labour and property was greater than unity. For it is practically inconceivable that a few centuries ago the share of property can have been anywhere near this figure"¹¹⁹. Mas, por outro lado, os dados do próprio professor Bowley mostram que no período imediatamente anterior à guerra, a participação relativa do capital na renda nacional não está aumentando; pelo contrário parece haver apresentado uma ligeira queda. No entanto, segundo Hicks isto não contraria a suposição de que o progresso técnico induzido tende a aumentar a participação do capital na renda; apenas que neste período o progresso técnico não teria sido suficientemente dinâmico para contrarrestar o rápido crescimento do capital que caracteriza esse período. "If capital is increasing more rapidly than the supply of labour (and it may be fairly supposed that this has generally been the case in modern English history), a tendency towards a diminished elasticity of substitution will generally set in as capital grows. This diminution may be counteracted by invention - it is conceivable that it might be counteracted indefinitely - but clearly invention has a progressively harder task as the process goes on. Invention has generally been increasing in activity, but it is quite possible that this increase has failed to set off the fall due to the first cause"¹²⁰. As exportações de capital

¹¹⁹ Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., pp.130-131.

¹²⁰ Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., p.132.

foram a solução encontrada para evitar uma elevação dos salários ¹²¹. Não há nenhum motivo para supor que esta situação vá perdurar; um progresso técnico intenso significa prosperidade, uma esperança concreta. Em resumo a suposição de Hicks de que a intensidade do progresso técnico tende a ser tal que a elasticidade de substituição entre fatores seja maior do que a unidade, é apenas uma possibilidade, que ele acredita favorável ¹²², e não uma premissa básica do modelo. Nesse sentido, a hipótese de que o progresso técnico induzido no sentido de poupar trabalho possa gerar uma elasticidade de substituição entre fatores igual à unidade, mantendo constante, portanto a participação relativa entre os fatores na renda nacional, não é contraditória com as premissas básicas do modelo.

Furtado vai trabalhar com a hipótese de elasticidade de substituição igual à unidade dadas as fortes evidências empíricas, que se apresentaram posteriormente à publicação do trabalho de Hicks, de que a relação produto/capital e a participação dos lucros na renda nacional vinham se mantendo constantes, evidências estas em que se baseou Kaldor ¹²³

¹²¹ "This is indeed less certain than usual for the years which immediately preceded the war, in view of the extraordinary export of capital in that period, and its natural consequence, a great retardation in the rate of increase of real wages".
Taussing, International Trade, apud Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., p.132, nota 1.

¹²² "...The chance of an elasticity of substitution greater than unity stands in an altogether different order of probability".
Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., p.130.

¹²³ Ver Kaldor, N. and Mirrlees, J.A., "Growth Model with Induced Technical Progress", in Growth Economics, op.cit., p.363.

na formulação de um novo modelo de crescimento estável sem recorrer à categoria neoclássica de função de produção, onde a idéia de elasticidade de substituição entre fatores joga papel fundamental na determinação da repartição de renda entre salários e lucros. "Ao fato de terem as economias capitalistas logrado solucionar esse problema, ao mesmo tempo que mantinham o nível de participação dos lucros no produto, deve-se a manutenção da elevada taxa de crescimento que também caracterizou a segunda etapa do desenvolvimento industrial moderno" ¹²⁴.

As conclusões teóricas do que foi visto até aqui, tem implicações importantes sobre a questão da determinação dos salários monetários. Uma vez que o nível de preços deve cair quando aumenta a produtividade e aumentar quando esta cair ¹²⁵ se o valor monetário da renda nacional cresce na mesma proporção que o crescimento da população e o capital cresce mais rápido que esta, "then the trend of money wages depends upon the elasticity of substitution. If the elasticity of substitution is less than unity, the average level of money wages will rise; but in the contrary it will fall" ¹²⁶.

Este último caso ocorre, como nos períodos de pros

¹²⁴ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.175.

¹²⁵ ..."The price-level ought to fall with rising productivity and rise with falling productivity; if it does not do so, there will be in the one case a boon in trade, leading to dangerous over-expansion, in the other case there will be monetary causes making for a depression". Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., p.133.

¹²⁶ Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., p.134.

peridade geral, com os salários reais crescendo apesar da redução de sua participação relativa na renda. Mas o que é importante ressaltar, é que a necessidade de que os salários monetários caíam para que os salários reais se mantenassem nos seus níveis de equilíbrio implica em muitas dificuldades , "for the raising of real wages through falling money wages with prices of consumption goods falling more rapidly could not be a smooth and painless process. The reductions in wages would almost inevitably take place at intervals, which would not correspond exactly in time with equivalent falls in prices. There would thus certainly be temporary reductions in real wages; the trend of real wages might be upward, but there would be sharp fluctuations about the trend. It would thus not be in the least surprising if the reductions in money wages were strongly resisted" ¹²⁷.

Se os salários monetários não caírem seja por pressão sindical ou por imposição do Estado, haverá divergência entre os salários pagos e os salários de equilíbrio, ou seja, os salários se elevarão relativamente à sua produtividade marginal. O aumento dos salários "above the competitive level will contract the demand for labour, and make it impossible to absorb some of the men available. As the employment of labour contracts, the marginal product of the men still employed will rise; when the marginal product has risen to a level corresponding to the new wage, the increase in unemployment will stop" ¹²⁸.

¹²⁷ Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., pp.134-135

¹²⁸ Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., p.179.

Em resumo, o que importa ter em conta no raciocínio de Hicks é que a determinação dos salários e portanto do perfil de distribuição da renda não depende de fatores institucionais, exógenos, tais como o grau de organização da força de trabalho, e sim da disponibilidade relativa de fatores de produção. A disponibilidade relativa de fatores tem a determinação, por sua vez, fundamentalmente o processo de acumulação de capital por um lado, e o progresso tecnológico por outro ¹²⁹, sendo este último o elemento dinâmico, que ajusta a oferta dos fatores de produção ao ritmo do processo de acumulação de capital.

Na 1.ª fase do desenvolvimento capitalista, o fator variável era a mão-de-obra, sendo sua oferta totalmente elástica em função da desagregação da economia pré-capitalista. O trabalho era o fator abundante e o capital o fator escasso, cujo reflexo a nível dos preços relativos induz o progresso técnico no sentido de poupar capital (capital-savings inventions) ¹³⁰. Dada a oferta infinitamente elástica de trabalho, os salários não irão refletir a produtividade marginal, permanecendo abaixo do nível de equilíbrio, ao nível das condições de vida prevaescentes no setor pré-capita

129 "...The long-run economic forces which determine competitive wage-levels-invention, the accumulation of capital, and, in a open community, the direction of a foreing trade"...
Hicks, J.R. - The Theory of Wages, op.cit., p.181.

130 "Em tais condições, não há como negar que as inovações tecnológicas se afigurariam tanto mais econômicas quanto maior fosse a redução do custo unitário que elas permitissem, mediante o aumento da produção por unidade de capital aplicado no processo produtivo".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.cit., p.168.

lista: "O fenômeno é, até certo ponto, idêntico ao observado na primeira fase do desenvolvimento da economia capitalista, quando o sistema artesanal pré-existente ia sendo destruído e absorvido. Fase anterior ao momento em que o setor capitalista, em expansão, absorveria a totalidade ou quase totalidade dos recursos de mão-de-obra, permitindo que os salários reais, antes determinados em função das condições preexistentes de vida, passem a ser condicionados pelo nível de produtividade" ¹³¹. Essa diferença entre os salários reais pagos e os salários de equilíbrio era a apropriada pelos capitalistas ¹³², aumentando suas margens de lucro, o que tinha como resultado uma intensificação do processo de acumulação de capital, até o momento em que o setor de subsistência fosse totalmente absorvido tornando-se a oferta de trabalho relativamente inelástica. Nesse período de transição entre a 1a. e 2a. fases do desenvolvimento capitalista, enquanto não se tornam disponíveis os novos métodos produtivos "labour-intensive", a solução encontrada para evitar um aumento na taxa de salários e, portanto, uma queda na taxa de lucros que levaria um arrefecimento do processo de crescimento, foi a exportação de capital. "A fase de grandes exportações de bens de capital, em fins do século passado e começos do atual ,

¹³¹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.182.

¹³² "Por outro lado, como não havia pressão dos assalariados, em razão da crescente oferta de mão-de-obra provocada pela própria desorganização do artesanato, os frutos do aumento de produtividade não transferidos à população consumidora podiam ser retidos, em sua totalidade, pelo empresário".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.168.

constitui um simples período de transição - assumindo grandes proporções apenas no caso do primeiro país a industrializar-se, a Inglaterra - que teve a virtude de permitir o refinamento de soluções mais definitivas. Encontraram-nas na própria tecnologia, progressivamente orientada no sentido de corrigir o desequilíbrio fundamental, que se formara na etapa anterior" 133.

Essa idéia de Hicks, de progresso técnico induzido por modificações nos preços relativos dos fatores de produção, foi formalizada na década de 60 por Hayami e Ruttan 134 que a utilizaram para explicar as diferenças das funções de produção na agricultura entre os EUA e o Japão, países com distintas dotações de fatores produtivos. "We hypothesize that technical change is guided along an efficient path by price signals in the market provided that the prices efficiently reflect changes in the demand and supply of products and factors"... 135. Assim, as modificações nos preços relativos dos fatores provoca não somente uma mudança nas proporções relativas dos fatores de produção a um dado nível tecnológico, traduzindo um movimento ao longo de uma dada função de produção, mas também o estabelecimento de uma nova função

133 Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p.175.

134 Hayami, Y. and Ruttan, V.W. - Agricultural Development: An International Perspective, Baltimore and London, Johns Hopkins Press, 1971.

135 Hayami, Y. and Ruttan, V.W. - Agricultural Development: An International Perspective, op.cit., p.57.

de produção, mais compatível com os novos preços relativos
136. A hipótese implícita é que não existe funções de produ-
ção onde a substitubilidade entre fatores seja infinita, fun-
ções do tipo "jelly-like capital" para usar a expressão de
Joan Robinson; o que de resto não atinge, como vimos, as hi-
póteses fundamentais da teoria marginalista como, aliás, o
próprio Furtado reconhece 137.

Esse movimento de uma função de produção para ou-
tra, num prazo muito longo, descreve um movimento similar
àquele ao longo de uma mesma função de produção. Hayami e
Ruttan definem esse movimento como uma "meta-função de produ-
ção", cujo perfil reflete o potencial tecnológico de uma da-
da época, podendo ser considerada estável nesse período. "The
metaproduction function can be regarded as the envelope of
commonly conceived neoclassical production functions. In the
short-run in which substitution among inputs is circumscribed
by the rigidity of existing capital and equipment, production

136 "A requisite for agricultural productivity growth is the
capacity of the agricultural sector to adapt to a new
set of factor and product prices. This adaptation in-
volves not only the movement along a fixed production
surface but also the creation of a new production surface
which is optimum for the new set of prices".
Hayami Y. and Ruttan, V.W., Agricultural Development :
An International Perspective, op.cit., p.82.

137 "A análise marginalista pura admite quaisquer combina-
ções entre trabalho e capital, o que, evidentemente, não
corresponde à realidade. Contudo, não é essa uma difi-
culdade fundamental, pois se trata de simplificação de
alcance metodológico que pode ser abandonada quando seja
conveniente".
Furtado, C. - "A Análise Marginalista e a Teoria do Sub-
desenvolvimento", in Contribuições à Análise do Desenvol-
vimento Econômico, op.cit., p.165.

relationships can best be described by an activity with relatively fixed factor-factor and factor-product ratios. In the long-run, in which the constraints exercised by existing capital disappear and are replaced by the fund of available technical knowledge, including all alternative feasible factor-factor and factor-product combinations, production relationships can be adequately described by the neoclassical production function. In the secular period of production, in which the constraints given by the available fund of technical knowledge are further relaxed to admit all potentially discoverable possibilities, production relationships can be described by a metaproduction function which describes all conceivable technical alternatives that might be discovered The metaproduction function may shift with the accumulation of general scientific knowledge. We do consider, however, that it is operationally feasible to assume a reasonable degree of stability for a technical "epoch", the time range relevant for many empirical analyses" 138.

Em resumo, o progresso técnico tende a ser condicionado pela disponibilidade relativa de fatores de uma dada economia, que foi de relativa escassez do fator trabalho nas economias hoje consideradas maduras ¹³⁹, de maneira que ao

138 Hayami, Y. and Ruttan, V.W., Agricultural Development: An International Perspective, op.cit., pp.82-83

139 ..."ao fato de que a tecnologia vem se desenvolvendo em função da disponibilidade relativa de fatores e recursos dos países que lideram o processo de industrialização". Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op.cit., p.91.

longo do processo de desenvolvimento econômico, as funções de produção se tornam cada vez mais "capitalísticas", descrevendo um movimento ao longo de uma dada metafunção de produção no sentido da utilização de maiores proporções de capital relativamente ao trabalho. Furtado vai procurar mostrar como se deu esse processo de reorientação do progresso tecnológico, ao nível das relações inter-departamentais, entre o setor produtor de bens de capital (D_1) e o setor produtor de bens de consumo (D_2), apoiando-se no trabalho de Joan Robinson ¹⁴⁰. Seu raciocínio é contraditório e equivocado, e isso parece decorrer das dificuldades inevitáveis que surgem quando se tenta explicitar melhor determinados mecanismos de um modelo construído a partir de categorias analíticas neoclássicas, apoiando-se numa análise que tem por base categorias analíticas distintas. Joan Robinson, da mesma maneira que Kaldor ¹⁴¹, rejeita explicitamente a idéia de função de produção e as hipóteses subjacentes ¹⁴², formulando uma análi

¹⁴⁰ Robinson. J. - The Accumulation of Capital, Londres, Macmillan, 1969.

¹⁴¹ Ver Kaldor, N. - Ensayos Sobre el Valor y la Distribución, op.cit., p.12.

¹⁴² "The analysis has been set out with so much elaboration not to provide a model for actual economies but in order to guard against a confusion of thought into which it is only too easy to fall. The proposition that an increase in mechanisation is associated with a fall in the rate of profit and rise in real wages is liable to be confused with the doctrine that increasing mechanisation causes profits to fall and wages to rise... (By lowering the 'marginal productivity' of capital' and raising that of labour) ... Our argument brings out the fact that accumulation as such which tends to raise wages, while mechanisation checks the fall in the rate of profit that would occur if accumulation continued in the absence of scope for mechanisation".
Robinson, J. - The Accumulation of Capital, op.cit., p. 151.

se radicalmente distinta das concepções Hicksianas de progresso técnico induzido por modificações nos preços relativos dos "fatores de produção". Vejamos.

Se o processo de acumulação de capital é mais rápido (a taxa garantida de Harrod) que a taxa de crescimento natural dado pela expansão da oferta de mão-de-obra e pelo progresso técnico, os salários crescerão mais rapidamente que a produção por homem, levando a uma queda na taxa de lucros e, portanto, uma diminuição na taxa de crescimento garantida até igualar-se com a taxa natural. Para se manter o mesmo ritmo de crescimento seria necessário que a taxa de expansão do progresso técnico se acelerasse a partir da introdução de inovações tecnológicas que, aumentando o grau de mecanização da economia, impedem a queda na taxa de lucros, aumentando a produtividade do trabalho de maneira que os salários não subam mais que proporcionalmente a esta: "... accumulation cannot permanently continue (with a given labour force) at a faster rate than technical progress. When it has been faster for a time a condition of scarcity of labour begins to emerge, as the increment of new capital goods requiring man-power grows from month to month, just as it does when accumulation is running ahead of the growth of population with constant technique... Real wages tend to rise faster than output per head, the rate of profit tends to fall, and the increased demand for consumption goods tends to draw labour out of investment sector, so that the rate of accumulation tends to be slowed down to the pace of technical progress... If the rate of accumulation were

speeded up (or the rate of growth of population were to decline, or the available supply of labor to be reduced by shortening hours, while accumulation went on as fast) the pressure of scarcity of labour, driving up wage rates, would induce more inventions to be made and hasten the diffusion of improvements already known, so that the level of real wages would rise all the faster. The limit to the rate of growth of wealth, over the long run, is set not by the technical boundaries but by lethargy which develops when the goad of competition and rising wage rates is blunted" ¹⁴³.

O que é preciso ter claro no modelo de Joan Robinson, é que um maior grau de mecanização do sistema em resposta a uma escassez relativa de trabalho não implica necessariamente num viés do progresso técnico no sentido de métodos produtivos "capital-using". Sua concepção de neutralidade do progresso técnico é distinta da de Hicks. Para este, como vimos, progresso técnico neutro é aquele que aumenta na mesma proporção as produtividades marginais do trabalho e do capital, aumentando a produtividade marginal do capital mais que proporcionalmente a do trabalho se for "labour-saving" e vice-versa se for "capital-saving". E, numa situação de relativa escassez de trabalho o aumento do grau de mecanização da economia terá, necessariamente, que ser obtido pela introdução de métodos produtivos "labour-saving". O equilíbrio na distribuição de renda entre capital e trabalho estaria dado pela elasticidade de substituição entre fatores e qual-

¹⁴³ Robinson, J. - The accumulation of Capital, op.cit., pp. 96, 99 e 100.

quer que seja o viés do progresso tecnológico, a distribuição de renda permanecerá inalterada se esta for igual à unidade.

Para Joan Robinson, ao contrário, um contínuo viés no progresso tecnológico levaria a uma participação crescente dos lucros na renda no caso de inovação "capital-using" ou uma participação decrescente no caso de inovações "capital-saving".¹⁴⁴ A estabilidade na distribuição de renda entre capital e trabalho depende, portanto, da neutralidade do progresso tecnológico. "The relation of Betaplus to Beta technique is neutral: that is to say output per head is raised by it in the investment sector (in terms of productive capacity) in the same ratio as in the consumption sector ... When technical progress is neutral a rate of accumulation which is such as to keep the rate of profit constant at the same time keeps the real-capital ratio and the share of wages in the value of output constant. Productive capacity and the value of capital increase at the same rate. With biased progress the rate of profit and the real-capital ratio cannot both remain constant, and the relation of the value

¹⁴⁴ "When Beta techniques is capital-saving relatively to Betaminus, there is a release of labour from the investment to the consumption sector, for output per head (in terms of productivity capacity) is rising faster in the investment sector...than in consumption sector... When Beta technique is capital-using relatively to Beta-minus, output per head rises faster in the consumption sector. Labour is released from the consumption sector and absorbed into investment sector. When a single bout of capital-using innovations is followed by a neutral bout the investment sector remains at its enlarged size. When subsequent innovations are also capital-using the investment sector continues to grow relatively to the consumption sector".
Robinson, J. - The Accumulation of Capital, op.cit., p. 168.

of capital to productive capacity is altered" ¹⁴⁵. Na verdade, esta é a condição para que o sistema esteja em equilíbrio a longo prazo. Os salários reais crescem proporcionalmente com o aumento da produção por homem, a taxa de lucros permanece constante, bem como a relação produto/capital ¹⁴⁶.

O fato de que no modelo de Joan Robinson um viés no progresso técnico tende a aumentar ou diminuir a participação dos lucros ou salários na renda, não significa que as economias não desenvolvam técnicas mais adequadas à sua disponibilidade relativa de capital e trabalho: "A different phase of technical knowledge is shown in a different spectrum of possible techniques. One phase of knowledge is superior to another, at a given real-capital ratio, if output per man is greater at that real-capital ratio. (One spectrum may be superior to another at right ratios and inferior at lower ratios. Then if each economy has developed technique along the lines suited to its own situation - the one with relative scarcity of labour having developed more capital-using methods of production, and the one with relative scarc

¹⁴⁵ Robinson, J. - The accumulation of capital, op.cit., pp. 159 e 164.

¹⁴⁶ Now, when the system is working in such a way that productive capacity increases at the same pace as output per head, there is steady employment of the given labour force over the long run. The division of the labour force (and of productive capacity of capital goods) between the investment sector and the consumption sector then remains unchanged as time goes by. A given number of workers in the investment sector produce plant (for both sectors) of an ever increasing productivity capacity, and a given number of workers in the consumption sector operate it to produce an ever increasing output. Real wages rise with output per man, and the rate of profit remain constant".
Robinson, J. - The accumulation of capital, op.cit., pp. 87 e 88.

ity of capital having developed less capital-using methods - we cannot say in general which one is superior to the other) 147. Mas, uma vez adequado os novos métodos produtivos à disponibilidade relativa de trabalho e capital de uma dada economia através de um viés no progresso tecnológico, para que se reestabeleça o crescimento equilibrado com distribuição de renda constante (a idade do ouro) é necessário que as inovações tecnológicas voltem a ser neutras 148.

Vejamos agora o raciocínio de Furtado: "Um excesso estrutural de oferta, no setor de bens de capital, tende a refletir-se em redução dos custos da inversão, no setor de bens de consumo, onde são utilizados em sua grande maioria os equipamentos. Na medida em que os equipamentos mais baratos vão penetrando nas indústrias de bens de consumo - seja para reposição, seja para ampliação - a rentabilidade desse setor tende a aumentar, com respeito ao conjunto da economia. Ora, a maior rentabilidade no setor de bens de consumo significa, em última instância, que uma fração maior dos bens de consumo produzidos não é consumida pelos operários

147 Robinson, J. - The accumulation of Capital, op.cit., p. 132.

148 "When a bout of innovations with a capital-using bias takes place and accumulation is such as to keep the rate of profit constant, the real-capital ratio rises and the share of wages in the value of output falls. As before, the economy thereafter experience neutral progress, and move into a golden age after a once-for-all rise in the real-capital ratio, or, if the bias continues, it may enjoy a quasi-golden age with a constant rate of profit, a continually rising real-capital ratio and falling share of wages in the value of output.
Robinson, J. - The Accumulation of Capital, op.cit., p. 167, grifos nossos.

dessa mesma indústria, e, portanto, fica livre para ser consumida no setor de bens de capital. Como esse setor não está em crescimento, manifesta-se uma pressão no sentido da baixa dos preços dos bens de consumo, que, em última instância, significa uma elevação do salário real, em termos de mercadorias produzidas pelo setor manufatureiro. A tendência à elevação do salário real incidirá mais fortemente sobre as indústrias de bens de capital que já estejam operando com baixa rentabilidade. Dessa situação decorre que as técnicas mais avançadas - que implicam maior densidade de capital por pessoa ocupada - encontram condições econômicas relativamente mais favoráveis nas indústrias produtoras de bens de capital. E o avanço mais rápido da tecnologia nas indústrias produtoras de bens de capital tem consequências fundamentais para todo desenvolvimento da economia. Crescendo a sua produtividade física mais intensamente que nas indústrias de bens de consumo, os preços dos equipamentos tendem a declinar em termos de produtos manufaturados de consumo, o que induz a substituir, nas indústrias de bens de consumo, mão-de-obra por equipamentos. Daí resulta uma tendência a aumentar o grau de mecanização, em todo o sistema, isto é, a aumentar a densidade de capital fixo por pessoa ocupada. Como o preço dos equipamentos, em termos de manufaturas de consumo (e, portanto, em termos de salários reais), vem diminuindo, a maior mecanização não implica, necessariamente, redução da taxa de rentabilidade dos novos capitais investidos.

O forte avanço relativo da tecnologia nas indús

trias de bens de capital permitiu conciliar a forma de distribuição da renda, que cristalizara no período de absorção da economia pré-capitalista, e uma forte participação das indústrias de bens de capital no produto total, com uma oferta de mão-de-obra relativamente pouco elástica" 149.

Em primeiro lugar cabe notar o equívoco e a contradição em que Furtado incorre logo de saída ao dizer que um "excesso estrutural de oferta no setor de bens de capital" se reflete numa redução de custos de inversão no setor de bens de consumo, de maneira que esse excesso de bens de capital tende a penetrar mais rapidamente neste setor. Ora, um "excesso estrutural de oferta no setor de bens de capital" caracteriza justamente aquele período de transição quando os novos métodos produtivos, que irão ajustar os ritmos de crescimento das taxas natural e garantida, ainda não estão disponíveis, de modo que a solução que se apresenta neste momento para evitar uma baixa na taxa de lucros, é a exportação de capital, como foi visto; o setor de bens de consumo não poderia absorver o excesso de bens de capital pelo simples fato de que a utilização desses bens de capital pressupõe a disponibilidade de uma determinada quantidade de mão-de-obra que não existe, obviamente, uma vez que é exatamente a escassez de mão-de-obra a responsável por esse "excedente estrutural de capital".

Continuando, Furtado argumenta que o aumento da rentabilidade no setor de bens de consumo implica num aumen-

149 Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp.175, 176 e 177.

to da oferta de bens de consumo ao setor de bens de capital que, por não estar em crescimento, não tem como absorvê-la; a consequência é um excesso de oferta de bens de consumo que se traduz numa queda de preços e com isso uma elevação dos salários reais, elevação esta que incidirá mais fortemente na indústria de bens de capital que está operando com uma rentabilidade menor! Dessa maneira a introdução de técnicas poupadoras de trabalho no setor de bens de capital se tornariam rentáveis. O argumento obviamente não tem sentido. A introdução de novos métodos produtivos que implicam maior grau de mecanização da economia é função, certamente, do nível dos salários reais, que se eleva quando o processo de acumulação de capital se acelera relativamente ao progresso técnico e ao crescimento da oferta de trabalho, aumentando os salários reais acima da produção per-capita. Mas a elevação dos salários reais devido a um aumento da produtividade é uma consequência e não uma causa da introdução de novos métodos produtivos mais eficientes e adequados à disponibilidade relativa de capital e trabalho de uma dada economia.

Em seguida Furtado argumenta que o avanço mais rápido da tecnologia no setor de bens de capital barateia (o que já era barato, segundo o raciocínio de Furtado) o custo dos bens de capital e com isso, estimulado a substituição no setor de bens de consumo de mão-de-obra por equipamentos (o que, aliás, foi o início de todo esse processo); assim, aumenta-se o grau de mecanização do sistema como um todo. Em resumo, teria sido o forte avanço relativo da tecnologia no setor de bens de capital o que permitiu a continuidade

do processo de acumulação de capital a um ritmo elevado apesar da relativa escassez de mão-de-obra, mantendo constante a participação relativa dos lucros na renda. Ora, no modelo de Joan Robinson, como vimos, o avanço mais rápido da tecnologia no setor de bens de capital significa a introdução de métodos produtivos "capital-saving" (ver nota 144), o oposto do que seria adequado num quadro de escassez de mão-de-obra ¹⁵⁰. A necessidade, para Furtado, de que a produtividade do setor de bens de capital deva crescer mais rapidamente que a produtividade do setor de bens de consumo para que se aumente o

¹⁵⁰ Como já foi visto, no modelo de Joan Robinson, um viés permanente no progresso tecnológico tende a aumentar ou diminuir a participação dos lucros na renda nacional. Há veria que se perguntar, então, se existe algum mecanismo autocorretor, depois que uma economia, com escassez relativa de mão-de-obra por exemplo, introduz novos métodos produtivos "capital-using", de maneira que esta economia entrasse numa nova "idade do ouro". Vejamos: "...We may suppose that the original impulse to increase investment came from an urge to accumulate more rapidly, and that the invention of a new technique was a response to the scarcity of labour that was threatening to develop. There is now an excess demand for labour in the investment sector... But as soon as some Beta-plus plant is ready to be installed in the consumption sector, it takes place of worn-out Beta-minus plant... Output per head in the consumption sector now begins to rise at a faster pace than it did formerly... and the scarcity of labour is relieved by a release of workers from the consumption sector, who become available to the investment sector ... With a higher ratio of employment in the investment sector, profit per man in the consumption sector has jumped to a higher level... and with the new level of costs a less mechanized technique, Gamma-plus, becomes preferable to Beta-plus ... But Gamma-plus techniques requires more labour per unit of productive capacity than Beta-plus. The drainage of labour from the consumption into the investment sector is therefore staunched, and if entrepreneurs are now satisfied with the rate of accumulation that is going on, and keep up the now hother pace of innovations, the economy (after some wobbles...) settles into a new golden age, at a lower level of mechanization and with a higher rate of profit".
Robinson. J. - The Accumulation of Capital, op.cit., pp. 161 e 162.

grau de mecanização da economia, parece decorrer da confusão (contra a qual adverte Joan Robinson, ver nota 49) que Furtado faz entre o modelo neoclássico de Hicks e o modelo de Robinson; para Hicks o que caracteriza um método produtivo "labor-saving" é um aumento relativamente maior de produtividade marginal do capital (ver nota 117), dado que de outra maneira, não haveria estímulo à utilização de métodos produtivos mais "capitalísticos" ¹⁵¹. Não há nenhuma relação causal entre o aumento da produtividade marginal do capital relativamente à produtividade marginal do trabalho com um aumento relativamente maior da produtividade do setor produtor de bens de capital.

Podemos agora, em rápidas pinceladas, sumarizar o modelo analítico que Furtado propõe para compreender as causas e o mecanismo do processo de desenvolvimento econômico, ou melhor, "do aumento persistente da produtividade do fator trabalho e suas repercussões na organização da produção e na forma como se distribui e utiliza o produto social". A causa imediata do aumento da produtividade do fator trabalho é a introdução de novos métodos produtivos, o progresso tecnológico, cuja introdução resulta em última instância da concorrência inter-capitalista. O aumento da produtividade que decorre da introdução de novos métodos produtivos se traduz numa elevação da renda real que, por sua vez, provoca uma diversificação da procura que amplia as oportunidades de inversão (e portanto de difusão e introdução de novos métodos produtivos).

¹⁵¹ Ver Bo Södersten, International Economics, op.cit., pp. 162 e 163.

vos), fechando-se, assim, o circuito. A diversificação da procura joga, portanto, um papel tão fundamental quanto a introdução de progresso tecnológico. A intensidade ou o ritmo de crescimento dependerá do montante de inversões relativamente à renda nacional (taxa de investimento), que equivale à magnitude da poupança uma vez que esta será totalmente invertida desde que a diversificação da procura garanta as oportunidades de inversão, e da produtividade do capital (relação produto/capital).

A diversificação da procura depende de um aumento dos salários reais; aumentando-se os salários a diversificação da procura é automática porque para Furtado este é um facto de observação corrente. Mas há um limite à elevação dos salários reais; se todo aumento de produtividade for absorvido pelos salários não haverá poupança e, por conseguinte, acumulação de capital e crescimento. Nesse sentido, a continuidade do processo de desenvolvimento vai depender da forma como se distribui o aumento da renda real entre o consumo e a poupança o que, em virtude das hipóteses assumidas de que os trabalhadores não poupam e o consumo dos capitalistas é constante, significa saber como evolui a distribuição de renda entre capitalistas e trabalhadores. A distribuição de renda entre capitalistas e trabalhadores vai depender da disponibilidade relativa de fatores da economia; tenderá a favorecer os trabalhadores se o trabalho se tornar um fator relativamente escasso e aos capitalistas se o capital for relativamente escasso. Para Furtado existe evidências empíricas de que a participação relativa de trabalhadores e capitalistas na ren

da tem permanecido constante. O elemento de ajuste entre as disponibilidades relativas de cada fator é a tecnologia, que pode ser direcionada numa direção ou noutra, poupando capital quando este for escasso ou trabalho quando for o caso.

CAPÍTULO II

O CONCEITO DE SUBDESENVOLVIMENTO

Os modelos propostos para explicar o processo de desenvolvimento das hoje economias desenvolvidas não podem ser generalizados para explicar o processo de desenvolvimento de economias distintas porque, para Furtado, as categorias analíticas e leis elaboradas a partir de um determinado modelo abstrato estão condicionadas à realidade histórica e social a partir da qual este foi elaborado. Nesse sentido, derivar "um modelo abstrato do mecanismo dessas economias, em seu estágio atual, e atribuir-lhe validade universal valeria por uma reencarnação do homo oeconomicus, em cuja psicologia rudimentar os clássicos pretenderam assentar as leis econômicas fundamentais. A dualidade óbvia que existe e se agrava, cada dia mais, entre as economias desenvolvidas e as subdesenvolvidas, exige a formulação desse problema em termos distintos".¹ Para compreender as estruturas subdesenvolvidas é preciso uma nova teoria, da qual Furtado se propõe a dar alguns elementos, porque o subdesenvolvimento não é uma etapa do desenvolvimento, pela qual teriam passado todas as economias consideradas

¹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 178.

desenvolvidas;² nesse sentido, o modelo analítico desenvolvido com base na realidade dos países europeus que se industrializaram no século XIX não serve para analisar a realidade dos atuais países subdesenvolvidos. Furtado parte da intuição fundamental de Prebisch do desenvolvimento da periferia como uma contraface do desenvolvimento do centro; ambos os polos da economia mundial cumprem papéis bem definidos no esquema tradicional da divisão internacional do trabalho. O papel que cabe à periferia como exportadora de produtos primários não é decorrência do funcionamento das leis de mercado num regime de concorrência, pelas quais um país é levado a especializar-se na produção de um determinado bem pelas vantagens comparativas que possui em relação a ele. "O advento de um núcleo industrial, na Europa do século XVIII, provocou uma ruptura na economia mundial da época e passou a condicionar o desenvolvimento econômico subsequente em quase todas as regiões da terra".³

Esta concepção traz implícita uma certa relação de dominação na medida em que esse "condicionamento" do desenvolvimento econômico de outras regiões se faz em função dos interesses das metrópoles industriais. "O contacto das vigorosas

² "O subdesenvolvimento é, portanto, um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual tenham, necessariamente, passado as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 180

³ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 178.

economias capitalistas com essas regiões de antiga colonização não se fez de maneira uniforme. Em alguns casos, o interesse limitou-se à abertura de linhas de comércio. Em outros houve, desde o início, o desejo de fomentar a produção de matérias-primas, cuja procura crescia nos centros industriais. O efeito do impacto da expansão capitalista sobre as estruturas arcaicas variou de região para região, ao sabor de circunstâncias locais, do tipo de penetração capitalista e da intensidade desta".⁴ Essa dominação não implica, necessariamente, a presença militar ou o gerenciamento direto das novas atividades produtivas por empresas estrangeiras, como no caso do enclave mineiro. Os interesses das elites locais (culturalmente caudatárias da cultura européia) podem coincidir, o que certamente ocorre,⁵ com os interesses das metrópoles industriais nos termos da nova ordem internacional que emergia. O

⁴ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 180.

⁵ "Esta forma de organización económica mundial, que tuvo su auge al inicio del siglo XX, creó numerosas oportunidades en latinoamérica para la expansión de sus economías de exportación. Según sus disponibilidades de recursos naturales y de mano de obra, una a una las nuevas repúblicas, a lo largo de la segunda mitad del siglo pasado, fueron encontrando una forma de integrarse en el comercio mundial dedicándose a una o más actividades especializadas de producción primaria para la exportación. Esta modalidad de crecimiento económico "hacia fuera" resultaba ser más fácil para las economías del nuevo continente, que la vía de la diversificación industrial. Por una parte exigía recursos disponibles internamente mientras que el desarrollo industrial se enfrentaba con la exigua disponibilidad de capital. Por otra, la producción primaria para la exportación respetaba la organización social heredada del período colonial, mientras que por múltiples ángulos la industrialización supondría necesariamente su superación parcial. Disponiendo de recursos fácilmente movilizables para la producción primaria, las viejas clases dominantes en la sociedad criolla vieron en la actividad primaria de exportación una forma de salida de su marasmo anterior, altamente rentable y una oportunidad de rápida expansión económica".

Lessa, C. - "La Evolución del Pensamiento Económico en America Latina", outubro de 1966, pp. 6 e 7, mimeo.

impacto das novas atividades produtivas na velha estrutura vai depender da importância relativa da renda gerada e que permanece internamente. Vai depender, basicamente, do volume de mão-de-obra absorvida, uma vez que os salários não eram determinados pela produtividade marginal do trabalho e sim pelas condições de vida prevalentes no setor de subsistência. "Bastava que o salário na empresa capitalista fosse algo superior à média regional, para que se deparasse uma oferta de mão-de-obra totalmente elástica".⁶

A idéia é que como o vínculo da empresa capitalista com a região em que se localiza é apenas como "agente criador de massa de salários", esta teria que alcançar um certo volume para provocar modificações na estrutura econômica. Dessa maneira as economias subdesenvolvidas podem ser classificadas em dois tipos básicos: aquela em que a massa de salários gerada pelas atividades exportadoras não foi suficientemente grande para provocar modificação na estrutura e aquela em que isto ocorreu. No primeiro caso, a maioria dos exemplos são de economias exportadoras de minério, nas quais o volume de emprego gerado pela mineração é relativamente pequeno e, o que é mais importante, os lucros obtidos não são reinvestidos na economia.⁷ Esta é a razão fundamental, para Furtado, por-

⁶ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 181. Ver Lewis, A. W. - "O Desenvolvimento Econômico com Oferta Ilimitada de Mão-de-Obra", 1954, in A Economia do Subdesenvolvimento, coord. Agarwala, A. N. e Singh, S. P., Forense 1969, pp. 415, 416.

⁷ "Ora, trata-se de uma parcela que não se vincula à região onde está localizada a empresa: sua utilização depende, quase exclusivamente, das condições prevalentes na economia a que pertence o capital".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 183.

que a vigorosa expansão do comércio internacional no século XIX⁸ não determinou uma propagação na mesma escala, do sistema capitalista de produção e sim a formação de economias "híbridas" nas quais o núcleo capitalista coexistia com a estrutura arcaica. Para este tipo de economia subdesenvolvida não cabe formular nenhum modelo explicativo, nenhuma nova teoria, uma vez que suas peculiaridades decorrem de uma relação de dominação política/econômica, e muitas vezes militar, explícita. O que interessa a Furtado são aquelas economias subdesenvolvidas nas quais a massa de salários gerados pelo setor exportador foi suficiente para provocar modificações na estrutura econômica porque deu início a um processo de industrialização.

⁸ Esta colocação de Furtado contrasta com certas concepções correntes de que os problemas para os países subdesenvolvidos começam com o declínio relativo do comércio no século XX e que as teses da difusão dos benefícios do progresso tecnológico através do comércio internacional da teoria "clássica" do comércio devem muito de seu pretígio ao "brilliant record of nineteenth - century trade and development ... The industrial revolution happened to originate on a small island with a limited range of natural resources, at a time when synthetic materials were yet unknown. In these circumstances economic expansion was transmitted to less developed areas by a steep and steady increase in Britain's demand for primary commodities which those areas were well suited to produce. Local factors of production overseas, whose growth may in part have been induced by trade, were thus largely absorbed by the expansion of profitable primary production for export. On top of this, the center's increasing demand for raw materials and foodstuffs created incentives for capital and labor to move from the center to the outlying areas, accelerating the process of growth-transmission from the former to the latter".
Nurkse, R. - "Contrasting Trends in Nineteenth and Twentieth Century World Trade", in Expansion of World Trade and the Growth of National Economies, Richard Weckstein ..., pp. 24, 25.

É bom ter claro aqui que Furtado não está preocupado com o que foi o objeto central das análises da CEPAL, qual seja, a defesa da industrialização como a única saída para a superação do subdesenvolvimento em contraposição às teses calçadas na teoria pura do comércio internacional que propugnavam como saída um aprofundamento da divisão internacional do trabalho, com os países produtores de produtos primários se modernizando naquelas atividades que detinham vantagens comparativas.⁹ Furtado parte da constatação de que alguns países subdesenvolvidos se industrializam, dos quais o Brasil é o exemplo maior, importando analisar quais as especificidades deste processo de industrialização (que para ele se confunde com o processo de desenvolvimento) relativamente ao que ocorreu nos países centrais, e que estariam a reclamar uma nova teoria, um novo modelo analítico para compreendê-lo. Esta postura de Furtado parece ser nova em relação à posição da CEPAL, da qual tomava parte. A CEPAL, particularmente Prebisch, nunca criticou o aparato analítico neoclássico enquanto tal; a idéia central do pensamento cepalino, a concepção do sistema centro-periferia, embora representasse uma crítica decisiva às análises sobre a posição dos países produtores de produtos primários na divisão internacional do trabalho baseadas na teoria das vantagens comparativas, não questionava os argumentos teóricos fundamentais da teoria pura do comércio inter

⁹ Ver Viner, J. - "A Economia do Desenvolvimento", 1953 in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit., p. 35.

nacional,¹⁰ que seria perfeitamente adequada para se estudar as relações comerciais entre dois países centrais. A concepção de um sistema centro-periferia parte, como vimos, da constatação de que as "vantagens comparativas" dos países centrais na produção de produtos industriais decorrem simplesmente do fato de terem estes países logrado iniciar primeiro um processo de industrialização e que a inserção das economias periféricas na nova divisão internacional do trabalho não levava, como supunha a teoria clássica do comércio, a uma distribuição equitativa dos benefícios do progresso técnico em função da tendência à deterioração dos termos de intercâmbio que sofrem os países exportadores de produtos primários.¹¹

A tese da deterioração dos termos do intercâmbio estava calcada em supostas evidências empíricas - uma série de

¹⁰ "Prebisch believes the classical arguments are theoretically sound, but he seriously questions the validity of an assumption upon which they are based: according to this assumption, the benefits of technical progress tend to be distributed alike over the whole community, either by the lowering of prices or the corresponding raising of incomes". Baer, W. - "The Economics of Prebisch and the ECLA", in Economic Policy for Development, ed. by I. Livingstone, 1971, pp. 178, 179.

¹¹ "La concepción básica reconoce la existencia de una diferenciación originaria: en cierto punto del tiempo, el centro ya había logrado implantar técnicas modernas y elevar la productividad del trabajo en mucho mayor medida que la periferia. Pero esta sólo adquiere realmente sus características diferenciales através del desarrollo hacia afuera. La heterogeneidad y la especialización se conforman y consolidan en esa etapa, puesto que durante la misma la periferia crece primordialmente com base en la expansión de actividades exportadoras de bienes primarios". Rodriguez, O. - "La Teoria del Subdesarrollo de la CEPAL - Síntesis y Crítica", in Comércio Exterior, vol. 29, nº 11, México, noviembre de 1979, p. 1179.

índices anuais dos termos de intercâmbio de mercadorias para o Reino Unido. A explicação para isto está relacionada ao fato de que as forças que regulam a oferta e a procura de produtos primários no mercado mundial tendem a tornar a última menor que a primeira. A raiz do problema está na disparidade entre as elasticidades-renda da demanda por importações entre centro e periferia. Por um lado, a elasticidade-renda da demanda por importações pelo centro da periferia é menor do que a mesma para a periferia devido a chamada lei de Engel e à substituição de matérias-primas naturais por sintéticas. Dessa maneira, a demanda por produtos primários pelo centro é menos que proporcional ao crescimento da renda nacional, enquanto que da parte dos países periféricos a oferta destes produtos aumenta relativamente mais rápido, causando uma baixa nos preços. Por outro lado, a maior elasticidade-renda da demanda por importações pela periferia do centro tende a manter os preços de importações constantes se a produtividade no centro aumenta na mesma proporção que a procura ou a aumenta-los se esta for menor. Esta idéia de que a periferia, frente a um declínio relativo da demanda por seus produtos pelo centro, sistematicamente, coloca no mercado internacional uma quantidade maior de produtos que a demanda, nos remete à questão, que é o cerne da explicação para o deterioro, das causas desta incapacidade das economias periféricas de regularem sua oferta de produtos primários de acordo com a procura. Vejamos.

Em primeiro lugar Prebisch questiona a hipótese de concorrência dos mercados de produtos e fatores no centro. "Prebisch claims that at the Center, productivity increases

are almost always matched by increases in wage payments, thus making price reductions impossible. This is mainly the result of union pressures. Even if some margin were left for price reductions, however, prices would not be reduced, due to the monopolistic structure of the product markets in the Center. There is therefore little chance for reduction of the Center's export prices as productivity increases".¹² É interessante notar aqui que estas restrições da CEPAL às hipóteses de livre concorrência da teoria "clássica" tenham sido tomadas por alguns defensores desta última, como Haberler, como sendo uma das causas básicas apontadas para explicar a tendência à deterioração dos termos de intercâmbio,¹³ quando na verdade o argumento de Prebisch é bem mais sofisticado. A observação de Prebisch com relação às características monopolísticas dos mercados de fatores e produtos no centro parece ter por objetivo, além de refutar a tese de que o avanço mais intenso do progresso tecnológico na indústria dos países centrais tenderia a baixar os preços dos produtos industriais relativamente aos produtos primários, mostrar por contraste como a ausência de restrições monopolísticas no mercado de trabalho da periferia é, esta sim, a causa básica do desajuste da

¹² Baer, W. - "The Economics of Prebisch and the ECLA", in Economic Policy Development, op. cit., p. 181.

¹³ "I now come to the second phase of the argument, the proposed explanations for the alleged tendency. Two main reasons are given: first, monopolistic manipulations in the industrial countries, and, second, the operation of Engel's Law. On the first point, it is said that in the industrial countries the fruits of technological progress are not passed on to consumer in the form of lower prices, but are retained by the producers in the form of higher wages". Haberler, G. - "Terms of Trade and Economic Development", in Economic Development for Latin America, p. 283.

oferta de produtos primários relativamente a uma demanda inelástica. A questão central, como foi vista inicialmente, é a manutenção do equilíbrio entre oferta e procura de produtos primários.

As condições do mercado de trabalho dos países periféricos tende a se aproximar das condições de um mercado competitivo em virtude da existência de uma oferta ilimitada de mão-de-obra que mantém os salários constantes a um nível próximo daquele pago no setor de subsistência. A consequência disto é que os aumentos de produtividade no setor exportador não são transferidos para os trabalhadores, aumentando a rentabilidade do setor. Ora, se a rentabilidade do setor exportador tende a aumentar, a oferta de produtos primários também. Eis a fonte do desajuste entre oferta e procura de produtos primários. Para que isto não ocorresse seria preciso que o excesso de trabalho fosse absorvido por outras atividades (industriais, principalmente) de maneira que o salário aumentasse proporcionalmente ao aumento da produtividade; e isto não ocorre porque a economia não é suficientemente dinâmica para tanto.¹⁴

¹⁴ "El origen de este fenómeno está en esa relativa lentitud con que crece la demanda mundial de productos primarios comparada con la de productos industriales. Estas disparidades en el crecimiento de la demanda no tendrían por que traer descenso alguno de los precios primarios si la producción se ajustase continua y rapidamente al ritmo de la demanda. Para ello seria indispensable cumplir tres condiciones que no se verifican en la realidad:

- a) que el incremento de población activa en las actividades primarias se desplace de ellas en la medida en que no es necesaria para que la producción crezca sin exceder el ritmo de crecimiento de la demanda. Este desplazamiento tendría que ser tanto más intenso cuanto mayor fuere el incremento de productividad en estas actividades, a igualdad de otros factores;
- b) que la mano de obra así desplazada encuentre ocupación en la industria y otras actividades absorbentes, según se explicó ya y;
- c) que la absorción de esta mano de obra sea de tal intensidad que los salarios reales de los trabajadores en las actividades primarias puedan subir en forma de captar el incremento de productividad de estas ...

Se no se cumplen, y no sube el nivel de salarios en las actividades primarias en la medida permitida por su incremento de productividad, ésta se convertirá en aumento de ganancias y estimulará el crecimiento de la producción mas alla del ritmo impuesto por el de la demanda, con el consiguiente descenso de los precios de los productos primarios en relacion con los industriales".

Prebisch, R. - Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano, México, Fondo de Cultura Económica, 1971, pp. 94, 95. Grifos Nossos.

As objeções de Prebisch quanto à hipótese de concorrência perfeita no centro são qualificações perfeitamente aceitáveis pelos defensores da teoria "clássica". Haberler, por exemplo, admite as características monopolísticas dos mercados de fatores e produtos no centro industrial e tenta mostrar que isto não implica na deterioração dos termos de intercâmbio contra os produtores de produtos primários supondo, como vimos, ser este um dos argumentos centrais da CEPAL: "It is true that for most periods and countries monetary policy and wage policies have been such that economic progress has taken the form of rising money wages and stable or rising prices rather than the form of stable money incomes and falling prices. Many economists in the developed countries have felt (and a few still do feel) that from the point of view of cyclical stability and social justice stable wages and falling prices would be a better system than the one we have. But there is no evidence that it has hurt the producers of primary products ... The victims are not the farmers and other primary producers who know very well how to protect their interests, but fixed-income receivers in the developed countries. In other words, the explanation under review confuses movements in the absolute price level with shifts in the relative prices of manufactures and primary products".¹⁵ Do mesmo modo, a tese do declínio relativo da demanda por produtos primá

¹⁵ Haberler, G. - "Terms of Trade and Economic Development", in Economic Development for Latin America, op. cit., pp. 283, 284.

rios que, para Haberler, só é verdadeira para os alimentos e não para as matérias primas, lembrando que os preços relativos dependem também, além da demanda, das condições de oferta.¹⁶ Condições de oferta que para Viner dependem simplesmente do crescimento da população (que na maioria dos países subdesenvolvidos seria o problema fundamental).¹⁷

Assim, por mais engenhosa que seja a explicação de Prebisch para a deterioração dos termos de intercâmbio, o campo teórico comum ao de seus críticos neoclássicos acaba por deslocar a questão para a empiria; é sobre as evidências empíricas apresentadas por Prebisch, portanto, que se centram as críticas. Haberler levanta três objeções fundamentais à série de dados utilizada: a) o índice não revela as melhorias de qualidade dos produtos industriais nem a introdução de novos produtos, enquanto que os produtos primários são sempre

16 "Engel's Law applies to food but not to raw materials. Moreover relative prices depend not only on demand but also on supply conditions which are likely to change profoundly over long periods."
Haberler, G. - "Terms of Trade and Economic Development", in Economic Development for Latin America, op. cit., p.284.

17 "As relações de troca de um país dependem da escala em que dá saída a seus produtos nos mercados de exportação, em comparação com a demanda mundial desses produtos. Quanto mais crescer a população de um país, desde que os outros elementos se mantenham os mesmos, tanto maior tenderá a ser o volume de produtos básicos de exportação que tentará colocar no mercado externo, desde que estes não sejam também seus produtos básicos para consumo interno, tendendo assim, a se tornarem piores suas relações de troca. Mas isso se aplica igualmente como uma tendência tanto a países predominantemente agrícolas quanto industriais e num ou noutro caso a solução adequada seria refrear a taxa de crescimento da população".
Viner, J. - "A Economia do Desenvolvimento", in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit., p. 33.

os mesmos e não mudam qualitativamente; b) o índice deixa fora os serviços de modo que no caso de variações nos custos de transporte, por exemplo, seria impossível, mesmo considerando o comércio apenas entre dois países, determinar os termos de intercâmbio; c) os termos de intercâmbio para a Inglaterra não pode, sem verificação, ser tomado como representativo de outros países industriais.¹⁸ Dessa maneira, como as evidências empíricas não provam nada, o debate tende a perder substância.

Em síntese, o que parece claro do que foi visto acima é que as análises cepalinas não atingem, e nem pretendem atingir, os fundamentos teóricos da teoria das vantagens comparativas¹⁹ e, portanto, não representam uma nova teoria econômica, com novas categorias analíticas, como quer Rodriguez.²⁰ Nas palavras de Lessa, o pensamento cepalino "no constituye un sistema teórico formalizado a partir de ciertas premisas

¹⁸ Harberler, G. - "Terms of Trade and Economic Development", in Economic Development for Latin America, op. cit., pp. 281, 282.

¹⁹ Para uma análise interessante da evolução da teoria das vantagens comparativas no sentido de abandonar algumas hipóteses irrealis e levar em consideração os problemas específicos que uma economia subdesenvolvida enfrenta para se desenvolver, ver Chenery, H. B. "Comparative Advantage and Development Policy", in Economic Policy for Development, op. cit., p. 136.

²⁰ "La minuciosa revisión de los aportes cepalinos revela que - ciertamente - los mismos no constituyen una mera yuxtaposición de ideas genéricas sobre la evolución y el funcionamiento de las economías subdesarrolladas; al contrario, posuem un considerable desenvolvimiento analítico y cumplen a grandes rasgos con los requisitos de forma de la teoría económica".
Rodríguez, O. - "La Teoría del Subdesarrollo de la CEPAL - Síntesis y Crítica", in Comercio Exterior, op. cit., pp. 1.177, 1.178.

definidas a un alto nivel de abstracción. Mas bien comprende un conjunto de explicaciones parciales fundamentadas en una masa de datos empíricos. En la búsqueda de explicaciones estuvo siempre planteado de forma explícita la creencia en que la especificidad del proceso histórico económico de latinoamérica no permitía transplantaciones de cuerpos teóricos generales sin rigurosa calificación. En ese sentido el pensamiento cepalino jamás pretendió construir cuerpo teórico universal que reemplazara el análisis económico académico, sino más bien proceder a su calificación fundamentándola empíricamente. Sus orientaciones metodológicas específicas englobadas bajo la denominación estructuralismo, fueron un subproducto del esfuerzo de calificación de los cuerpos teóricos convencionales y pudieran coexistir con procedimientos formalmente incompatibles. Existe, pues, en el pensamiento cepalino, además del empirismo, una nota de ecletismo metodológico".²¹

Esta digressão que acabamos de fazer sobre os fundamentos do pensamento cepalino teve por objetivo mostrar que a proposta de Furtado de tentar formular "elementos de uma teoria do subdesenvolvimento" e não apenas tentar qualificar e adequar o aparato analítico neoclássico para a análise das economias subdesenvolvidas, é uma proposta nova. É por esta razão que a análise de Furtado parte da constatação que algumas economias subdesenvolvidas se industrializam, sem se preocupar com o debate anterior travado pela CEPAL na defesa da

²¹ Lessa, C. - "La Evolución del Pensamiento Económico en América Latina", op. cit., p. 22. Grifo Nosso.

industrialização como única saída. O que interessa a Furtado é que o processo de industrialização destas economias difere do mesmo processo nas economias centrais, diferença que impossibilita na sua análise a utilização de um modelo e categorias analíticas concebidas para estudar outra realidade. Vejamos agora quais são as especificidades deste processo de industrialização periférico.

Esse processo de industrialização foi induzido de fora para dentro; a massa de salários gerada pelas atividades exportadoras deu origem a um mercado para produtos manufaturados, atendido inicialmente por importações. A partir do momento em que este mercado não pudesse ser mais abastecido com importações, estariam criados os estímulos para a formação de um núcleo industrial interno que viesse preencher esta lacuna. Assim, o "fator dinâmico atuaria do lado da procura, a partir do momento em que esta não pudesse ser satisfeita pela oferta externa".²² No caso dos países centrais, o elemento dinâmico na primeira etapa do desenvolvimento industrial atuou pelo lado da oferta. "A ação empresarial - através da introdução de novas combinações de fatores - criou sua própria procura, na medida em que conseguiu oferecer um produto mais barato e mais abundante".²³ A consequência, para Furtado, que resulta desta diferença na origem do processo de industrialização dos países subdesenvolvidos, baseado na produção local

²² Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 187.

²³ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 187.

de manufaturas antes importadas, é que a necessidade de competir com produtos importados leva a indústria local a tentar apresentar produtos similares e a adoção dos mesmos métodos produtivos utilizados no centro.²⁴ "Por outras palavras, a estrutura de preços, no setor industrial ligado ao mercado tende a assemelhar-se à que prevalece nos países de elevado grau de industrialização, exportadores de manufaturas. Assim sendo as inovações tecnológicas que se afiguram mais vantajosas são aquelas que permitem aproximar-se da estrutura de custos e preços dos países exportadores de manufaturas, e não as que permitam uma transformação mais rápida da estrutura econômica, pela absorção do setor de subsistência. O resultado prático disso - mesmo que cresça o setor industrial ligado ao mercado interno e aumente sua participação no produto, mesmo que cresça, também, a renda per capita do conjunto da população - é que a estrutura ocupacional do país se modifica com lentidão. O contingente da população afetada pelo desenvolvimento mantém-se reduzido, declinando muito devagar a importan

²⁴ Essa caracterização de Furtado do processo de industrialização de uma economia subdesenvolvida é semelhante a que Wallich faz do que chama desenvolvimento derivado: "Quanto ao outro processo de desenvolvimento, pode-se dizer que está, predominantemente orientado para o consumo. Seus elementos mais característicos pertencem ao campo da demanda. Estas características resultam - não inevitavelmente - do fato de que o processo não se baseia no investimento mas na assimilação das inovações existentes. É isto que sugere o conceito geral de desenvolvimento derivado - derivado das inovações realizadas em outros lugares ... A orientação pelo consumo e a demanda é, a meu ver, o traço mais importante e que mais diferencia o desenvolvimento dos países menos desenvolvidos".
Wallich, H. C. - "Algumas Notas para uma Teoria do Desenvolvimento Derivado", 1952, in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit., p. 203.

423A/BC

cia relativa do setor cuja principal atividade é a produção para subsistência. Explica-se, deste modo, que uma economia, onde a produção industrial já alcançou elevado grau de diversificação e tem uma participação no produto que pouco se distingue da observada em países desenvolvidos, apresente uma estrutura ocupacional tipicamente pré-capitalista e que grande parte de sua população esteja alheia aos benefícios do desenvolvimento".²⁵

Uma estrutura subdesenvolvida é, portanto, aquela em que a plena utilização do capital disponível na sua alocação mais eficiente não significa a absorção de toda a mão-de-obra existente. "Deve-se isso à relativa fixidez dos coeficientes técnicos (não é possível combinar fatores senão em determinadas proporções) e ao fato de que a tecnologia se vem desenvolvendo em função da disponibilidade de fatores e recursos dos países que lideram o processo de industrialização ... Nesse desajustamento básico entre oferta virtual de fatores e orientação da tecnologia reside, possivelmente, o maior problema que enfrentam atualmente os países subdesenvolvidos".²⁶ Ou seja, no processo de desenvolvimento periférico não existe aquele fator fundamental de flexibilidade responsável pelo equilíbrio entre as disponibilidades de fatores de produção, que foi o progresso tecnológico induzido nos países centrais. A única saída para os países subdesenvolvidos seria passar a gerar seu

²⁵ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp. 192, 193.

²⁶ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp. 90, 91.

próprio progresso tecnológico compatível com sua disponibilidade relativa de fatores; mas para isso é preciso contar com uma indústria própria de bens de capital, coisa de que carecem, via de regra, estas economias.²⁷ Estas são as características do processo de industrialização periférico que tornam o subdesenvolvimento um fenômeno específico que "requer um esforço de teorização autônomo".²⁸ Vejamos agora quais são as insuficiências da "teoria econômica corrente" para a compreensão dos problemas do subdesenvolvimento.

Furtado aponta como limitações da teoria econômica corrente a hipótese de que a mobilidade de fatores e flexibilidade dos coeficientes de produção deveriam impedir a existência de excedente de mão-de-obra, e portanto a formação de setores distintos do ponto de vista tecnológico, hipótese esta que tem implícita a idéia de funções de produção linearmente homogêneas.²⁹ Para um exame melhor desta questão Furtado remete o leitor ao artigo já citado "A análise marginalista e a teo-

27 "Essa dificuldade não poderá ser contornada senão através de um esforço de adaptação da tecnologia, o qual é tanto mais difícil quanto os países subdesenvolvidos carecem, via de regra, de indústria própria de equipamentos".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 91.

28 Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 193.

29 "Segundo a teoria econômica corrente, a mobilidade de fatores e a flexibilidade dos coeficientes de produção deveriam impedir a formação de tais departamentos distintos do ponto de vista tecnológico. O alcance desse esquema teórico - que tem implícitas funções de produção homogêneas e lineares - é, no entanto, extremamente limitado".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp. 195, 196.

ria do subdesenvolvimento". Nós vimos no primeiro capítulo que a crítica de Furtado à economia neoclássica não atingia seus pressupostos teóricos e categorias analíticas fundamentais e que, como ele próprio reconhecia, determinadas hipóteses consideradas irrealis puderam ser eliminadas sem comprometimento da essência da teoria marginalista. Nesse sentido, Furtado incorre numa contradição ao apontar como limitações da economia neoclássica as hipóteses da mobilidade perfeita de fatores de produção e de flexibilidade dos coeficientes de produção. Quanto a esta última hipótese Furtado diz textualmente que se trata apenas "de simplificação de alcance metodológico que pode ser abandonada quando seja conveniente".³⁰ O que nos parece claro até aqui é que a contradição apontada, bem como a inconsciência de Furtado relativamente aos pressupostos teóricos e categorias analíticas fundamentais da economia neoclássica decorrem de sua concepção de teoria econômica.

Foi visto no capítulo anterior que para Furtado uma dada teoria econômica não pode ser dissociada da realidade a partir da qual ela foi elaborada. Suas categorias analíticas não podem ser utilizadas para explicar realidades distintas. No citado artigo, Furtado precisa melhor esta concepção ao afirmar que "a ciência econômica - não obstante a persistência de aflorações doutrinárias - é um conjunto de teorias apoiadas em hipóteses com fundamento na observação. O progresso da ciência faz-se através da substituição de uma ou várias

³⁰ Ver nota 136 do capítulo I, p. 67 do texto.

dessas hipóteses em face de problemas novos suscitados por um conhecimento empírico mais amplo ou de uma realidade social mutável".³¹ Colocado desta maneira cabe perguntar qual a teoria sobre a qual se funda a análise marginalista e quais as hipóteses subjacentes, bem como sua base de observação. Vejamos:

"A análise marginalista tem sido, indubitavelmente, poderoso instrumento em mãos do economista moderno. Funda-se ela na teoria da autonomia e da substitubilidade entre si dos fatores de produção. Sua base de observação está na evidência do decrescimento do rendimento físico de um fator quando combinado, em dotações crescentes, com outros de dotações fixas ... As observações dos marginalistas sempre se realizaram ao nível da empresa. Dado uma certa quantidade de equipamento em uma empresa, é fácil perceber que a produtividade física marginal do trabalho é inicialmente crescente e finalmente decrescente, se se aumenta o número de trabalhadores a partir da posição zero

"Transposta para o plano macroeconômico, a análise marginalista seria de enorme importância para a fundamentação da teoria da distribuição de renda. Dada certa dotação global de capital, a produtividade física marginal do trabalho seria função - em um sistema econômico - da quantidade deste fator que fosse absorvida. Por conseguinte, os empresários te

³¹ Furtado, C. - "A Análise Marginalista e a Teoria do Subdesenvolvimento", in Contribuições à Análise do Desenvolvimento Econômico, op. cit., pp. 163, 164.

riam todo o interesse em ocupar o máximo de mão-de-obra, pois o salário médio estaria dado pela produtividade física marginal do trabalho, que seria tanto menor quanto maior fosse a massa de trabalhadores empregada para certa dotação nacional de capital. É fácil compreender que, em condições de concorrência e de fluidez do mercado de trabalho, as produtividades marginais do trabalho tenderiam a igualar-se em todos os setores da atividade produtiva, prevalecendo, em consequência, um só nível de salários".

"Ora, se o salário está determinado pela produtividade marginal do trabalho, outro tanto deverá ocorrer à remuneração do capital. Dada certa dotação de mão-de-obra e condições de concorrência, os empresários tratariam de empregar todo o capital disponível. Do contrário, havendo capital ocioso, baixaria seu preço de oferta (a taxa de juros), o que acarretaria, seja um aumento das inversões, seja uma redução da poupança. Existiria, portanto, uma série de mecanismos automáticos que levavam o sistema econômico a alcançar posição de equilíbrio com a totalidade dos fatores ocupados, iguados às produtividades marginais do trabalho e do capital nos distintos setores, e cabendo a cada fator remuneração equivalente a sua produtividade marginal".³²

Do que foi exposto acima podemos concluir que a base de observação da teoria marginalista são os rendimentos de

³² Furtado, C. - "A Análise Marginalista e a Teoria do Subdesenvolvimento", in Contribuições à Análise do Desenvolvimento Econômico, op. cit., pp. 164, 165 e 166. Grifos Nossos.

crescentes de um fator de produção quando combinado em dotações crescentes com outros de dotações fixas e a hipótese subjacente é a hipótese de concorrência perfeita. Quanto a primeira Furtado não coloca em dúvida seus fundamentos empíricos que lhe parecem óbvios, quase que banais; quanto a segunda, Furtado inclui entre as grandes "leis" da economia clássica que foram elaboradas a partir de observações fragmentárias, de uma psicologia humana simplificada e de uma dada estrutura social que de nenhuma maneira poderiam ter validade universal.³³ Mais uma vez parece bastante claro que a crítica de Furtado não se dirige aos pressupostos fundamentais da economia neoclássica (a lei dos rendimentos decrescentes), mas sim a hipóteses que podem ser perfeitamente abandonadas sem prejuízo da "essência da teoria marginalista" como ele próprio reconhece. Para Furtado, ao que parece, a essência da análise marginalista é o corolário da hipótese de concorrência perfeita, a tendência à igualação das produtividades marginais dos fatores de produção em todos os setores da atividade produtiva e a correspondência entre estas e a remuneração dos mesmos.

É por essa razão que as economias subdesenvolvidas

³³ "Entre as chamadas "grandes leis" da economia clássica estavam, por exemplo, a da "livre concorrência" e a do "livre câmbio". Ambas constituíam, em última instância, construções lógicas baseadas em observações fragmentárias, numa psicologia humana simplificada, em dada estrutura social e nas relações de economias em expansão com outras relativamente estagnadas. Entretanto, à força de serem repetidas foram transformadas em dogmas. A razão disso, a economia perdeu, durante muito tempo, o caráter de ciência objetiva para transformar-se num conjunto de preceitos". Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 23.

não podem ser estudadas nos marcos da análise marginalista por que nelas, devido a suas especificidades, as produtividades físicas do trabalho não tendem a igualar-se e nem tampouco existe correspondência entre estas e os salários pagos. "A forma como se combinam os fatores de produção depende da estrutura da procura, do nível da técnica e da disponibilidade relativa dos mesmos fatores. Dada certa estrutura da procura e uma tecnologia, o capital e a mão-de-obra podem combinar-se de distintas formas, dentro de certa margem. Quando se abandona essa margem, um dos fatores tende a sobrar, e os termos do problema já não cabem dentro da análise marginalista. Para que um sistema econômico se situe dentro da referida margem, é necessário que ele haja alcançado certo grau de homogeneidade tecnológica. Quando se trata de um sistema econômico em que a tração humana coexiste amplamente com veículos mecânicos, a enxada com o trator, o tear manual com o mecânico, uma teoria que traz implícita a hipótese da igualdade das produtividades marginais tem necessariamente de afastar-se muito da realidade ... Encontramo-nos diante de uma comprovação de importância fundamental, pois, se as produtividades físicas marginais do trabalho não tendem a igualar-se, tampouco se poderá afirmar que exista uma relação necessária entre essa produtividade e o salário médio pago ... Destarte, será necessário abandonar a análise marginalista e buscar noutra parte explicação para o nível dos salários. Essa explicação pode encontrar-se no nível de vida que prevalece no setor de subsistência".³⁴

³⁴ Furtado, C. - "A Análise Marginalista e a Teoria do Subdesenvolvimento", in Contribuições à Análise do Desenvolvimento Econômico, op. cit., pp. 167, 168, 169. Grifos Nossos.

Em síntese, a teoria marginalista não pode ser utilizada para a análise das economias periféricas porque a realidade destas tornam completamente irreal a sua própria "essência". Lewis, a quem Furtado recorre para tentar formular uma nova teoria explicativa, parece ter mais consciência de que o que se observa nas economias subdesenvolvidas não requer a superação da economia neoclássica, mas simplesmente o abandono de algumas de suas hipóteses.³⁵ Isto é bastante claro porque, da mesma forma que Furtado, Lewis explicita seu modelo em termos rigorosamente neoclássicos, trabalhando sempre com o conceito de produtividade marginal de fatores de produção e a concepção de função de produção implícita.³⁶ Para Gustav Ranis e John Fei, cujo modelo se baseia na hipótese de oferta ilimitada de mão-de-obra, o fato do salário estar determinado pelo nível de vida prevalescente no setor de subsistência implica apenas que a produtividade marginal do tra-

35 "Nossa finalidade não é superar a economia neoclássica mas, simplesmente, elaborar esquema diferente para aqueles países que não podem ser encaixados dentro das hipóteses neoclássicas (nem keynesianas)". Lewis, A. W. - "O Desenvolvimento Econômico com Oferta Ilimitada de Mão-de-Obra", in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit., p. 408.

36 "Sabemos pela lei das proporções variáveis que se se dispõe de mão-de-obra ilimitada e pouco capital, este último não será uniformemente combinado com mão-de-obra. Só se empregaria mão-de-obra até que se reduzisse sua produtividade marginal a zero. No entanto, na prática o trabalho não é disponível a um salário nulo. Assim, o capital será somente aplicado até o ponto em que a produtividade marginal do trabalho se torne igual ao salário corrente". Lewis, A. W. - "O Desenvolvimento Econômico com Oferta Ilimitada de Mão-de-Obra", in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit., p. 412.

balho no setor industrial permanecerá constante ao nível do salário institucional (de subsistência), enquanto não for absorvido o excedente de trabalho do setor agrícola.³⁷

A diferença básica entre a abordagem "clássica" de Ranis e Fei e a abordagem neoclássica de Jorgenson,³⁸ por exemplo, está nas condições que governam a oferta de trabalho no setor avançado. Para Jorgenson não há desemprego disfarçado, de modo que a produtividade do trabalho na agricultura é sempre positiva; o salário real varia de acordo com a produtividade marginal e diferença entre o salário pago em ambos os setores se deve aos custos de transferência de mão-de-obra (que Lewis e Ranis/Fei também admitem). A crítica de Jorgenson ao modelo de Ranis e Fei é uma crítica interna das implicações decorrentes³⁹ da hipótese de existência de desemprego disfar-

³⁷ Ranis, G. and Fei, J. C. H. - "A Theory of Economic Development", in Theory of Agriculture in Economic Development, McGraw-Hill series in International Development, 1961, pp. 192, 193, 194. Para uma formalização de um modelo geral que exponha a lógica comum a todos os modelos de desenvolvimento dualista, ver Benetti, C. - L'accumulation dans les pays capitalistes sous - développés, Paris, éditions anthropos, 1974.

³⁸ Ver Jorgenson, D. W. - "The Development of a Dual Economy", in Economic Journal, vol. 71, nº 282, jun 1961, pp. 309/334.

³⁹ Uma dessas implicações é a de que a relação capital/produto deve cair durante o período de absorção do excedente de mão-de-obra. Isso porque, como vimos, as condições de equilíbrio proposta no modelo de Ranis e Fei pressupõem a constância da produtividade marginal do trabalho no setor industrial ao nível do salário institucional durante este período. Para que a produtividade marginal do trabalho se mantenha constante, a taxa de crescimento do emprego no setor industrial deverá ser igual à taxa de crescimento da produção industrial. Portanto, se a taxa de crescimento do capital fosse igual à do crescimento da produção e do emprego não haveria lugar para o progresso tecnológico. A taxa de crescimento do capital no setor industrial será positiva e crescente, mas sempre a um nível inferior à taxa de crescimento do produto. Ver Jorgenson, D. W. - "The Role of Agriculture in Economic Development: Classical Versus Neoclassical Models of Growth", in Subsistence Agriculture and Economic Development, Wharton, C. R. Aldine Press, 1969, p. 328.

çado, implicações para as quais ele supõe que não existe evidências empíricas. Para todas as outras situações as implicações das duas abordagens são idênticas: "We have concluded that tests of the classical versus the neoclassical approach to the development of a dual economy can be carried out only for situations in which it is alleged that disguised unemployment exists. For all other situations the implications of the two approaches are identical. Even where disguised unemployment is alleged to exist, some implications of the two approaches are identical".⁴⁰ Portanto, a questão do desemprego disfarçado se reduz, como no caso da tese de deterioração dos termos de intercâmbio, à verificação de sua base empírica, não representando suas implicações nenhuma dificuldade para a análise marginalista.

É a esta verificação que se lançam os críticos neoclássicos à abordagem "clássica" das economias duais. Se questiona a validade dos métodos empregados para avaliar a existência de desemprego disfarçado. São três os métodos empregados. O primeiro é chamado método indireto, que consiste em estimar a quantidade de trabalho necessária para se obter o nível corrente de produção agrícola e a quantidade de trabalho no setor agrícola; a diferença seria o desemprego disfarçado; o segundo consiste em testar a existência de desemprego disfarçado através do exame de exemplos históricos nos quais parte

⁴⁰ Jorgenson, D. W. - "The Role of Agriculture in Economic Development: Classical Versus Neoclassical Models of Growth", in Subsistence Agriculture and Economic Development, op. cit., p. 339.

substancial da força de trabalho agrícola tenha sido retirada num curto espaço de tempo; e o terceiro é baseado em estudos antropológicos da agricultura camponesa.⁴¹ As objeções que se levantam contra a validade do primeiro método são duas: a) não consideram o caráter sazonal dos trabalhos agrícolas; b) inclui como membros da força de trabalho agrícola a população com mais de 50 anos exclui aquela mais jovem. Contra o segundo e terceiro método se objeta que são baseados em casos históricos isolados, não podendo, portanto, mesmo sendo verdadeiros, serem generalizados. Schults procura mostrar que as evidências empíricas de destes casos históricos (a epidemia de gripe na Índia em 1918-19) não permite provar a existência de desemprego disfarçado.⁴² Viner vai mais longe ao afirmar que simplesmente é impossível "to conceive a farm of any kind on which, other factors of production being held constant in quantity, and even in form as well, it would not be possible, by known methods, to obtain some addition to the crop by using additional labor in more careful selection and planting of the seed, more intensive weeding, cultivation, thinning, and mulching, more painstaking harvesting, gleaning, and cleaning of the crop."⁴³ Em resumo, para os críticos da hipótese de

⁴¹ Jorgenson, D. W. - "The Role of Agriculture in Economic Development: Classical Versus Neoclassical Models of Growth", in Subsistence Agriculture and Economic Development, op. cit., pp. 340, 341.

⁴² Schultz, T. W. - A Transformação da Agricultura Tradicional, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1965, pp. 71 a 77.

⁴³ Viner, J. - "Some Reflections on the Concept of "Disguised Unemployment", in Contribuições à Análise do Desenvolvimento Econômico, op. cit., p. 347.

Lewis de oferta ilimitada de mão-de-obra, não haveria evidência empírica que provasse a existência de desemprego disfarçado.⁴⁴

Vejamos agora o mecanismo de funcionamento de uma economia subdesenvolvida tendo em conta as especificidades que a distinguem das economias centrais. Já vimos que o problema fundamental é a absorção de uma tecnologia incompatível com a disponibilidade de fatores da economia. É importante ter em conta que a absorção desta tecnologia se deve não somente ao fato de que a tecnologia se apresente como uma variável independente para o empresário de uma economia subdesenvolvida, da do que não é gerada internamente, mas também à própria forma substitutiva de importações do processo de industrialização periférico que induz à "adoção de uma tecnologia compatível com uma estrutura de custos e preços similar à que prevalece no mercado internacional de manufaturas".⁴⁵ Implícito neste raciocínio está a idéia de que não existe apenas um processo produti

⁴⁴ Johnston argumenta que mesmo Lewis qualificou sua suposição de oferta ilimitada de trabalho, dizendo que os trabalhadores que permanecem na agricultura seriam capazes e desejariam trabalhar mais; esta seria a razão de a produção agrícola não cair quando se lhe retira trabalhadores e não a existência de desemprego disfarçado; o excedente de trabalho existe apenas num sentido "relativo". Nesse sentido a idéia de salário real constante ao nível de subsistência seria apenas uma hipótese simplificadora dos modelos dualistas "clássicos" e não uma implicação dos mesmos. Johnston, B. F. - "Sectorial Interdependence, Structural Transformation, and Agricultural Growth", in Subsistence Agriculture and Economic Development, op. cit., pp. 349 e ss.

⁴⁵ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 196.

vo; mesmo que todos sejam mais ou menos intensivos em capital, já ajudaria muito se o critério de escolha dos processos a serem adotados numa economia subdesenvolvida não estivessem definidos pela necessidade de concorrer com produtos importados, podendo ser escolhidos métodos produtivos relativamente mais adequados à disponibilidade de fatores da economia.⁴⁶ Portanto, o processo de absorção do setor de subsistência pelo setor capitalista será necessariamente lento.

A questão que interessa a Furtado responder é se existe obstáculos à continuidade deste processo de absorção. Para Furtado a própria forma como se dá esse processo traz consequências que tendem a se tornarem obstáculos à sua continuidade. "O aumento relativo do setor desenvolvido - digamos do departamento A - acarretando a assimilação de técnicas de produção mais complexas, provoca alterações nas inter-

46 O raciocínio é semelhante ao de Eckhaus para explicar as dificuldades de desemprego nos países subdesenvolvidos. Essa rigidez na escolha dos métodos produtivos a serem adotados devido a necessidade de concorrer com produtos importados se enquadra no que ele classifica de imperfeições do mercado. "Suponhamos que sejam quais forem as características reais da função de produção e o grau de substituição técnica dos fatores, acreditam os industriais estarem a frente a uma função de produção de coeficientes constantes, isto é, que não seja possível nenhuma substituição de fatores. Os industriais indianos, por exemplo, podem pensar que o "modo americano" de produção é o melhor e o único e que isto sempre inclui elevadas relações entre capital e trabalho. Os engenheiros construtores, acostumados a competir com a "tecnologia ocidental", podem não se dar conta do campo de escolha disponível nos processos de fabricação e podem impor esforços técnicos desnecessários aos fabricantes dos países subdesenvolvidos". Eckhaus, R. S. - "O Problema das Proporções Fatoriais nas Zonas Subdesenvolvidas", in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit. pp. 357, 358. Grifo Nosso.

relações dos distintos grupos de atividades produtivas. Tome mos, como exemplo, a penetração destas técnicas numa zona agrícola em que prevalecem atividades de subsistência. A renda monetária, na etapa anterior, seria relativamente pequena, pois cada família produz, em sua roça, grande parte dos alimentos de que necessita. A nova agricultura traz consigo especialização, produção em condições de concorrer nos mercados. Com os novos métodos de produção surge a necessidade de instrumentos agrícolas mais complexos, do uso de fertilizantes, de inseticidas, herbicidas, meios de armazenamento e transporte modernos, etc.. Cria-se, assim, uma série de inter-relações entre o setor agrícola e outras atividades econômicas nas distintas fases do processo produtivo. Inter-relações que dão origem a uma procura derivada de múltiplos artigos elaborados ou semi-elaborados fornecidos pelo setor manufatureiro. O que no caso interessa frisar é a maneira como se processa essa transformação. Em uma economia desenvolvida, o avanço tecnológico realiza-se de forma gradual; uma melhora nos métodos de mecanização agrícola pode acarretar a substituição de um trator por outro mais eficiente; o barateamento de um determinado tipo de fertilizante pode significar a incorporação de terras antes utilizadas em criação extensiva, etc.. Todas essas modificações graduais repercutem muito pouco na estrutura de inter-relações do sistema econômico. Na economia subdesenvolvida, ao expandir-se o setor A, modifica-se, bruscamente, um segmento da estrutura de insumos, crescendo de subito a procura de manufaturas e semi-manufaturas ...

Dessa maneira de crescer dos países subdesenvolvidos - caracterizada por um forte aumento de produtos intermediários de origem industrial - resulta uma tendência à elevação do coeficiente de importação".⁴⁷

Em outras palavras, o fato de a economia subdesenvolvida importar uma tecnologia que reflete uma disponibilidade de fatores distinta e resultou de um lento processo de "decantação" em seus países de origem, implica, não somente num baixo grau de absorção de mão-de-obra mas também a necessidade de uma série de produtos complementares que não são produzidos internamente. O aumento do coeficiente de importações decorrentes se transforma num sério obstáculo ao desenvolvimento, dado que a capacidade de importações de um país subdesenvolvido tende a ser declinante. A taxa de poupança interna já é quase suficiente para manter a taxa de crescimento necessária (apesar da taxa de investimento para tanto ser relativamente mais alta do que nas economias desenvolvidas), mas tem-se dificuldade em transformar esta poupança em capital real.⁴⁸

⁴⁷ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp. 198, 199, 200.

⁴⁸ "Com efeito: já não era agora tanto pelo lado da poupança que o processo de formação de capital se ligava ao do setor externo, porquanto a rentabilidade no setor que produz para o mercado interno - pelo menos no respeitante ao núcleo industrial - nem sempre se comparava desfavoravelmente com a do setor externo, e a importância relativa dos lucros auferidos no setor industrial pode chegar a ser superior. Entretanto, essa independência, no que respeita à criação de poupança, vem quase sempre acompanhada nas fases intermediárias do subdesenvolvimento, de uma dependência maior para com a transformação de poupança em capital real."
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 207.

Uma vez localizada a causa estrutural da tendência ao desequi
líbrio do balanço de pagamentos que se observa nas economias
subdesenvolvidas, Furtado critica os que propõe como medidas
corretivas a desvalorização cambial e a deflação (as propostas
do FMI), medidas estas derivadas de um método de abordar o
problema que é simples inferência da teoria do equilíbrio
ideal; isto porque a análise econômica moderna embora tivesse
abandonado aos poucos o instrumento do equilíbrio geral, con-
servou-o no que respeita à análise dos problemas do balanço
de pagamentos:

"O método corrente de abordar o problema do desequi
líbrio externo consiste em partir de uma definição da posição
de equilíbrio no balanço de pagamentos. Esse método é uma
simples inferência da teoria do equilíbrio geral, segundo o
qual, em determinadas condições institucionais, o sistema eco-
nômico tende para uma posição em que se consegue a utilização
ótima de recursos e fatores, e em que cada fator recebe a re-
muneração que lhe corresponde, de acordo com sua produtivida-
de marginal ... Está implícito, nessa teoria, que as distin-
tas estruturas econômicas apresentam elevado grau de similitu
de, existindo a possibilidade efetiva de concorrência, no mer-
cado de fatores, entre os produtores que se dirigem ao merca-
do externo e os que operam para o mercado interno. Estes úl-
timos concorreriam com os importadores.

Se bem que a Análise Econômica moderna tenha abando-
nado, aos poucos, o instrumento do equilíbrio geral, essa for-
ma de enfocar o problema conservou todo o seu vigor, no que

respeita à análise dos problemas do balanço de pagamentos".⁴⁹

Em resumo, o problema da continuidade do processo de crescimento de uma economia subdesenvolvida está em que a magnitude das transformações estruturais quando esta atinge os estágios intermédios e superiores do subdesenvolvimento é muito maior do que nas economias desenvolvidas, o que se reflete numa elevação do coeficiente de importações. Assim, para que as restrições de uma capacidade para importar declinante ou de crescimento lento não se transforme num obstáculo ao crescimento "é necessário que as inversões no setor substitutivo de importações, cresçam com intensidade superior à das inversões nos setores que já produzem, a tempo para o mercado interno. Ocorre, entretanto, que o risco implícito naquelas inversões é maior, e a experiência, naqueles setores, menor ou nenhuma".⁵⁰ Numa economia subdesenvolvida, portanto, a orientação dos investimentos não pode ser baseada no sistema de preços:

"Ora, o sistema de preços, como instrumento orientador das inversões, é tanto mais impreciso quanto maior for a parcela das novas inversões que devem realizar-se em campos onde ainda não há experiência empresarial, quer dizer, quanto maiores forem as transformações estruturais exigidas pelo desenvolvimento. Numa estrutura altamente diversificada, a qua

⁴⁹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp. 211, 212.

⁵⁰ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 229.

se totalidade das novas inversões se efetua em linhas de produção já existentes, com base em expectativas derivadas da experiência corrente dos empresários em cada setor produtivo. Em tal situação é de esperar que o sistema de preços de uma idéia de rentabilidade relativa de cada setor, pelo menos no que respeita ao "momento presente". Mesmo numa economia muito desenvolvida, o sistema de preços é, sabidamente, insuficiente para proporcionar uma idéia da rentabilidade relativa, em função de projetos alternativos, de empreendimentos que operarão num futuro imediato. Essa incerteza, com respeito a qualquer empreendimento que só dará lucros no futuro, constitui, na verdade, a essência mesma da forma capitalista de organização da produção.

No processo de formação de capital, o sistema de preços é por todos reconhecidos como um instrumento impreciso de orientação, e foi para incorporar essa imprecisão em seus esquemas, que os economistas criaram a teoria do risco. Todavia, onde quer que haja uma ampla experiência empresarial acumulada, abarcando, praticamente, todos os setores produtivos, o risco econômico pode ser calculado em termos satisfatórios ... Nas economias subdesenvolvidas, esse problema se apresenta de forma distinta, pois em grande número de casos o empreendimento tem caráter de pioneirismo devendo o empresário fundar suas expectativas em base puramente conjectural".⁵¹

⁵¹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., pp. 227, 228.

A consequência da falta de orientação das inversões é a sobreinversão em determinados setores e a subinversão em outros tornando, como coloca Meier, a curva de "possibilidade de produção" ou curva de "transformação" de um país subdesenvolvido muito abaixo do limite máximo possível que seria atingido por uma alocação ótima de recursos. As funções de produção que vem sendo utilizadas são, na verdade, "pseudofunções" de produção. Isto ocorre não apenas devido a imperfeições do mercado (conhecimento deficiente, mobilidade imperfeita, a especificidade dos fatores e a indivisibilidade imperfeita dos mesmos) mas, fundamentalmente, ao desequilíbrio estrutural ao nível de fatores prevalescente. "Ainda que não se possa negar as imperfeições de uma economia subdesenvolvida, superestimariamos o seu significado se afirmássemos que o problema do desenvolvimento consiste, simplesmente, na sua eliminação, com a finalidade de estender a fronteira real, aproximando-a da fronteira máxima possível mediante a obtenção de uma alocação ótima dos recursos. Pode-se duvidar de que a obtenção de uma alocação ótima dos recursos, na medida em que dependa do preenchimento de condições marginais, seja de grande importância numa economia atrasada. Para se obter qualquer aumento considerável do produto não é tão necessária a satisfação das "condições marginais" como a das "condições totais". Mais importante que o "ajuste" da economia é a consideração sobre se se deve criar ou destruir determinada capacidade instalada, se a produção total não poderia ser incrementada pela introdução ou abandono da produção ou consumo de uma mercadoria. Não faz sentido interpretar como um ajuste

marginal a produção de uma nova mercadoria ou a construção de uma nova estrada de ferro que possam alterar toda a estrutura da região. Antes que os refinamentos marginais assumam importância deve haver decisivas transformações estruturais além de uma grande quantidade de pré-investimentos, distribuídos numa ampla frente de modo que a utilização dos investimentos se aproxime da plena capacidade".⁵²

O desequilíbrio estrutural ao nível da utilização dos fatores decorre, como vimos, da absorção de tecnologia in compatível com a disponibilidade relativa de fatores de produção da economia e se traduz na disparidade de rendimentos de um fator em diferentes utilizações ou pela não correspondência entre os preços dos fatores e a disponibilidade dos mesmos.⁵³ "É útil substituir cavalos por tratores quando, para manter os cavalos, ocupam-se terras que poderiam ter melhor utilização econômica. É vantajoso automatizar a indústria têxtil quando se necessita aumentar a oferta de mão-de-obra.

⁵² Meier, G. M. - "O Problema do Desenvolvimento Econômico Limitado", 1953, in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit., p. 67.

⁵³ "O desequilíbrio ao nível dos fatores pode surgir pelo fato de um mesmo fator receber diferentes rendimentos em diferentes utilizações ou pelo fato de as relações entre os preços de fatores não corresponderem às disponibilidades dos mesmos".

Kindleberger, C. P. e Despres, E. - "The Mechanism for Adjustment in International Payments: The Lessons of Post-War Experience", apud Eckhaus, R. S. "O Problema das Proporções Fatoriais nas Zonas Subdesenvolvidas", in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit., p. 352.

Para uma análise da influência do desequilíbrio estrutural sobre a quantidade e composição ótimas do investimento numa economia subdesenvolvida, ver Chenery H. B. "O Papel da Industrialização nos Programas de Desenvolvimento", 1955, in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit., p. 457.

Entretanto, se os fatores liberados pelo avanço da técnica não tem uso alternativo, a assimilação de novos processos técnicos poderá não ter nenhum ou quase nenhum efeito sobre a produtividade média da força do trabalho. Por outras palavras, a produtividade física marginal de determinados setores - como, por exemplo, as manufaturas - pode aumentar consideravelmente sem que se eleve a produtividade média do sistema como um todo. A este fenômeno qualificou muito bem Kindleberger de "desequilíbrio estrutural no nível de fatores (structural disequilibrium at the factor level)" ... O fato de que a assimilação da técnica mais avançada - condição indispensável ao crescimento, não importa qual o grau de desenvolvimento - provoca, nos países subdesenvolvidos, a ampliação permanente do fator mais abundante (mão-de-obra), faz com que o desenvolvimento das atuais economias subdesenvolvidas seja um processo de características muito distintas do crescimento das atuais economias altamente industrializadas. As disparidades existentes entre a produtividade marginal da firma e a social tendem a ser cada vez maiores nos países subdesenvolvidos".⁵⁴

Essa questão da tendência a uma maior disparidade entre a produtividade marginal privada e a social nas economias subdesenvolvidas e, por conseguinte, a impossibilidade nestas, muito mais que nas economias desenvolvidas, dos investimentos serem orientados pelo sistema de preços, foi discuti

⁵⁴ Furtado, C. - "Comentários sobre Estudos do Professor Rosentein-Rodan", in Economia Brasileira, n^os 3 e 4, vol. IV, 1958, pp. 124, 125. Grifos nossos.

da já em 1943 por Rosenstein-Rodan numa análise sobre os problemas de industrialização na Europa Oriental e Sul-Oriental⁵⁵ e depois de forma mais completa por Nurkse numa análise sobre problemas de formação de capital em países subdesenvolvidos.⁵⁶ O trabalho de Nurkse mereceu uma crítica de Furtado, na qual Furtado expõe seus pontos de vista contrários a algumas hipóteses de Nurkse mas de acordo com outras, entre as quais aquela sobre o critério básico a ser adotado na orientação do investimento, que segundo Nurkse deveria ser o da produtividade marginal social. Nesse artigo Furtado explicita melhor a questão que vimos discutindo até agora:

55 "Supõe-se, de modo geral, tacitamente, que a divergência entre o "produto marginal líquido social e privado" não é muito considerável. Esta hipótese pode ser muito otimista, mesmo no caso de um sistema cristalizado de economia madura do tipo competitivo. Certamente não é verdadeiro no caso de fundamentais mudanças de estrutura nas áreas internacionais deprimidas. Nesse caso, as economias externas podem ser da mesma ordem de magnitude que os lucros que aparecem na conta de lucros e perdas da empresa.

As atuais instituições de investimento nacionais e internacionais não tiram vantagens das economias externas. Dados seus padrões de comportamento não há nenhum incentivo para investimentos que são lucrativos em termos de "produto marginal líquido social" mas que não parecem lucrativos em termos de "produto marginal líquido privado". A principal força propulsora do investimento é a expectativa de lucro do empresário individual, que se baseia na experiência do passado. No entanto, essa experiência do passado é parcialmente irrelevante quando se trata de transformar toda a estrutura econômica de uma região. O conhecimento do empresário individual sobre o mercado pode ser insuficiente neste caso, porque ele não pode conhecer todos os dados de que poderia dispor o Conselho de Planejamento" ...
Rosenstein-Rodan, P. N. - "Problemas de Industrialização da Europa Oriental e Sul-Oriental", in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit., pp. 256, 257.

56 Nurkse, R. - Problemas de Formación de Capital en los Países Insuficientemente Desarrollados, Mexico, Fondo de Cultura, 1975.

"O critério microanalítico da produtividade marginal no qual a produtividade da última unidade de investimento em cada setor é considerada do ponto de vista da rentabilidade da empresa vem sendo abandonado em favor do critério social, relacionando a renda nacional, como um todo, à produtividade da última unidade de investimento ...

A adoção deste critério nos leva a concluir que o mecanismo dos preços de mercado não torna por si só possível a utilização ótima dos recursos. Ou melhor, em casos especiais pode torná-la possível não sendo, no entanto, suficiente para assegurar esta utilização. Chegamos, assim, a um ponto fundamental da teoria do desenvolvimento econômico. Numa economia altamente desenvolvida, em que os recursos naturais são mais ou menos conhecidos, a produtividade marginal é, aproximadamente, a mesma em todos os setores sendo, portanto, também aproximadamente, iguais os salários para os mesmos graus de qualificação e de esforço; numa economia deste tipo a produtividade social de investimento se aproximaria de sua produtividade do ponto de vista da empresa, isto é, do rendimento do capital. Somente neste caso cabe considerar o mecanismo dos preços como guia seguro para o investimento. Isto não se aplica a uma economia que se encontra em suas primeiras fases de desenvolvimento. Nesta encontramos uma disparidade notável do grau de utilização dos fatores de produção entre um setor e outro. A mera transferência de fatores de produção ou a introdução de novas combinações podem produzir incremento considerável da produtividade social. Este incremento, no entanto, não tem por que se refletir, necessariamente, na ren-

tabilidade da empresa. Existe, pois, um forte fundamento para se crer que a taxa de desenvolvimento pode se acelerar ao se eliminar as impropriedades do mercado enquanto mecanismo regulador do progresso econômico e se os investimentos forem efetuados de acordo com um plano coordenado e compreensivo".⁵⁷

Mais uma vez, a digressão feita acima mostra que as especificidades do processo de desenvolvimento das economias subdesenvolvidas tem levado a maioria de seus analistas, dentre eles Furtado, a fazerem qualificações as hipóteses da teoria econômica "convencional", muitas delas já abandonadas na análise do processo de desenvolvimento das próprias economias desenvolvidas, e não a formular uma nova teoria econômica. Vejamos agora a análise que Furtado faz de um caso concreto de subdesenvolvimento, o Brasil, onde, apesar de não se ter feito um planejamento adequado das inversões, se conseguiu avançar no processo de industrialização superando os principais obstáculos que se antepunham-lhe no caminho.

No Brasil a crise de 1929 e as medidas tomadas pelo poder público no sentido de garantir mercado aos produtores de café, que teve um alcance extraordinário como defesa do nível interno de emprego,⁵⁸ propiciaram ao núcleo industrial que se formara anteriormente condições excepcionais de

⁵⁷ Furtado, C. - "Formação de Capital e Desenvolvimento Econômico", in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit., p. 334.

⁵⁸ Para uma análise deste ponto ver a já clássica obra de Furtado "Formação Econômica do Brasil", capítulo 31.

crescimento frente a um amplo mercado protegido por uma capacidade para importar reduzida. Durante o decênio dos trinta a produção industrial cresce rapidamente apoiada na utilização intensiva dos equipamentos existentes, além de uma certa facilidade na importação de equipamentos de segunda mão dos países centrais que atravessavam profunda crise. O processo inflacionário devido a defasagem estrutural entre a capacidade da oferta frente a procura foi fundamental, na medida em que provocava um aumento da rentabilidade do setor industrial atraindo recursos de outros setores.⁵⁹ O centro dinâmico do processo de desenvolvimento se desloca para o setor industrial, sendo que a eclosão da 2.^a Guerra Mundial vem completar o processo. "Enquanto se lutava para salvar o setor externo, o sistema econômico - submetido a pressão de várias ordens - abriu por ele mesmo novos caminhos".⁶⁰ Como o processo de industrialização vinha se realizando sem uma adequada planificação, graves pontos de estrangulamentos surgiram, na medida em que os investimentos básicos na infra-estrutura tais como transporte, energia, etc., foram insuficientes o que se traduziu em novas pressões inflacionárias.

Dada uma percepção pouco clara do problema se formu

⁵⁹ "Seria difícil conceber essa transferência, típica dos anos trinta na região de São Paulo, sem o grande sopro inflacionário que manteve a economia de pé no decênio de depressão mundial".

Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 248.

⁶⁰ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 238.

la um diagnóstico que indica como causa dos desequilíbrios os elevados custos industriais e que a solução seria forçar a baixa nos preços internos pela concorrência de produtos importados. Como o país havia acumulado um montante considerável de divisas durante a guerra, ao término desta se abrem as importações fixando a paridade do cruzeiro a um nível extremamente baixo. Dessa maneira, as importações aumentam rapidamente, esgotando as reservas acumuladas. A consequência deste falso diagnóstico foram extremamente importantes para a continuidade do processo de industrialização, na medida em que, vão forçar a adoção de uma política de correção do desequilíbrio do setor externo que irá favorecer excepcionalmente o setor industrial. "Para evitar a desvalorização, que poderia ter efeitos negativos sobre os preços internacionais do café, o Poder Público optou pelo controle quantitativo das importações, o qual favoreceu duplamente o setor industrial: a) com uma proteção ilimitada, no caso de artigos menos essenciais e b) através de subsídios implícito às importações de matérias primas e equipamentos, em decorrência do baixo custo das divisas".⁶¹

Pela primeira vez a política econômica adotada reflete os interesses diretos do setor industrial. Até então as medidas de política econômica visam os interesses do setor exportador; apenas indiretamente beneficiavam o setor industrial. A política adotada sig

⁶¹ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 239.

nifica uma fase de transição em que os centros de decisão tendem a se deslocar para o setor industrial.⁶² A transferência dos centros de decisão para a classe industrial irá possibilitar a formulação de uma política de industrialização sistemática na segunda metade da década de 50.

A manutenção desta política só foi possível em função da melhora nos preços de intercâmbio a partir de 49. A inflação transferiu, continuamente esse aumento da produtividade econômica do setor externo para o setor industrial. A aceleração dos investimentos industriais que se seguem sem uma adequada orientação, concentrando-se, pela própria lógica do processo de substituição de importação, nos setores menos essenciais, agrava a dependência quanto à importação de bens de capital e insumos básicos. "Em outras palavras, os desequilíbrios estruturais inerentes ao processo de crescimento de um país subdesenvolvido haviam sido ampliados por um desenvolvimento realizado a contra-golpe, sem as diretrizes de uma política orientadora".⁶³ E configura assim uma situação em que para crescer à taxa necessária (correspondente à plena ocupação da capacidade produtiva instalada) a economia brasileira requer grandes importações de certos produtos intermediários

⁶² "A partir deste momento as modificações nas relações de forças se fariam de forma cada vez mais acentuada a favor do grupo industrial".

Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 245.

⁶³ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 241.

e equipamentos frente a uma capacidade para importar limitada. O preço destes produtos intermediários e equipamentos tende a subir incentivando sua substituição. Mas para substituir importações requer-se mais equipamentos importados, o que se choca com uma pauta de importações extremamente rígida.

Para enfrentar tal situação havia duas alternativas: "reduzir o grau de ocupação nas indústrias existentes e concentrar os investimentos na substituição de importações, ou sacrificar os novos investimentos para manter o nível de ocupação nas indústrias existentes. A solução adotada no Brasil foi guardar o melhor de dois mundos: concentrar investimentos na substituição de importações e manter o nível de emprego. Essa solução exigia fortes entradas de recursos externos, o que não ocorreu. A consequência foi um aumento inusitado das pressões inflacionárias. A aceleração do processo inflacionário, no Brasil, no último quinquênio, resulta em boa parte dos grandes desequilíbrios que se formaram no período anterior. Para diminuir a pressão inflacionária teria sido necessário reduzir o ritmo de crescimento ou receber muito mais recursos de fora. A solução adotada levou a pressão inflacionária a extremos provocadores de grande desgaste social. Mas abriu o caminho à superação definitiva da barreira apresentada pela capacidade para importar à formação de capital".⁶⁴

A aceleração dos investimentos nos setores básicos contou com a criação de um banco oficial de investimentos (BNDE)

⁶⁴ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 242.

e uma série de medidas de incentivos cambiais, fiscais e financeiros. Como não tivessem sido tomadas medidas de desestímulo dos investimentos menos essenciais, o esforço se traduziu numa aceleração da espiral inflacionária, pondo em risco a continuidade do processo: "Em 1958, quando adveio nova crise do café, a política de aceleração dos investimentos nos setores críticos correu sério risco de interrupção".⁶⁵

Tendo por suposto que a estrutura industrial atingiu um grau de diversificação que a aproxima de um relativo equilíbrio entre a capacidade para importar e as necessidades de importações, Furtado vai analisar as dificuldades que tenderão a surgir a medida em que se esgote o processo de substituição de importações.⁶⁶ Embora a economia apresente uma estrutura produtiva diversificada,⁶⁷ as características do processo de industrialização associado com a forma como evoluiu o setor agrícola, tenderão a criar barreiras à continuidade do processo de industrialização à medida em que se esgote o processo de substituição de importações e se reduz o

⁶⁵ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 252.

⁶⁶ O esgotamento do processo de substituição de importações é entendido aqui no sentido estrito do termo, ou seja, a diversificação da estrutura industrial se completa.

⁶⁷ "Contudo, com a diferenciação da estrutura industrial, a economia já está marchando para um relativo equilíbrio entre a capacidade para importar e a procura de importações".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 266.

processo inflacionário.⁶⁸ Vejamos como.

O processo de industrialização se fez com uma oferta totalmente elástica de mão-de-obra. Assim os salários no setor urbano-industrial embora superiores aos salários do setor de subsistência, mantiveram-se constantes. O mesmo ocorreu com o setor exportador. Isto significa para Furtado, que o crescimento se realizou com um custo social crescente. As tensões sociais são minimizadas enquanto a economia se mantém em crescimento, dado que o crescimento significa uma ampliação da demanda de mão-de-obra, que se desloca do setor de subsistência ao setor urbano-industrial. Como no setor urbano-industrial os salários são relativamente mais elevados, essa transferência de mão-de-obra se traduz numa elevação do salário real médio da economia. Uma vez esgotados os fatores dinâmicos que permitiram um rápido crescimento as tensões sociais tendem a aumentar.⁶⁹ Furtado aponta dois caminhos que resultam numa ampliação do mercado através "de um uso mais racional dos fatores e de uma distribuição menos desigual da renda".⁷⁰ O primeiro caminho é o do aumento da produtivida-

⁶⁸ "Cabe então perguntar: esgotados os estímulos decorrentes do processo de substituição de importações e reduzida a correspondente pressão inflacionária, haverá necessariamente queda na taxa de inversões com redução do ritmo de crescimento".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 266.

⁶⁹ "Se assim ocorrer, caminhará o Brasil para uma etapa de agudas tensões sociais, em contraste com o clima de relativa harmonia que caracterizou os últimos decênios".
Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 266.

⁷⁰ Furtado, C. - Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, op. cit., p. 267. Grifo nosso.

de na indústria e a transferência desse aumento para os assalariados. A maior produtividade na indústria se refletido nos preços, abriria o mercado agrícola aos produtos manufaturados, além de significar um aumento global do poder aquisitivo da população. O outro caminho é "a transformação direta da estrutura agrária", racionalizando o uso dos fatores (terra, trabalho, capital) de modo a ampliar o excedente agrícola a um custo menor, que teria como efeito um aumento dos salários globais, ampliando o mercado de produtos manufaturados (tanto de bens de consumo como de capital). Em outras palavras, o único meio de uma economia, que possui uma estrutura industrial diversificada, continuar crescendo é se a estrutura da procura evolui de maneira compatível com a estrutura da oferta, ao mesmo tempo determinada por ela e determinando-a.

Com o esgotamento do processo de substituição de importações, que se baseava na satisfação de uma procura pré-existente, a continuidade do processo de industrialização vai depender de como evoluir essa procura. Como o setor de subsistência ainda não foi absorvido, isso significa que os salários industriais continuam sendo regulados pelo nível de vida prevalescente neste setor, não absorvendo os aumentos da produtividade marginal do trabalho. É necessário, então, intervir no processo de modo a garantir a expansão da demanda enquanto o setor atrasado não for eliminado. O otimismo de Furtado nesta obra atinge seu ponto máximo. O momento em que se creve, no final do plano de metas quando são concluídos investimentos maciços nos setores de infraestrutura básica, leva

Furtado a vislumbrar na estrutura produtiva da economia brasileira uma estrutura diversificada e flexível, já próxima à de uma economia madura. Assim, a preocupação não é mais adequar uma estrutura produtiva limitada a uma demanda diversificada, antes atendida com importações; o problema agora se inverte. Trata-se, agora, de modificar um perfil de procura relativamente rígido face a uma estrutura de oferta diversificada e elástica, rigidez esta decorrente das especificidades do processo de industrialização de uma economia periférica.

O modelo de "subdesenvolvimento" de Furtado pode ser sintetizado da seguinte maneira: o processo de industrialização das economias periféricas, que se caracteriza por ser um processo de substituição de produtos manufaturados antes importados, conduz à absorção de tecnologias inadequadas à disponibilidade relativa de fatores da economia. Assim, falta numa economia subdesenvolvida, e é isto a fonte de todos os problemas, justamente o elemento que dá flexibilidade ao sistema econômico, mantendo o equilíbrio entre os ritmos de acumulação de capital e crescimento da força de trabalho. O equilíbrio entre ofertas relativas de capital e trabalho, como foi visto no primeiro capítulo, é decisivo para a continuidade do processo de crescimento, pois implica uma distribuição equitativa de renda entre capitalistas e trabalhadores. Desse modo, por um lado, parte dos aumentos de produtividade se traduzem numa elevação dos salários reais, diversificando a procura; por outro lado, parte dos frutos do aumento de produtividade se traduzem numa elevação da massa de lucros, aumentando o potencial de crescimento da economia. Ora, numa economia subde

se desenvolvida ao faltar o elemento de ajuste entre as ofertas relativas de capital e trabalho e sendo a tecnologia poupadora de capital, a oferta de trabalho tende a permanecer sempre superior a procura, impedindo, assim, que os salários acompanhem o aumento de produtividade. No entanto os frutos dos aumentos de produtividade, que são apropriados pelos capitalistas, não se traduzem numa aceleração do processo de acumulação de capital, tal como ocorreu, na primeira fase do desenvolvimento das economias centrais, pela mesma razão de que a tecnologia absorvida reflete um grau de acumulação de capital muitas vezes superior ao da economia subdesenvolvida.

Portanto, o excedente de mão-de-obra nas economias subdesenvolvidas tende a ser estrutural. Uma vez esgotado o processo de substituição de importações, a economia tenderá à estagnação se esta não for capaz de gerar sua própria tecnologia, adequada a sua disponibilidade relativa de fatores. Tenderá à estagnação porque se os salários não acompanham o aumento da produtividade a procura não se diversifica; ou seja, a economia não é capaz de gerar, endogenamente, seu próprio mercado. Não se forma aquele anel de "feed back", que caracteriza as economias centrais, de introdução de progresso técnico - aumento da produtividade - diversificação da procura - - introdução de novos produtos e métodos produtivos.

PARTE II

A EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS DE
DESENVOLVIMENTO E SUBDESENVOLVIMENTO

CAPITULO I

DIALÉTICA DO DESENVOLVIMENTO

Nesta obra, o esforço de Furtado é no sentido de integrar na análise do processo de industrialização brasileiro o movimento da superestrutura política e social e a infraestrutura econômica, tentando mostrar as limitações da análise marxista, especialmente para as economias subdesenvolvidas. Estas economias apresentam certas especificidades que impediriam a aplicação das categorias marxistas de análise para as mesmas, as quais, da mesma maneira que as categorias de análise neoclássicas, foram concebidas a partir de uma realidade distinta.

Vejamos como Furtado critica a análise marxista e a "enquadra" no tempo e no espaço.

A crítica se centra no método dialético de análise. Primeiro quanto a sua aplicabilidade às ciências naturais. Segundo quanto à sua generalização para todos os casos concretos ao longo da história, como um conjunto de regras de aplicação universal. A aplicação do método dialético às ciências naturais é impossível na medida em que "a essência do pensamento dialético está na idéia simples de que o todo não pode ser explicado pela análise isolada de suas distintas partes. O todo se capta primeiro através de uma

síntese, em grande parte intuitiva, que realiza o espírito humano, e a partir desta síntese adquire sentido a análise das partes" ¹.

A ciência experimental justamente trataria de compreender o mundo a partir do estudo das partes, prescindindo de uma concepção prévia do todo. Já para a compreensão dos processos históricos, dado o nível de conhecimentos atuais do homem, é vital que se tenha antes uma concepção do todo ². A idéia formulada por Hegel, de interdependência das distintas instituições numa determinada etapa da história, deriva de uma concepção totalizante da história. O que Marx fez foi buscar as forças primárias que atuam dentro deste todo e que provocam reações em cadeia. A hipótese marxista de uma superestrutura política, social, etc., condicionada por uma infraestrutura dada pelas relações de produção que por sua vez tem origem no desenvolvimento das forças produtivas (tecnologia), permitiu reduzir as múltiplas variáveis que interveem no processo histórico a uns quantos elementos. Isso possibilitou a construção de um modelo simples de explicação do processo de mudança social, simplificações estas "que

¹ Furtado, C. Dialéctica del Desarrollo, México, Fondo de Cultura, 1965, p.30.

² "A importância da dialética para a compreensão dos processos históricos deriva precisamente do fato de que a história, a nível dos conhecimentos atuais do homem, não pode ser reconstituída se se parte da análise isolada dos múltiplos fatos que a compõem". Furtado, C. Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.31. Grifo nosso. Note-se que a sugestão aqui é de que no futuro a história poderia ser pensada através da análise isolada das partes, como ocorreria com as ciências naturais.

permitiram penetrar a análise da história numa fase em que as ciências sociais estavam em formação" ³. O nível elevado de abstração em que é possível hoje construir o modelo de um processo histórico limita a formulação de hipóteses explicativas que abarquem um número maior de casos concretos. À medida em que, com o desenvolvimento das ciências sociais, se construam modelos com maior número de variáveis, as hipóteses explicativas do processo de desenvolvimento histórico a brangeriam um maior número de casos concretos. De qualquer modo, até hoje não se teria superado a hipótese simplificada de Marx, agrupando os elementos que compõem estrutura social em infraestruturais e superestruturais.

O modelo de Marx, onde a introdução de inovações no processo produtivo ⁴ fazendo com que as mudanças na base material repercutam sobre toda a cultura não material, tem validade histórica condicionada às economias capitalistas que começaram a se industrializar no início do século XIX. Nas economias subdesenvolvidas as mudanças na cultura não material tiveram um papel decisivo: "as inovações nas atitudes e nos hábitos absorvidos de outras culturas provocaram em geral uma modificação total nas expectativas de importantes

³ Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit. - p.31.

⁴ "A análise do processo de câmbio em um sistema cultural permite identificar aquelas inovações que não provocam modificações definitivas no equilíbrio deste sistema e portanto são absorvidas, do mesmo modo que aquelas que possuem um caráter dinâmico típico. As inovações tecnológicas introduzidas no processo produtivo não só se incluem entre estas últimas: devido às reações em cadeia que geram em fluir permanente, condicionam todo o processo de mudança social".
Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo. op. cit. - p.39.

setores da população, o que pôde dar lugar a uma cadeia de reações com repercussões em toda estrutura social. Contudo, uma vez iniciadas as modificações no sistema produtivo, as reações em cadeia derivadas de tais modificações deram lugar a um novo processo tendente a aproximar-se do modelo referido anteriormente" ⁵.

Em outras palavras, a tese de Marx de modificações na infraestrutura a partir do desenvolvimento das forças produtivas só tem validade para as economias capitalistas desenvolvidas porque nestas o elemento dinâmico atua do lado da oferta, através da introdução de inovações tecnológicas no sistema produtivo; com o aumento da produtividade decorrente, a procura ia se diversificando e com ela surgiam novos hábitos de consumo, novos padrões de comportamento, etc., - a "cultura não material". Com as economias subdesenvolvidas se dá o inverso; nestas o processo de industrialização se inicia pelo atendimento de uma procura pré-existente, condicionada por hábitos e padrões de comportamento absorvidos de outras culturas; ou seja, as modificações na superestrutura precedem e condicionam a infraestrutura.

A luta de classes também é um fenômeno historicamente condicionado às economias capitalistas centrais. Nas sociedades onde domina a propriedade privada dos meios de produção, os conflitos decorrentes da introdução de inovações tende a se transformar em conflitos de classes sociais, na medida em que aumenta concorrência inter-capitalista que

⁵ Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo. Op. cit. - p.39.

por sua vez pressiona os salários ou provoca desemprego."Desta maneira, ainda que a concorrência seja entre produtores , seus efeitos últimos se traduzem em conflitos entre proprietários dos bens de produção e assalariados" ⁶.

O processo de urbanização a que deu origem o capitalismo, concentrando grandes massas de trabalhadores em grandes unidades produtivas, onde as preocupações com os custos era fundamental, e o desemprego periódico criaram condições para o surgimento da consciência de classe. Antes do advento do capitalismo a força motriz do processo histórico não é a luta entre classes sociais, e sim entre facções da classe dominante. No feudalismo, por exemplo, os meios de produção eram de propriedade privada e portanto, em princípio, os camponeses estavam em posição antagônica aos senhores feudais, mas não havia consciência de classe. A luta entre ambas não foi um fator decisivo no desenvolvimento da sociedade moderna. O desenvolvimento das forças produtivas não tendeu a agudizar-la, mas sim criou formas de emprego fora da zona rural. O conflito se deu entre a burguesia nascente e a nobreza feudal.

A propriedade privada dos meios de produção, numa sociedade onde a introdução de inovações aumenta o excedente disponível, funciona como um mecanismo de limitação do consumo. A apropriação total ou parcial deste excedente pelas classes dirigentes que o incorporam ao processo de acumulação de capital aumenta o seu poder e o da comunidade também.

⁶ Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo - Op.cit. - p.40.

"Assim, a divisão da sociedade em classes com interesses an tagônicos não foi senão uma derivação necessária do módulo de formação de capital em que se baseia o processo histórico do desenvolvimento econômico" ⁷. Por outro lado, a agressi vidade da classe trabalhadora é importante para o equilíbrio do sistema na medida em que representa a garantia de uma vi gorosa demanda efetiva. É necessário apenas uma política mo derada de planificação, a fim de eliminar alguns obstáculos institucionais que se traduzem na persistência de algumas formas anacrônicas de distribuição de renda.

Numa economia subdesenvolvida a penetração de tec nologia importada criando um excedente estrutural de mão-de-obra, impede a formação de uma consciência de classe por par te dos trabalhadores. Isto se traduz num fator de entorpeci mento do mercado interno, sendo que o excedente em mãos da classe dirigente tende a se transformar em consumo suntuário ou filtrar-se para o exterior ⁸. Portanto, os salários per manecem constantes não mais por causa do excedente estrutu ral de mão-de-obra, mas pela falta de consciência de classe da massa trabalhadora.

Em seguida Furtado critica a concepção marxista do

⁷ Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.4.

⁸ "Com efeito, a apropriação do excedente pelos grupos diri gentes não encontra resistência nos trabalhadores, cuja consciência de classe só vai se formando muito lentamente, devido ao vasto subemprego estrutural gerado pelo dualis mo. Essa ausência de vigor da classe assalariada também constitui um fator que vem entorpecer a formação do merca do interno. Desta maneira, o excedente que vai para as mãos da classe dirigente tende a originar formas de consu mo suntuário ou a filtrar-se em inversões no exterior". Furtado, C. - "Dialéctica del Desarrollo" - op. cit. - p.43

Estado. Para Engels, o estado seria produto da luta de classes e não passaria de um instrumento de opressão de uma classe por outra. Para Furtado, o estado nasce dos conflitos entre grupos humanos socialmente estratificados (facções das classes dominantes) e não classes sociais ⁹. O Estado surge naturalmente quando uma sociedade cresce a um ponto em que seus membros necessitam de normas gerais, cuja aplicação deve ser imposta por uma autoridade cuja legitimidade não deriva de laços de parentesco. Não é portanto, um simples instrumento de opressão de uma classe minoritária. A legitimidade do Estado deriva de um consenso geral da comunidade da sua necessidade, o que lhe confere uma certa autonomia ¹⁰.

O Estado que surge no capitalismo tem duas características: a) a instabilidade gerada pela luta de classes e exige a criação de estruturas políticas mais flexíveis; b) o enriquecimento da sociedade aumenta as necessidades coletivas, o que repercute no aparato prestador de serviços do Estado. Apesar de ser em boa medida um instrumento de uma das classes em luta no capitalismo, o Estado tende a constituir um estrato autônomo dessa sociedade, com aspirações e atitu

⁹ "Em realidade, sobram provas de que a formação e o desenvolvimento das organizações políticas estão vinculados a conflitos entre grupos humanos socialmente estratificados e não classes sociais".
Furtado, C. - "Dialéctica del Desarrollo" - op.cit. - p.46

¹⁰ "O próprio Engels reconhece este fato quando afirma: "Há períodos em que as classes em luta se aproximam em uma tal forma a um equilíbrio que o poder do Estado adquire, como mediador aparente, uma certa independência momentânea frente a uma e outra". E cita exemplos das monarquias absolutas dos séculos XVII e XVIII, os dois Bonapartismos, e Bismarckismo... As exceções resultam ser mais numerosas que a regra"
Furtado, C. - "Dialéctica del Desarrollo", op.cit., p.48.

des próprias.

A luta de classes não tende a agudizar-se com o desenvolvimento do capitalismo na medida em que, de um lado as condições de representatividade e pressão da classe trabalhadora aumentam no marco da flexibilidade das instituições políticas e por outro lado, o desenvolvimento cria as condições materiais para a satisfação das crescentes necessidades das massas trabalhadoras. O facismo é citado como prova de que se elimina a luta de classes, dondé deriva o dinamismo do capitalismo, a tendência é uma crescente participação do Estado no produto nacional através do rearmamento e outras formas de mobilização estatal.

O Estado capitalista procura eliminar apenas os privilégios que entorpecem o desenvolvimento das forças produtivas promovendo reforma agrária; fiscal, etc. O permanente movimento de auto reforma ¹¹ de democracia capitalista é devido a um interesse social superior ao interesse de grupos ou classes, sendo que a diretriz deste interesse é dada pelo desenvolvimento das "forças produtivas".

As modificações estruturais acarretadas pelo desenvolvimento econômico, tanto no sistema da produção como na distribuição de renda, se fazem efetivas em função do grau de flexibilidade do marco institucional dentro do qual opera

¹¹ Segundo Furtado, esta seria a razão fundamental da falha na previsão de Marx quanto à inevitabilidade da revolução à medida em que avança o capitalismo.

a economia. Ou seja, desde que se garanta a efetividade do impulso de melhoria das condições de vida das massas trabalhadoras frente ao impulso à acumulação da classe dirigente.

À medida em que o capitalismo se desenvolve, a tendência é de aumento do poder de barganha das classes trabalhadoras. É a introdução da tecnologia poupadora de mão-de-obra que reestabelece o equilíbrio. A agressividade da classe trabalhadora é, portanto, fundamental para o avanço da tecnologia, logo do próprio sistema. "Em sua etapa mais avançada, o desenvolvimento do capitalismo deriva seu principal impulso dinâmico da agressividade da massa trabalhadora, que luta para aumentar sua participação no produto social. Essa agressividade, que põe em perigo a taxa de lucro da classe capitalista, suscita como reação o interesse pelas inovações tecnológicas que tendem a reduzir a demanda por mão-de-obra por unidade de produto. Essas inovações são em si mesmas um fator de desemprego e atuam como força depressiva sobre a economia. No entanto, tal força depressiva tem um caráter especial, pois acarreta modificações estruturais na economia, alterando as funções de produção e reacondicionando os módulos de consumo através de modificações nos preços relativos. De todos os modos, é a ação da classe trabalhadora tendente a aumentar sua participação no produto que cria as condições para o avanço da tecnologia. Por sua vez, esta permite que se mantenha uma elevada taxa de acumulação, apesar da inelasticidade da oferta de mão-de-obra" ¹². Numa economia

¹² Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.67

subdesenvolvida, como vimos, a existência de um grande reservatório de mão-de-obra inibe a consciência de classes, colocando o capitalista numa situação privilegiada frente os trabalhadores industriais. Assim, o setor capitalista de uma economia dual apresenta pouco dinamismo, uma vez que a taxa de lucro não é posta em xeque pelas massas trabalhadoras.

Essa concepção da luta de classes como motor do processo de desenvolvimento é nova. Na concepção anterior o motor do processo de desenvolvimento era a concorrência inter-capitalista. Os novos métodos produtivos eram introduzidos na expectativa de maiores lucros e rapidamente difundidos devido à concorrência entre os produtores. O caráter poupador ou não de um determinado fator de produção dos novos métodos produtivos iria depender da disponibilidade relativa deste fator. Portanto, a introdução de inovações tecnológicas é independente de pressões salariais; estas apenas condicionam a forma deste progresso técnico, se poupadora de mão-de-obra ou não. Na nova concepção a própria introdução do progresso tecnológico resulta das pressões salariais; paradoxalmente, agora, apesar de colocar a questão em termos de luta de classes, a nova concepção de Furtado se identifica virtualmente com as concepções neoclássicas sobre a introdução de inovações tecnológicas na economia. Para estas o móvel da introdução de progresso técnico são as pressões salariais trazidas por um aceleração da taxa de crescimento do capital frente à do trabalho, o que é rigorosamente o cerne da nova concepção de Furtado. Isto fica evidente na medida em que Furtado vincula não só o poder de barganha da

classe trabalhadora, como também a sua própria consciência de classe à disponibilidade relativa de mão-de-obra da economia. A luta de classes aparece apenas como uma sobredeterminação de um processo que lhe é totalmente independente. Vejamos agora a caracterização do processo de desenvolvimento de uma economia subdesenvolvida.

Numa primeira fase do crescimento de uma economia subdesenvolvida a ação de fatores exógenos através do setor exportador é fundamental para o desenvolvimento da "cunha" capitalista tanto das atividades exportadoras como das ligadas ao mercado interno. O desenvolvimento do setor capitalista tende a entrar em conflito com o antigo grupo latifundista na medida em que a demanda por alimentos nas zonas urbanas pressiona o setor rural, fazendo com que parte de suas atividades passe para o domínio direto dos empresários capitalistas ¹³.

A classe dirigente tende a diferenciar-se em três grupos cujas divergências não seriam muito distintas daquelas observadas na Europa, na época da implantação do capitalismo industrial, entre aristocracia rural, grande burguesia financeira e grande burguesia industrial. São eles: o pri

¹³ "O crescimento da demanda por produtos agrícolas nas zonas urbanas, gerado pelo desenvolvimento do setor capitalista, tem necessariamente um forte efeito no setor rural, submetido já a uma sucção permanente de mão-de-obra. Se cria uma pressão sobre o setor rural que tende a dividi-lo, passando uma parte de suas atividades sob domínio direto dos empresários capitalistas. Isto produz uma situação de instabilidade para a antiga classe latifundista, a qual procura apoiar-se nas instituições políticas para defender seus privilégios".
Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.79 .
Grifo nosso.

meiro é o primitivo núcleo latifundista, sendo livre cambista e anti-estatal contra toda mudança no status que pensa vir pela ação estatal; o segundo grupo representa os interesses ligados ao comércio exterior, também livre-cambista, mas seu liberalismo é matizado por certas restrições, já que utiliza o Estado para defender seus negócios externos; finalmente o 3º grupo, ligado ao mercado interno, protecionista e em muitos aspectos estatal, na medida em que procura utilizar o Estado para transferir recursos para si. Pois bem, a diferença entre o relacionamento divergente entre estes grupos e os similares europeus está em que na Europa a luta de classes atua como um fator de desafio que impele a solução destas divergências. "A ausência de um autêntico desafio dentro da própria estrutura subdesenvolvida faz com que os grupos dominantes não superem sua falta de capacidade para buscar soluções a suas contradições internas, o que repercute de maneira adversa no desenvolvimento social. Assim, o grupo latifundista, que controla boa parte do poder político através das bases rurais, e atua como força depressiva sobre o processo de desenvolvimento, pode conservar por muito tempo uma influência dominante. Do mesmo modo, os interesses externos ligados ao setor exportador podem impedir, em benefício próprio, o crescimento do mercado interno, sem que isto provoque maiores reações dentro do mesmo sistema econômico. Tem aqui como a notória tendência ao estancamento que caracteriza a muitas das atuais economias subdesenvolvidas tem profundas raízes nas estruturas sociais" ¹⁴.

¹⁴ Furtado, C. - Dialética del Desarrollo, op.cit., p.80. Grifo nosso.

O Estado assume uma importância extraordinária frente às necessidades dos distintos grupos: proteção para o mercado interno, crédito ao setor agrícola tradicional, infraestrutura de serviços básicos para o setor exportador. Nas lutas destas distintas facções da classe dominante pelo controle do Estado, a massa heterogênea de trabalhadores assalariados urbanos, que se forma com o processo de urbanização, jogam um papel importante como massa de manobra. A falta de uma consciência de classe a torna vulnerável à ideologia das classes dominantes, o populismo. A inflação dá grande flexibilidade à ação populista, na medida em que permite "dar favores com uma mão e tirar com outra". No Caso do Brasil, o grau em que atingiu o desenvolvimento das forças produtivas elevando como ponto fundamental para o desenvolvimento econômico e social do país a participação das massas trabalhadoras urbanas e rurais, torna imprescindível criar condições para que efetivamente participem do poder, sob pena de que as tensões sociais que vem se acumulando acabarem se resolvendo num processo revolucionário aberto. "Não cabe dúvida alguma que para nós se tem aberto uma época de revolução social. Resta saber se esse processo revolucionário se desenvolverá sob a forma de atividade prática crítica ou como tragédia de um povo que não encontrou seu destino"¹⁵. Assim, a aparente contradição de as tensões sociais aumentarem com o desenvolvimento econômico deve-se à rigidez do marco insti

¹⁵ Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.85.

tucional ¹⁶.

A crise da economia colonial não foi consequência do desenvolvimento das forças produtivas, e sim reflexo do debilitamento dos estímulos externos. A economia colonial não sofreu a concorrência de um novo sistema em formação. A industrialização é antes um resultado desta crise e do modo como se defende a economia colonial, do que sua causa. Assim, não teria havido no Brasil um deslocamento de superestrutua arcaica, na medida em que o desenvolvimento das forças produtivas não entra em contradição com a velha ordem. Na etapa de transição que se inicia em 1930 as classes dirigentes são essencialmente as mesmas do período anterior, sem nenhuma consciência das profundas modificações que estão ocorrendo na economia.

O processo de industrialização numa primeira etapa segue substituindo importações. O processo inflacionário substitui a falta de uma política de industrialização coerente transferindo recursos para o setor industrial. Enquanto o processo inflacionário redistribui um aumento real da renda gerado pelo processo de substituição de importações e pela melhora nos termos de intercâmbio (49/54), atua de uma forma dinâmica no processo de acumulação. Mas a partir do momento em que se esgota o processo de substituição de importações e se deteriora os termos de intercâmbio, a inflação perde o que distribuir, se esterilizando. "Desaparecida a ação dos

¹⁶ Aqui Furtado desenvolve a análise feita em "A Pré-Revolução Brasileira" acerca da composição do Congresso Nacional, dominado pela oligarquia reacionária.

fatores primários que haviam permitido uma acumulação mais rápida no setor industrial (substituições de importações, melhora na relação de preços do intercâmbio), o esforço para manter uma alta taxa de inversão simplesmente através da inflação se foi fazendo cada vez menos eficaz" ¹⁷.

O processo de substituição vinha se realizando sem uma adequada orientação dos investimentos, o que tende a provocar uma série de desequilíbrios. Se não se orienta o processo de substituição de importações simultaneamente nos diversos setores, a continuidade do processo fica comprometida face uma capacidade para importar estruturalmente declinante, na medida em que a pauta de importações se torna extremamente rígida, composta exclusivamente de bens de capital e insumos básicos. O Brasil por suas especificidades e pela melhora conjuntural dos termos de intercâmbio consegue avançar consideravelmente o processo de substituição de importações sem uma adequada política de orientação do uso da capacidade para importar. Mas note-se que, independentemente da brusca deterioração dos termos de intercâmbio a partir de 1955, o processo de substituição de importações tende a se esgotar: "No entanto, devemos reconhecer agora que as possibilidades dinâmicas de substituição de importações tem se esgotado. Na atualidade as inversões destinadas a substituir importações se encontram entre as de mais difícil consecução. São todas inversões de alta densidade de capital e longo período de maturação. Desta maneira, a capacidade pa

¹⁷ Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.119.

ra importar se tem transformado num autêntico obstáculo para o desenvolvimento. Este obstáculo se tornou maior ainda a partir de 1955, à raiz do grave deterioro sofrido pela relação de preços de intercâmbio" ¹⁸.

Segundo Furtado, "o esgotamento dos fatores que sustentaram o processo de industrialização teria ocorrido, aparentemente, antes que a formação de capital alcançasse a autonomia necessária com respeito ao setor externo" ¹⁹, o que deixa implícito que na verdade o processo de formação de capital teria se autonomizado frente ao setor externo, o que estaria coerente com a afirmação seguinte: "As modificações estruturais já ocorridas na economia brasileira indicam que a fase decisiva de seu processo de industrialização tem sido alcançada. O impulso dinâmico básico já pode ser gerado internamente, pois o país está capacitado para produzir a maior parte dos equipamentos que necessita para manter uma alta taxa de crescimento" ²⁰. Mas a taxa de crescimento da economia está em declínio. Sigamos o raciocínio de Furtado:

"A plena diferenciação de uma estrutura econômica nacional não significa tão somente a capacidade de fazer efetivar as inversões na forma que o exige o desenvolvimento dessa estrutura. Significa ademais que a capacidade produtiva só pode ser plenamente utilizada se a taxa de inversão al

¹⁸ Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.113

¹⁹ Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.114 , Grifo nosso.

²⁰ Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.103

cança um determinado nível. Existe assim uma taxa necessária de crescimento exigida pela lógica interna da economia, taxa que tende a elevar-se na medida em que a produtividade do setor produtor de bens de capital (donde se assimila a tecnologia mais avançada) aumenta em relação ao conjunto da produção nacional; e isto ocorre durante a passagem do subdesenvolvimento à maturidade industrial" ²¹. Como se vê, já estão dadas as condições para a desaceleração da taxa de crescimento. Embora o país tivesse condições de tornar efetiva as inversões na forma requerida, dado que, como vimos, o país está capacitado para produzir a maior parte dos equipamentos que necessita, o montante de poupança necessário para fazer frente às inversões diminui (esgotamento de fatores dinâmicos) num momento em que sua necessidade por unidade de produto aumenta.

A brusca deterioração dos termos de intercâmbio, a partir de 1955, vem agravar esta tendência estrutural: "Mas na medida em que a realização efetiva das inversões depende das importações, a capacidade para importar condiciona o comportamento real da taxa de inversão. Se a barreira da capacidade para importar se eleva, também deverá elevar-se o esforço de poupança, para acompanhar o aumento dos preços relativos dos bens de capital" ²².

Temos, portanto, as causas econômicas da desaceleração do crescimento da economia. Mas Furtado afirma que a

²¹ Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.114 . Grifos nossos.

²² Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.114 . Grifos nossos.

"oportunidade de ingressar no "clube" restringido das economias capitalistas maiores de idade, como sistema nacional autônomo, aparentemente se perdeu" ²³. Isto sugere a possibilidade concreta de reverter a situação, ao mesmo tempo que está ao alcance da sociedade os meios para tal. Essas possibilidades concretas são: o processo de acumulação de capital no país atingiu um ponto em que o montante de poupança gerado internamente é suficientemente grande para fazer frente às inversões requeridas à manutenção da taxa de crescimento necessária e a limitação da capacidade para importar é passível de superação desde que se oriente o processo de formação do capital, utilizando de modo racional, a disponibilidade de divisas existentes.

Para isto a sociedade terá que superar certos obstáculos estruturais que são responsáveis pela diminuição da poupança disponível às inversões no setor industrial, bem como pelas dificuldades na orientação dos recursos para aqueles setores básicos necessários à superação da barreira da capacidade para importar. São eles: a estrutura fundiária e a incapacidade do Estado cumprir com as obrigações requeridas pelo desenvolvimento em termos de investimentos na infraestrutura básica. A estes dois obstáculos, soma-se um terceiro que é a desnacionalização da economia, aumentando o custo em divisas do funcionamento corrente do sistema.

"O predomínio de estruturas feudais na agricultura

²³ Furtado, C. Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.114 .
Grifo nosso.

vinculada ao mercado interno, mais que na exportação, deu uma grande inelasticidade à oferta de alimentos nas zonas urbanas, o que colocava sérias travas à industrialização. De um modo geral pode dizer-se que os preços dos produtos industriais cresceram menos que os dos produtos agrícolas destinados ao mercado interno, o que indica que a classe capitalista industrial teve que transferir parte de seus lucros aos interesses vinculados ao latifúndio. Tudo ocorria como se a nova classe capitalista devesse pagar ao setor mais retrógrado da antiga, um direito de senhorio. Eliminados os fatores que permitiam a capitalização rápida e uma elevada taxa de lucros no setor industrial, essa regalia paga aos grupos latifundistas foi cada vez mais importante. A estrutura agrária anacrônica como obstáculo ao desenvolvimento deixou de ser uma suposição, para transformar-se em evidência a gritos" 24.

Mas a consciência deste antagonismo de interesses não é claro para a classe industrial. Os interesses do grupo latifundista mais retrógrado (voltado para o mercado interno) tende a se confundir com os interesses de todo o setor agrícola. Como o setor industrial se desenvolveu sem entrar em conflito com o setor exportador, isso dificultou a tomada de consciência, por parte dos capitalistas industriais da contradição entre seus interesses e os da agricultura voltado para o mercado interno. "E esta "tomada de consciência" se fez mais difícil ainda com o aumento das tensões so

24 Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.115. Grifos nossos.

ciais causadas pela redução da taxa de crescimento. A atuação mais agressiva das massas trabalhadoras e a extensão dos conflitos sociais no campo, acarretaria uma polarização ideológica que submergeria em uma densa penumbra as contradições internas da própria classe capitalista. Desta maneira, no mesmo momento em que o problema agrário emergia até o plano de consciência da classe dirigente, a viabilidade política de sua solução se fazia mais remota" ²⁵.

O desenvolvimento industrial se apoiou, especialmente no pós-guerra, de forma significativa tanto em inversões diretas realizadas pelo Estado, como financiadas pelo Poder Público.

A ausência de uma consciência por parte das classes dirigentes a respeito das novas funções do Estado, fez com que os investimentos fossem realizados de uma forma mais ou menos improvisada, o suficiente para eliminar os pontos de estrangulamento que iam surgindo. Os gastos do Poder Público eram financiados pelas diferenças de câmbio, enquanto houve melhora nas relações de intercâmbio. A partir do momento que estas se deterioraram, o Estado perde a única fonte de recursos de que dispunha para financiar o gasto público. Somente uma reforma fiscal resolveria o problema, o que também vem confirmar a hipótese de que o país atingiu um nível de acumulação de capital que gera poupança interna suficiente para atender o montante de inversões que exige a manutenção da taxa de crescimento necessária. "A necessidade de re

²⁵ Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.116.

forma fiscal se fez imperativa. Mas ao mesmo tempo, a dimi
nuição da taxa de crescimento infundia cada vez maior peso
às dificuldades políticas que se opunham à realização efeti
va de reforma" 26.

Também a falta de uma mentalidade industrialista é responsável pelas concessões que se fez ao capital estran
geiro. O processo de desnacionalização da economia que se seguiu, significa que parte substancial da economia opera com vistas em divisas "de indole mais ou menos insubstituí
vel". O endividamento crescente da economia compromete a utilização da já limitada capacidade para importar, dado que "na situação atual para atender os compromissos contraídos
no passado, já seja os custos financeiros em divisas da eco
nomia, já as dívidas a prazo fixo, teria que reduzir as im
portações à metade, o que significaria deter o desenvolvimen
to e provocar uma comoção social. Esta é sem dúvida, a con
tradição interna mais aguda do desenvolvimento brasileiro na atualidade e também aquela para cuja solução está menos pre
parada a classe dirigente, pois exigiria equipar o poder pú
blico para uma ação polivalente e complexa, o que coloca um conflito com suas motivações ideológicas mais inamoví
veis" 27.

Esse diagnóstico de Furtado sobre a desaceleração do crescimento da economia representa um recuo e ao mesmo tem
po um avanço em relação à análise feita na obra anterior. Um

26 Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.118

27 Furtado, C. - Dialéctica del Desarrollo, op.cit., p.124

recuo porque na obra anterior o crescimento da economia não encontrava obstáculos pelo lado da poupança necessária à manutenção do ritmo adequado e sim obstáculos na transformação desta poupança em bens de capital devido às restrições da capacidade para importar, restrições estas que acabaram sendo superadas mesmo sem um planejamento adequado desta capacidade para importar limitada. Os obstáculos que poderiam se antepor à continuidade do processo de industrialização de pois de superada a barreira da capacidade para importar, seriam decorrentes da não diversificação da procura. Representa um avanço fundamentalmente porque introduz a questão da estrutura fundiária como obstáculo à transferência de excedentes agrícolas para as cidades. Transferência porque o excedente existe, dado que Furtado trabalha com a hipótese de Kewis de produtividade marginal igual a zero no setor de subsistência. Nesse sentido, a questão que Furtado está levantando é a questão do poder da classe latinfundiária do país, poder este que é exercido em todos os níveis. Esta questão é importante independentemente de sua validade explicativa para o que Furtado propõe como uma das causas da desaceleração do crescimento da economia. Ela revela uma das diferenças fundamentais que separam Furtado de seus críticos neoclássicos, apesar da base teórica comum, que é sua profunda preocupação com a situação de injustiça social reinante derivada das estruturas sociais e de poder do país.

O que se conclui da leitura desta obra de Furtado, é que a tentativa que faz de introduzir na análise as classes sociais e seus conflitos não é bem sucedida. O modelo

explicativo é idêntico ao anterior, embora com a qualificação de algumas hipóteses e a introdução da questão da estrutura agrária como fator de entorpecimento do processo de crescimento. A ausência de luta de classes no país como fator explicativo dos problemas com que se defronta a economia pode ser abandonada sem prejuízo para a análise.

CAPÍTULO II

SUBDESENVOLVIMENTO E ESTAGNAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Nesta obra, Furtado tem a preocupação, que não teve em "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento", de analisar o processo de formação econômica dos países latino-americanos antes de sua inserção na nova divisão internacional do trabalho que emergiu no século XIX após a revolução industrial. Esse processo no caso do Brasil foi analisado na já clássica obra "Formação Econômica do Brasil". No entanto, nesta análise Furtado introduz algumas modificações interessantes. Vejamos.

O processo de colonização da América Latina se organizou através da criação, de um lado, de uma cadeia de núcleos urbanos, através dos quais a metrópole exercia seu poder, e de outro lado um sistema econômico altamente descentralizado, dirigido por uma classe de senhores com prerrogativas semi-feudais, ligados ao poder central por vínculo de lealdade pessoal. Toda atividade econômica que se exercia fora do controle dos senhores de terra (contrabando, mineração, etc.) estava vinculada aos núcleos urbanos, e era exercido por homens não ligados por vínculos de lealdade pessoal à metrópole, de modo que foi se formando, ao longo do processo de colonização, uma classe dirigente composta de dois grupos (conser

vador e liberal) com interesses distintos mas não necessariamente conflitantes. As unidades agrícolas que se estabelecem com o intuito de criar excedentes exportáveis se caracterizam por sua auto-suficiência, frente a inexistência de qualquer infra-estrutura, assumindo "grande importância desde o início - como centros econômicos e sociais - em prejuízo dos núcleos urbanos".¹ As dimensões de cada unidade deveria ser, portanto, considerável. Com o desaparecimento dos mercados que absorviam os excedentes agrícolas² (decadência das minas, concorrência de outros países produtores, etc.), a unidade agrícola ia perdendo suas características de empresa e se transformando cada vez mais, num sistema de organização social com características semi-feudais. A fazenda se transforma progressivamente numa instituição básica de estrutura social e política, desempenhando cada vez menos funções de caráter predominantemente econômico.

A nova economia de exportação que se organiza a partir da 2.^a metade do século XIX sobre bases capitalistas tem nos grupos comerciantes, que operavam nos centros urbanos, seus principais promotores, dado que possuíam o espírito empresarial que faltava aos antigos senhores de terra. É, portanto, o segmento liberal das classes dominantes (os "schumpeterianos do desenvolvimento hacia-afuera") responsável pela cria-

¹ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 56.

² Esses mercados podiam ser tanto os mercados metropolitanos como mercados internos. "O ponto de partida da economia agrícola latino-americana foi, portanto, a grande empresa com vistas à criação de um excedente que se exportava ou se destinava aos centros urbanos ou mineiros". Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação, na América Latina, op. cit., p. 56.

ção de novas linhas de exportação, apoiado no Estado como instrumento de eliminação dos obstáculos que antepõe a estrutura semi-feudal ao processo de integração com a economia internacional em rápido desenvolvimento. Daí porque a nova agricultura de exportação se organiza à margem da economia pré-capitalista.³

A diferença desta caracterização do processo de formação econômica das economias latino-americanas em relação a análises anteriores é o corte a partir da segunda metade do século XIX, quando se inicia o período de desenvolvimento hacia afuera. Nas análises anteriores a caracterização deste período como um período fundamentalmente distinto do anterior não é clara; a idéia geral é de um período colonial ou de desenvolvimento hacia-afuera (não há distinção) que começa em meados do século XVI e termina definitivamente com a crise de 1929, com um período de transição representado pela economia cafeeira com mão-de-obra assalariada a partir da 2.^a metade do século XIX.⁴ Em "Formação Econômica do Brasil" aparece melhor acabada a idéia acima, na visão do período colonial como uma

³ "Em síntese, a extraordinária rapidez do processo de desenvolvimento hacia afuera encontra sua explicação, do lado latino-americano, tendo-se em conta a ação convergente dos seguintes fatores: a) disponibilidade de fatores num sistema econômico de tipo pré-capitalista; b) a existência de um segmento da classe dirigente com motivação schumpeteriana, isto é, orientado para a criação de novas linhas de exportação e produção como forma de defender ou aumentar seu prestígio e influência; e c) existência de uma organização política suficientemente articulada para servir de instrumento ao grupo dirigente em seu esforço visando a eliminação dos principais obstáculos antepostos pela estrutura social semi-feudal ao processo de integração na economia internacional em rápido desenvolvimento". Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., p. 55.

⁴ Ver A Economia Brasileira, 1954.

sucessão de ciclos econômicos. Cada ciclo produtivo após o período de auge, tende a reverter a atividades de subsistência, totalmente (caso da mineração aurífera) ou parcialmente (caso da cana-de-açúcar no nordeste) quando se esgotam os fatores de estímulo que lhes deram origem. A cultura cafeeira reage de forma diferente ao esgotamento dos estímulos externos, dando início a um processo de industrialização substitutivo de importações, em virtude da existência de um mercado interno formado pela massa assalariada ligado ao café.

A concepção do processo de desenvolvimento das economias centrais é rigorosamente a mesma das análises anteriores. Mostra de maneira ainda mais clara a pertinência da crítica que fizemos na obra anterior (Dialética do Desenvolvimento) a respeito do papel da luta de classes na introdução do progresso tecnológico; a crítica feita foi de que a introdução de progresso tecnológico era determinada pela disponibilidade relativa de fatores de produção e que a luta de classes era apenas uma sobredeterminação: "Nas economias capitalistas altamente desenvolvidas, o progresso tecnológico constitui não somente o fator básico do crescimento mas também elemento fundamental da própria estabilidade social. Nessas sociedades a acumulação de capital tende a realizar-se com grande rapidez, relativamente à disponibilidade de mão-de-obra ... Se a pressão no sentido de elevação dos salários reais não encontrasse barreira de qualquer ordem, seria de esperar que a renda social tendesse a redistribuir-se a favor dos assalariados, o que acarretaria redução da taxa de poupança da coletividade, declínio na taxa de investimento e, por fim,

estagnação econômica. Isso não ocorreu, entretanto, porque a classe capitalista tem um poderoso instrumento de contra-ataque, que é a orientação e o controle do progresso tecnológico. Orientando o desenvolvimento da tecnologia no sentido de multiplicar mecanismos poupadores de mão-de-obra, ou substituidores de trabalho por capital, a classe capitalista tem lo grado compensar a escassez relativa de força de trabalho ... Se pretendesse esquematizar, diríamos que o fator dinâmico bá sico está na pressão social da massa trabalhadora para aumentar sua participação no incremento do produto".⁵

Também a concepção de subdesenvolvimento não muda: "A natureza substitutiva de importações constitui uma das cau sas básicas da especificidade da industrialização latino-ame- ricana. A outra causa deriva de que ela vem se realizando nu ma época em que a tecnologia disponível orienta-se sistemati- camente no sentido de poupar mão-de-obra ... Se a tecnologia não desempenha o papel que sempre teve nas atuais economias avançadas como elemento aglutinador dos fatores de produção em um sentido dinâmico, não se pode esperar que a disponibili- dade relativa destes tenham equivalência nos seus preços res- pectivos, a menos que se admita a possibilidade de que a taxa de salários desça a zero. Entretanto, como a absorção de fa- tores é feita não em função de sua disponibilidade relativa e sim do tipo de tecnologia que se utiliza, mesmo com uma taxa de salário igual a zero, inexistente a possibilidade de absor-

⁵ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América La- tina, op. cit., p.p. 6, 7.

ção da mão-de-obra disponível. Em tais condições, torna-se inviável a formação de um mercado de fatores de produção que opere como mecanismo capaz de orientar as decisões dos empresários de forma compatível com os interesses da coletividade como um todo. As consequências, tanto no que respeita à distribuição de renda como à orientação dos investimentos são significativas. A incapacidade, que apresentam os países subdesenvolvidos para elevar adequadamente sua taxa de poupança e investimento, encontra aí uma de suas causas básicas".⁶

Enfim, as variáveis básicas do modelo analítico de Furtado não mudam; o que muda é a explicação para a desaceleração da taxa de crescimento. Em "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento" a falta de planificação do processo substitutivo levaria a uma progressiva rigidez na pauta de importações, tornando-a incompressível composta exclusivamente de bens de capital e insumos básicos; dessa maneira a continuidade do processo de industrialização fica comprometida diante do declínio estrutural da capacidade para importar; a superação da barreira da capacidade para importar através da internalização do setor produtor de bens de capital é bloqueada pela incompressibilidade da pauta de importações. O Brasil, por suas especificidades, consegue romper a barreira da capacidade para importar, mas o crescimento pode ser comprometido à medida em que se esgote o processo de substituição de importações, dado que o perfil de procura não evolue de maneira compatível com

⁶ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., pp. 8 e 9.

a estrutura de oferta. Em "Dialética do Desenvolvimento" á desaceleração do crescimento ocorre pela impossibilidade de se aumentar a taxa de poupança necessária que se eleva em função do aumento da produtividade do setor de bens de capital instalado no país. A idéia subjacente é de que o grau de capitalização da economia tende naturalmente a aumentar à medida em que o processo de industrialização avança. O aumento da relação capital/trabalho certamente eleva a taxa de lucro; mas esta elevação da taxa de lucro não se traduz num aumento da taxa de investimento. Três ordens de fatores desviam o aumento do excedente do processo de acumulação: a) o aumento dos preços agrícolas decorrente da permanência de uma estrutura fundiária arcaica; b) o consumo suntuário da classe capitalista, que evita investir nos setores básicos, ficando a cargo do Estado, que, por sua vez, não tem como financiar-se em virtude da não execução de uma reforma fiscal; c) a sobrecarga da capacidade para importar causada por empresas estrangeiras que operam com alto coeficiente de importações.

Na nova elaboração de Furtado a desaceleração do crescimento econômico está relacionada com a inadequação da dimensão do mercado interno relativamente aos setores produtores de bens de consumo duráveis e bens de capital.⁷ Furtado

⁷ As dimensões do mercado das economias subdesenvolvidas não constituíam uma dificuldade fundamental ao processo de desenvolvimento econômico e sim acidental: "É no caso em questão o mercado dos países subdesenvolvidos é pequeno com relação ao tipo de equipamento que se usa nos países desenvolvidos. Não é essa uma dificuldade fundamental no processo de desenvolvimento econômico, e sim acidental". Furtado, C. - "Formação de Capital e Desenvolvimento Econômico", in A Economia do Subdesenvolvimento, op. cit., p. 318.

divide o processo de substituição de importações em duas etapas; a primeira de substituição de bens de consumo não-duráveis e a segunda de substituição de bens de consumo duráveis e bens de capital. Na primeira fase a produção interna de bens de consumo não-duráveis cresce rapidamente em virtude das restrições às importações, que configurava uma autêntica barreira protecionista. Os preços se elevam, o que face a uma taxa de salários constante se traduz numa melhora considerável da competitividade da produção substitutiva e numa elevação da taxa de lucro. Os industriais utilizarão ao máximo a capacidade produtiva instalada, elevando a relação produto/capital.⁸ Quando o processo de substituição de importações atinge a 2.^a etapa, de substituição de bens de consumo duráveis e bens de capital, é que os problemas começam. Estes setores possuem um elevado coeficiente de capital por trabalhador o que, frente à pequenez do mercado, implica numa elevação dos preços. "É que em razão de inadequadas dimensões dos mercados internos e de situações monopólicas que essas dimensões inadequadas acarretam, a implantação de indústrias de bens de capital no quadro da industrialização substitutiva provoca forte elevação nos preços relativos desses bens, o que reduz a capacidade de investimento por unidade de poupança... Em fase subsequente, as indústrias de bens de consumo absorvem os custos mais altos dos equipamentos e o declínio de pro

⁸ "Em tais condições e tida em conta a existência de uma oferta ilimitada de mão-de-obra, é natural que os industriais procurem trabalhar a dois e três turnos, o que poderá ser feito mediante reduzidas inversões complementares. A relação produto-capital tenderá, em consequência, a crescer fortemente". Furtado, C. Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit. p. 74.

atividade se propaga ao conjunto da economia".⁹

O aumento relativo dos preços dos equipamentos em condições de salários estáveis tende a diminuir a taxa de lucros. A redução da taxa de lucros impede, por sua vez, que a taxa de poupança se eleve para fazer face à taxa de investimento necessária que aumenta justamente nesta fase. Entretanto, simultaneamente ao aumento dos preços dos bens de capital, o maior coeficiente de capital por trabalhador tende a aumentar a taxa de lucro, em condições de salários estáveis.¹⁰ A questão agora é saber qual das duas tendências prevalecerá, o que vai depender de cada caso concreto: "O mais provável é que as duas tendências anteriormente referidas se apresentem em cada caso concreto com pesos diferentes. Ali onde as dimensões reais e potenciais do mercado são relativamente grandes, como é o caso do Brasil, é perfeitamente concebível que as indústrias de bens de capital superem as dificuldades da primeira fase e venham a beneficiar-se de certas economias de escala, detendo a tendência a que fizemos referência de encarecimento relativo dos equipamentos. Quiçá esteja aí a diferença básica entre a evolução do processo substitutivo no Chile e no Brasil. No primeiro caso, a industrialização, ao al-

⁹ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., pp. 10, 11.

¹⁰ "Sendo estável a taxa de salários, a redução do insumo de mão-de-obra por unidade de produto, acarretará necessariamente elevação da taxa de lucro ou baixa no preço relativo do produto".
Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., p. 84.

cançar aquela fase em que as limitações do mercado se traduzem em crescente ineficiência das inversões, levou a uma redução na taxa de poupança e a um declínio na taxa de crescimento. No segundo, as dimensões mais amplas do mercado, conjugadas com uma importância relativa maior do setor pré-capitalista, criaram condições por um lado, para que fosse alcançada maior eficiência da indústria de bens de capital, por outro, para que o processo de concentração de renda avançasse o suficiente para produzir na plenitude as suas consequências negativas econômicas e sociais. Desta forma, o êxito que no Brasil teve o processo substitutivo constitui o reverso do fato de que foi nesse país que o desenvolvimento beneficiou a uma menor parcela da população e criou as mais agudas tensões sociais. Essas tensões, alcançando um ponto crítico, teriam que afetar adversamente o processo de crescimento. Ainda que por processos diversos, a industrialização substitutiva, no Brasil como no Chile, engendrou uma série de obstáculos que viriam a provocar o seu esgotamento como fator capaz de impulsionar o desenvolvimento".¹¹ Podemos exemplificar o que foi dito acima da seguinte maneira:

Em primeiro lugar estipulando o coeficiente de capital por trabalhador, a relação produto capital e a taxa de lucro de dois países latino-americanos - Brasil e Chile - na 1.^a fase do processo de substituição de importações. Nesta fase não existe problemas de tamanho de mercado de maneira que, co

¹¹ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., pp. 34, 85.

mo a tecnologia é a mesma visto que provêm da mesma fonte, estas variáveis serão iguais para ambos.

| | |
|-----------------------------|--|
| Produto (y) = Cr\$ 1.000,00 | relação produto/capital = 1 |
| Capital (c) = Cr\$ 1.000,00 | relação capital/trabalho= 2 |
| Salários (w) = Cr\$ 500,00 | taxa de lucro bruto = $\frac{y-w}{c}=50\%$ |

A internalização do setor produtor de bens de capital produz efeitos diferenciados nos dois países em função do tamanho do mercado. No caso do Chile, cujo mercado é menor, os preços dos bens de capital serão mais elevados do que no caso do Brasil, resultando numa queda, em valor, da relação produto/capital relativamente maior. A relação capital/trabalho medida em termos físicos é a mesma para ambos pelas mesmas razões anteriores, ou seja, a tecnologia absorvida é a mesma para ambos.

Caso Chileno:

| | |
|-----------------------------|--|
| Produto (y) = Cr\$ 1.000,00 | relação produto/capital = 0,58 |
| Capital (c) = Cr\$ 1.700,00 | relação capital/trabalho= 4 |
| Salários (w) = Cr\$ 250,00 | taxa de lucro bruto = $\frac{y-w}{c}=44\%$ |

Caso Brasileiro:

| | |
|-----------------------------|--|
| Produto (y) = Cr\$ 1.000,00 | relação produto/capital = 0,66 |
| Capital (c) = Cr\$ 1.500,00 | relação capital/trabalho= 4 |
| Salários (w) = Cr\$ 250,00 | taxa de lucro bruto = $\frac{y-w}{c}=50\%$ |

A conclusão é que no Brasil devido a um mercado maior a queda na relação produto/capital foi compensada pelo aumento

da produtividade do trabalho decorrente da elevação da relação capital/trabalho, mantendo-se a taxa de lucro bruto no mesmo nível. Mas, apesar da manutenção da taxa de lucro no mesmo nível, o Brasil apresenta um processo de desaceleração de crescimento devido à exacerbação das tensões sociais provocadas pelo caráter excludente e concentrador de renda do processo de industrialização substitutiva.¹² Furtado não explica como se daria este processo, mas pode-se inferir logicamente que, se ao nível das atividades produtivas a taxa de lucro não está caindo, a causa da desaceleração está na não reinversão dos lucros em função das perspectivas sombrias face a agitação social. A superação do conflito social, por sua vez, é dificultada pela estrutura político-social comum aos países latino-americanos. Vejamos.

Nos países centrais, o processo de urbanização ocorrido paralelamente ao desenvolvimento industrial levou à formação de uma sociedade estruturada em classes com antagonismos e complementariedades de interesses ao mesmo tempo. O antagonismo decorre da luta da classe trabalhadora para melhorar seus salários, que a curto-prazo opera contra os interesses dos capitalistas. Mas a longo-prazo opera a favor, na medida em que impulsiona o avanço tecnológico, aumentando a produ-
ti-

12 "No caso mais geral, o declínio da eficiência provoca diretamente a estagnação econômica. Em casos particulares, a crescente concentração de renda e sua contrapartida de população subempregada que aflue para zonas urbanas, criam tensões sociais que, por si, são capazes de tornar inviável o processo de crescimento".
Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., pp. 86, 87.

vidade. O aumento geral de produtividade possibilita a manutenção de taxas de lucro elevadas ao mesmo tempo em que as reivindicações dos trabalhadores são atendidas. Portanto o próprio antagonismo põe em movimento forças que engendram sua contínua superação. Ao tomar consciência deste fato a classe capitalista institucionalizou a luta de classes através de modificações nas instituições políticas, lei de greve, etc., ordenando, dessa maneira, o conflito numa sociedade cujo dinamismo decorre do próprio antagonismo das classes que a constituem.

Nos países latino-americanos a urbanização corresponde menos a modificações na estrutura ocupacional modificadas pela indústria do que por outros fatores tais como: numa 1.^a fase atividades mercantis e numa 2.^a fase pela persistência de formas de organização semi-feudais no campo, pela penetração de técnicas modernas em certos setores da agricultura, pela extrema concentração de renda que a industrialização substitutiva agravou, o crescimento relativo das atividades estatais e a aceleração do crescimento demográfico. A pressão dessa massa urbana heterogênea para ter acesso aos frutos do desenvolvimento é bem distinta das lutas de classes economias centrais. Lá o problema se resolve tecnicamente. Aqui politicamente. Essas massas aspiram empregos que o sistema econômico não tem condições de oferecer; pelo contrário. Portanto as transformações provocadas pela penetração da técnica moderna são fundamentalmente distintas na Europa e na América Latina. Na primeira os problemas de natureza social decorrentes do conflito entre classes foram resolvidos pelo próprio

avanço da técnica. Na América Latina, é a penetração da tecnologia que cria problemas no plano social cuja solução requer decisão de natureza política. "Enquanto o desenvolvimento, na modalidade do capitalismo clássico, criou condições de estabilidade social e abriu as portas ao reformismo, a situação dos países latino-americanos é fundamentalmente diversa: a própria penetração da técnica engendra a instabilidade social e agrava os antagonismos naturais de uma sociedade estratificada em classes".¹³ Daí porque o aperfeiçoamento das instituições políticas ser difícil.

Além do mais a inserção de atitudes ideológicas copiadas diretamente do contexto europeu acrescenta outros obstáculos ao caminho do reformismo político, porque tanto o pensamento liberal como o socialista são resultantes de um processo histórico distinto. A eficácia do liberalismo corresponde a uma realidade social em que o avanço da técnica opera no sentido de resolver os problemas sociais, o que simplifica a ação do Estado ou a transfere para mecanismos de orientação e controle das decisões econômicas só indiretamente condicionados por critérios políticos. Por outro lado, a viabilidade do socialismo europeu supõe uma dinâmica social baseada em conflitos entre classes "que derivam sua consciência da forma como se integram no processo produtivo". No caso da América Latina nem a penetração do progresso técnico opera no sentido de facilitar a solução dos conflitos sociais e nem as massas

¹³ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., p. 15.

urbanas estão estruturadas em classes com nítida consciência de seus interesses. A transposição direta desses esquemas ideológicos criou tanto dificuldades mentais de compreensão da realidade da América Latina, "como obstaculizaram a formação de um pensamento político capaz de desempenhar na região o papel que a ideologia liberal e socialista tiveram no aperfeiçoamento das instituições políticas das modernas sociedades industriais".¹⁴

Em síntese, o liberalismo econômico tende a levar à estagnação as economias latino-americanas enquanto que "os métodos de ação baseados na luta de classes resultam estéreis". É necessário planificar o processo de crescimento econômico, "racionalizando a assimilação das novas técnicas em função do interesse social". Para isso é necessário intervir no processo de organização da produção, uma vez que este permanece ao nível de empresa privada, que tende a continuar absorvendo tecnologia moderna em função da taxa de lucros. A intervenção na organização de produção requer, por seu turno, uma redefinição das funções do Estado, "o que somente poderá se realizar com o apoio de movimentos políticos de grande amplitude, capazes de alterar as bases atuais das estruturas de poder".¹⁵ Esses movimentos políticos tem, necessariamente, que contar com a participação das massas heterogêneas urbanas que

¹⁴ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., p. 14. Grifos Nossos.

¹⁵ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., p. 15.

começam a ter uma certa consciência política, mas estão longe de ter uma nítida consciência de classe, para introduzir modificações na estrutura do poder político.

Uma ação política desse porte requer "uma sólida preparação ideológica", que deverá ser "extraída da consciência crítica formada na luta pela superação do subdesenvolvimento". Como esta luta ocorre dentro de marcos políticos nacionais, o fortalecimento dos mesmo é fundamental; por outro lado o fortalecimento do marco político nacional, e sua conseqüente capacidade de auto-determinação, depende do desenvolvimento econômico. "Desta forma, a luta pela superação do subdesenvolvimento e pela preservação de uma personalidade nacional com auto-determinação, se integram dialeticamente na prática da ação política ... A conjunção dessas duas idéias-forças - a afirmação nacionalista e o desejo de superar o subdesenvolvimento - constitui o núcleo do pensamento ideológico que, por caminhos vários, está provocando a transformação da vasta comunidade de povos que constituem o Terceiro Mundo".¹⁶ Entretanto, existem obstáculos de ordem interna e externa que se opõem ao surgimento desse movimento de massa necessário para romper a inércia do subdesenvolvimento. Vejamos em primeiro lugar os de ordem interna, especialmente no caso do Brasil.

O caráter substitutivo de importações permite que o processo de industrialização avance sem entrar em conflito com a estrutura anterior de poder, mantendo-se inalterado o

¹⁶ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., p. 17.

marco institucional em mãos de oligarquia tradicionalista. Por outro lado o crescimento relativo do eleitorado urbano representa cada vez mais uma ameaça ao controle do processo eleitoral pelos partidos de base oligárquica. Abre-se, assim, a possibilidade de conflito a nível do poder político, entre a oligarquia tradicional representada no poder legislativo e as forças políticas emergentes representadas no poder executivo. "As tensões entre os dois centros de poder tenderam, assim, a crescer, no correr dos dois últimos decênios, chegando algumas vês a traumatizar a ação do Governo, mas igualmente permitindo que se formasse uma consciência mais firme, entre grupos crescentes da população, da natureza dos obstáculos que se antepõem ao desenvolvimento econômico e social do país".¹⁷

A possibilidade de constituir um poder legítimo dentro do marco institucional existente fica comprometida, na medida em que é impossível atuar dentro dos princípios constitucionais e ao mesmo tempo ser fiel às aspirações das massas urbanas pelos quais foi eleito o chefe do Poder Executivo. O populismo nasceu justamente da necessidade do apoio das massas heterogêneas e a necessidade de atender os interesses da oligarquia tradicional. E é o populismo que, ao extremar as disputas pelo poder pessoal e excitar as massas com processos demagógicos, "criou sérios obstáculos ao surgimento de um movimento político capaz de efetivamente mobilizar as massas para uma luta coerente pelo desenvolvimento. Enquanto isso o

¹⁷ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., p. 102.

controle dos principais centros do poder político permanecem em mãos da oligarquia tradicionalista, que tem sabido utilizar a pressão populista como espantalho para submeter mais facilmente a um esquema de ação comum os novos grupos industrialistas, os interesses estrangeiros que atuam no país e os escalões superiores das classes militares".¹⁸

Os obstáculos de ordem externa decorrem de que "a margem de auto-determinação, na busca de meios para enfrentar a tendência à estagnação econômica, reduz-se dia a dia, na medida em que os imperativos da "segurança" dos EUA exigem crescente alienação de soberania por parte dos governos nacionais".¹⁹ Vejamos porque.

Após as duas grandes guerras, surge pela primeira vez na história moderna uma efetiva bipolarização do poder, tendo de um lado os EUA e de outro a URSS, que divergem radicalmente com relação ao exercício do poder. O primeiro orienta-se no sentido de organizar uma sociedade "aberta" na qual seu poder econômico lhe garante a hegemonia, enquanto o segundo orienta-se no sentido de organizar uma "esfera de influência", reservando-se o direito de intervir. A guerra fria surge da não aceitação por parte dos EUA da esfera de influência da URSS ao mesmo tempo que a era nuclear impede um conflito militar que haja vencedor. A partir do momento em que os

¹⁸ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., p. 106. Grifos Nossos.

¹⁹ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., p. 122.

EUA reconhecem a esfera de influência da URSS (levante da Hungria em 1957) e os próprios soviéticos redefinem seu conceito de segurança, os processos de guerra fria se tornam obsoletos. A idéia que passa a prevalecer do lado soviético, é que o capitalismo seria inviável na maioria dos países do 3.º mundo e que estes "ao modificarem sua ordem social, tenderiam a afastar-se naturalmente da influência americana". Do lado americano, a idéia é defender o "mundo livre", delimitando sua área de influência e, principalmente, o "desenvolvimento e a aplicação de técnicas sociais para prevenir modificações significativas nas estruturas sociais" dos países dentro de sua área de influência.

A introdução de tecnologia moderna provoca necessariamente modificações nas estruturas sociais; os EUA compreendem isso e tentam ordenar o processo de desenvolvimento de fora para dentro (doutrina de W. W. Rostow) criando estados modernos, independentes e em desenvolvimento. Uma vez rompidas as dificuldades iniciais (take-off), não haveria problemas sérios de instabilidade social. Mas a realidade mostrou que tal não ocorria, dando margem a crítica ao programa de ajuda, com o argumento de que o próprio desenvolvimento, mesmo orientado de fora, gera instabilidades sociais. Coloca-se, dessa maneira, um impasse, na medida em que a penetração da técnica moderna provoca inexoravelmente modificações nas estruturas econômico-sociais, gerando instabilidades. É necessário, portanto, orientar as modificações nas estruturas econômico-sociais, mantendo-se as estruturas tradicionais de poder. Ou seja, reformar para conservar.

Às empresas multinacionais caberá um papel básico e a política de "ajuda" será, principalmente, através destas empresas. Dadas as suas peculiaridades as multinacionais tenderão a se tornarem um superpoder dentro de qualquer país latino-americano, passando os centros de decisão, representados pelos estados nacionais, a um plano cada vez mais secundário. Dessa maneira, a idéia de nacionalismo como principal força política na América Latina perde substância a favor de um "projeto" de desenvolvimento regional, que é muito atrativo às elites dirigentes locais, na medida em que esvazia o nacionalismo, segundo as quais o grande responsável pela inquietação social.

Mas, segundo Furtado, um projeto deste tipo seria inviável nas condições históricas atuais da América Latina. "As grandes empresas com sua avançada tecnologia e elevada capitalização, ao penetrar numa economia subdesenvolvida, particularmente quando apoiadas em muitos privilégios, tem efeitos similares aos de certas grandes árvores exóticas que são introduzidas em determinadas áreas: drenam toda água e dessecam o terreno, provocando um desequilíbrio na flora e na fauna, ã emergência de pragas e outras coisas parecidas. Com efeito, a penetração indiscriminada em uma estrutura econômica frágil de grandes consórcios os quais se caracterizam por elevada inflexibilidade administrativa e grande poder financeiro, tende a provocar desequilíbrios estruturais de difícil correção, tais como maiores disparidades de níveis de vida entre grupos de população e rápida acumulação de desemprego aberto e disfarçado...

O resultado último seria um aumento real ou potencial das tensões sociais na América Latina. Como as decisões econômicas de caráter estratégico estariam fora do alcance dos governos latino-americanos, tais tensões tenderiam a ser vistas, no plano político local, tão somente pelo seu ângulo negativo. A ação do Estado teria que ser de caráter essencialmente repressivo".²⁰

O que se pode concluir da leitura desta obra é que Furtado, da mesma maneira que em "Dialética do Desenvolvimento", introduz no esqueleto analítico desenvolvido anteriormente considerações sobre as repercussões que as especificidades das estruturas sócio-políticas tem sobre o processo de crescimento das economias subdesenvolvidas, agora com a inclusão de questões relacionadas ao imperialismo americano e o papel das multinacionais.

²⁰ Furtado, C. - Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, op. cit., p. 45.

CAPÍTULO III

TEORIA E POLÍTICA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Esta obra é uma edição revista e ampliada de "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento", na qual Furtado introduz um novo conceito, o conceito de dependência, e algumas modificações formais no modelo analítico anterior. Vejamos, em primeiro lugar, as modificações no modelo anterior.

Furtado qualifica o processo de acumulação de capital, mostrando que este sempre apresenta duas dimensões: uma é a acumulação no sentido restrito, ou seja, o aumento da dotação do capital por unidade de trabalho; a outra é a que permite a acumulação de capital sem declínio da produtividade do capital, traduzindo-se, fundamentalmente, num processo de inovação-difusão tecnológica. "O processo de formação de capital, isto é, o aumento da dotação média de capital por pessoa ativa, apresenta-se sempre com duas dimensões. A primeira é a acumulação strictu sensu, e a segunda traduz o fator que permite que essa acumulação se realize sem declínio da produtividade do capital. Este segundo fator pode assumir a forma de invenção ou de difusão de técnicas superiores, ou traduzir a incorporação de melhores recursos naturais, a integração em um mercado internacional maior, ou simplesmente uma mo

dificação no perfil da procura interna de bens de consumo. Para efeito da análise que aqui fazemos, nos limitaremos a considerar duas formas básicas desse segundo fator: a que está ligada à inversão, isto é, ao deslocamento do horizonte de possibilidades técnicas, e a que traduz uma mais ampla utilização das possibilidades técnicas já conhecidas. Em síntese, consideraremos o desenvolvimento a partir da acumulação e admitiremos que esta última assume duas formas gerais: a) acumulação-incorporação de invenções, e b) acumulação-difusão de inovações".¹

Do lado da procura, tem-se, basicamente, dois tipos de demanda: o consumo capitalista e o consumo assalariado. O consumo capitalista é um consumo altamente diversificado, que corresponde na estrutura produtiva a uma dotação de capital por unidade de trabalho superior àquela do setor produtivo que produz para a classe assalariada. "Admitiremos agora, em uma simplificação adicional, que existem dois tipos de consumidores: o tipo A, que deriva sua renda da propriedade ou do controle do sistema econômico, e o tipo B, cuja renda se deriva dos salários ... O consumidor do tipo A possui uma procura altamente diversificada relativamente ao B, razão pela qual a obtenção de uma cesta de consumo tipo A requer uma dotação de capital por pessoa ocupada muito superior à que corresponde à produção de uma cesta do tipo B. Em outras palavras, entre A e B existe não apenas uma diferença de nível de gas-

¹ Furtado, C. - Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico, São Paulo, Ed. Nacional, 1975, p. 128.

to de consumo, como também existe uma diferença de qualidade do consumo, correspondendo a unidade de gasto, no primeiro caso, a um grau de acumulação e a um nível tecnológico superiores."² Qualquer aumento da produtividade que se traduza num aumento dos salários, provoca um deslocamento do padrão de consumo da classe trabalhadora em direção ao padrão da classe capitalista. Desse modo abre-se caminho à difusão de inovações, anteriormente só utilizadas na produção de bens de consumo capitalista, potenciando, dessa maneira, o processo de acumulação de capital. Nos países centrais os salários aumentam com a produtividade marginal do trabalho abrindo caminho, portanto, à difusão de inovações que foram introduzidas inicialmente para atender ao consumo da classe capitalista. Nas economias subdesenvolvidas este processo tende a ser obstruído, dado que os salários não acompanham o aumento da produtividade marginal do trabalho. Mas antes de analisarmos esse processo nas economias subdesenvolvidas, vejamos o significado do conceito de dependência.

De início encontramos explicitado claramente a idéia de subdesenvolvimento como um fenômeno de dominação: "... uma economia subdesenvolvida não deve ser considerada isoladamente do sistema de divisão internacional do trabalho em que está inserida, e que, em suas raízes, o subdesenvolvimento é um fenômeno de dominação, ou seja, de natureza cultu-

² Furtado, C. - Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico, op. cit., pp. 129, 130.

ral e política".³ A eliminação do dualismo estrutural através da absorção de todo o setor de subsistência não é mais causa suficiente para a superação do subdesenvolvimento; a retenção dos lucros no exterior permite conciliar a eliminação do excedente estrutural de mão-de-obra com salários próximo ao nível de subsistência. É fundamental, portanto, o controle pela economia local do excedente, controle este que tende a ser posto em cheque pelo fenômeno da dependência.

A origem do fenômeno da dependência Furtado vai buscar no período colonial, nas relações de dominação entre metrópole e colônia. O corte proposto na obra anterior (Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina) entre período colonial e de desenvolvimento "hacia-afuera" ganha agora uma nova dimensão. Na obra citada a distinção entre os dois períodos tinha o propósito de explicar a formação de uma economia pré-capitalista em meio à qual se introduz uma "cunha" capitalista, a origem do dualismo estrutural. As consequências da nova divisão internacional do trabalho no sentido de perpetuar o subdesenvolvimento (deterioração dos termos de intercâmbio) eram vistas à luz da crítica formulada pela CEPAL, que se baseava na constatação empírica da evolução desfavorável dos preços dos produtos primários vis-a-vis aos preços dos produtos manufaturados; a explicação que se seguia identificava a causa na assimetria do comportamento da demanda de produtos primários pelos países centrais (lei de Engel, concor-

³ Furtado, C. - Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico, op. cit., p. 199.

rência dos produtos sintéticos). Furtado, agora, considera insuficiente a crítica da CEPAL para explicar a rigidez estrutural dos países subdesenvolvidos; a posição dos países subdesenvolvidos na divisão internacional do trabalho é imposta a partir da relação de dominação anterior, entre metrópole e colônia:

"Por último, convém assinalar que as relações comerciais entre dois países tendem a ser tanto mais simétricas quanto maior é a dependência de um com respeito ao outro. O debate em torno do problema da evolução a longo prazo dos termos de intercâmbio, entre matérias primas e produtos manufaturados, ao se referir a produtos e não a países, passou por alto o fenômeno da dependência e desviou as atenções para uma série de falsos problemas que passaram a ocupar o centro das atenções. As assimetrias no comportamento da demanda (lei de Engel, concorrência de sintéticos, etc.) somente tem significação quando dão origem a estruturas de produção de graus distintos de flexibilidade. Seria errôneo, entretanto, transformar as assimetrias de demanda em causas suficientes das diferenças de flexibilidade estrutural. É necessário não esquecer que o sistema tradicional da divisão internacional do trabalho teve suas origens nas relações comerciais de metrópoles com países coloniais ou semi-coloniais e que as atividades exportadoras destes últimos eram dirigidas do exterior. Compreende-se, assim, que haja surgido um sistema de decisões relativamente centralizado, ao qual cabe o comando dos fluxos internacionais de recursos. A rigidez estrutural, causa principal da tendência à deterioração os termos de intercâmbio,

é menos função do nível de desenvolvimento do que do grau de dependência externa".⁴

Portanto, a especialização dos países subdesenvolvidos na produção de alguns produtos primários é imposta pelos países centrais, que promovem uma divisão internacional do trabalho, a partir de uma relação de dominação originária do período colonial na qual o papel dos países periféricos é a produção de matérias primas necessárias à expansão de sua produção industrial, ao mesmo tempo que representava a possibilidade de ampliação do mercado e as conseqüentes economias de escala. A inserção destas economias na nova divisão internacional do trabalho deu origem, portanto, à formação de um mercado interno atendido através de importações, mas que não impediu que se iniciasse um processo de industrialização. Trata-se, evidentemente de um processo complementar ligado as atividades de beneficiamento de produtos agrícolas e também daqueles produtos manufaturados consumidos pela massa assalariada cujos custos de produção internamente são menores e não concorrem diretamente com os produtos exportados pelos países desenvolvidos. Portanto o processo de industrialização dos países subdesenvolvidos iniciou-se no período de desenvolvimento "hacia-afuera" sob o impulso do dinamismo da procura externa por produtos primários, que se traduzia internamente no crescimento e diversificação da procura global. O excedente estrutural de mão-de-obra mantendo os salários constantes, pró-

⁴ Furtado, C. - Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico, op. cit., p. 233.

ximos ao nível de subsistência, levava a que os aumentos da produtividade ficassem retidos em mãos de uma minoria cujos gastos esses bens de consumo eram atendidos através de importações. Forma-se, então, uma discontinuidade no perfil da procura global da economia subdesenvolvida: de um lado o mercado formado pela massa assalariada, atendida com a produção interna de bens de consumo; de outro, uma minoria rica com um perfil de consumo diversificado suprido através de importações, que se traduz na adoção de padrões culturais e estilos de vida dos centros desenvolvidos.⁵

Uma segunda fase do processo de industrialização das economias periféricas se inicia com a quebra do setor externo e a manutenção do nível interno de renda. Inicia-se, então, o processo de substituição de importações, que vai transferir a descontinuidade da "superfície" da procura que se formara no período anterior, para a estrutura do aparelho produtivo.⁶ Esse processo de substituição de importações que se segue não é mais uma resposta autônoma dos países subdesen

⁵ "O dualismo tem, portanto, desde o início uma dimensão cultural, a qual se traduz, em termos econômicos, numa descontinuidade na "superfície" da procura".
Furtado, C. - Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico, op. cit., p. 249.

⁶ "É a industrialização "substitutiva de importações", conforme vimos, que transfere essa descontinuidade para a estrutura do aparelho produtivo. Para o economista que observa uma economia subdesenvolvida como um sistema fechado, esse fenômeno se apresenta como um "desequilíbrio ao nível dos fatores", decorrentes da "inadequação" da tecnologia. Escapalhe que o referido fenômeno é, fundamentalmente uma decorrência de formas de comportamento ligadas ao quadro estrutural da dependência".
Furtado, C. - Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico, op. cit., pp. 249, 250.

volvidos à perda de dinamismo do mercado internacional do pro dutos primários, e sim é causada pela descentralização geográ fica das atividades manufatureiras das economias centrais, em função de mudanças qualitativas no próprio processo de desen volvimento do capitalismo a nível mundial: "O aparelho produ ttivo, que satisfaz às necessidades da minoria rica do subsis tema dependente, longe de constituir um prolongamento do apa relho produtivo tradicional, ou uma transformação deste, ins tala-se para satisfazer às necessidades de uma clientela que antes se abastecia de importações. Do ponto de vista do sis tema capitalista considerado globalmente, trata-se de implan tação, do "centro" para a "periferia", de atividades produ tivas ligadas a uma clientela perfeitamente condicionada e sob controle. Tudo se passa como se a ação constritiva de cer tos fatores, cuja identificação requer um estudo da dinâm ica do sistema global (por exemplo: o declínio relativo da procu rra de produtos primários antes produzidos para o conjunto do sistema por um subsistema dependente), provocasse modifica ções estruturais, como seja a descentralização geográfica de atividades manufatureiras. Ora, essa descentralização não sig nifica industrialização no sentido de autonomia para criar pro dutos industriais; significa localizar, parcial ou totalmente na periferia, a produção física de artigos que continuam a ser criados nos centros dominantes".⁷ Em outras palavras, a origem do processo de substituição de importações deve ser buscada nas relações de dominação centro-periferia, tal como

⁷ Furtado, C. - Teoria e Política do Desenvolvimento Econômi co, op. cit., p. 250.

no caso do advento do período de desenvolvimento "hacia-afuera". Vejamos.

O avanço do progresso técnico e a diversificação do sistema industrial no centro reduz a importância relativa dos produtos primários. Ao mesmo tempo as economias de escala se tornam cada vez mais importantes na medida em que o processo de industrialização das economias centrais entra numa fase em que perde importância relativa a produção de bens de consumo não-duráveis em favor da produção de bens de capital e bens de consumo duráveis. As economias centrais tendem a organizar-se a partir de então, para concorrência oligopólica em escala internacional; as rivalidades pelo controle das fontes de matérias primas deixam de ter sentido; a luta agora é pela "hegemonia tecnológica, isto é, pelo controle daqueles setores de atividade produtiva que, por estarem na vanguarda do progresso técnico proporcionam uma mais-valia que pode ser substancial".⁸ Interessa agora às economias centrais transfe

⁸ "Atraídas pelas economias de escala e pelas vantagens que a concentração financeira representa para as grandes firmas, as economias altamente industrializadas tenderam a organizar-se para a concorrência oligopólica em escala internacional. Esse processo em sua fase superior, levaria à formação de "mercados comuns" e à busca de formas de "integração econômica". Assim, as rivalidades e lutas pelo controle de fontes de matérias primas alienígenas (ainda que para conservá-las não exploradas) perdem significação, abrindo-se nova fase em que prevalecem as tendências à formação de grandes mercados de produtos altamente diversificados com populações com elevado padrão de consumo. Concomitantemente, desagregam-se os restos do imperialismo vitoriano e abre-se a fase da "descolonização" e da luta pela hegemonia tecnológica, isto é, pelo controle daqueles setores de atividade produtiva que, por estarem na vanguarda do progresso técnico, proporcionam uma mais-valia que pode ser substancial". Furtado, C. - Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico, op. cit., pp. 324, 325.

rir para a periferia a produção daqueles bens de consumo sofisticados, reservando-se o controle dos processos tecnológicos. Vejamos agora as consequências desse tipo de industrialização para a continuidade do processo de desenvolvimento periférico, tendo em conta suas especificidades.

Nas economias subdesenvolvidas a dicotomia entre o setor produtor de bens de consumo capitalista e o setor produtor de bens de consumo assalariado é potenciada em virtude de suas especificidades. O excesso estrutural de mão-de-obra ao manter os salários constantes impede que o padrão de consumo da classe trabalhadora se aproxime do da classe capitalista, tal como ocorreu com as economias desenvolvidas. Forma-se, então, um dualismo estrutural ao nível da indústria, composto de dois níveis tecnológicos distintos: de um lado, um setor com coeficiente de capital por unidade de trabalho menor que produz bens de consumo não-duráveis para a massa assalariada; de outro lado, um setor que produz para uma minoria rica, utilizando tecnologia sofisticada, com alto coeficiente capital/trabalho, que reflete a disponibilidade de fatores do centro desenvolvido. Nas análises anteriores o dualismo estrutural se refere exclusivamente à dicotomia entre o setor capitalista como um todo e o setor de subsistência. Agora, as técnicas utilizadas para a produção de bens de consumo correntes na primeira fase de industrialização dos países subdesenvolvidos, embora em parte sejam importadas, não são necessariamente inadequadas à disponibilidade de fatores da economia subdesenvolvidas:

"O progresso técnico, que está condicionado pela

disponibilidade relativa de fatores dos países desenvolvidos, leva a um avanço persistente do coeficiente de capital por trabalhador. É esse um fenômeno que se observa tanto com respeito às indústrias produtoras de bens de consumo corrente, como no que concerne às indústrias de bens duráveis de consumo, de bens intermediários e de bens de capital. Entretanto, é com respeito ao primeiro grupo de indústrias que existe uma maior gama de processos técnicos opcionais. Tais indústrias existiram inicialmente sob forma artesanal ou semi-artesanal e foram avançando por distintas etapas tecnológicas na medida em que se industrializavam os países atualmente desenvolvidos. Os bens de consumo duráveis, tais como os produtos eletrodomésticos, são criações de uma civilização tecnologicamente avançada, isto é, de economias em que o fator mão-de-obra já era relativamente escasso.

Assim, na fase de instalação das indústrias de bens de consumo corrente, os países subdesenvolvidos tiveram certa margem de opção entre processos técnicos com diferentes coeficientes de capital por trabalhador. Essa margem opcional, entretanto, tornou-se muito reduzida ou inexistente quando se iniciou a fase de substituição de bens duráveis de consumo. O fato de que o desenvolvimento se realiza com expansão mais rápida do mercado formado pelo grupo de rendas altas significa que os investimentos tendem a concentrar-se no setor onde, em geral, a dotação do capital por pessoa ocupada é mais elevada e as funções de produção apresentam coeficientes menos flexíveis".⁹

⁹ Furtado, C. - Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico, op. cit., p. 283.

Portanto, a taxa de crescimento tende a desacelerar-se, por um lado, porque investimentos se concentram no setor, onde coeficiente de capital por trabalhador é muito elevado em detrimento do setor de bens de consumo corrente onde este coeficiente é mais baixo; por outro, porque as dimensões do mercado de bens de consumo durável são relativamente pequenas e não tendem a se expandir (salários constantes), não permitindo, assim, a difusão das inovações tecnológicas introduzidas. O ritmo do crescimento industrial é dado pelo setor que produz para a minoria; neste setor é onde são incorporadas as novas técnicas e produtos, a acumulação-invenção; o segundo momento do processo de acumulação, a acumulação-difusão de inovações, é bloqueado pela extrema concentração de renda; a classe trabalhadora, em função do excedente estrutural de mão-de-obra, não tem condições de barganhar por melhores salários. Portanto, a produtividade do capital tende a cair à medida em que avança o processo de capitalização acabando por entorpecê-lo. Em síntese a especificidade do desenvolvimento industrial das economias periféricas vis-a-vis ao das economias centrais, esta em que nas últimas o fator dinamizador é um processo conjugado de adoção e difusão de novas formas de consumo e novos métodos produtivos, ao passo que nas economias subdesenvolvidas o fator dinamismo é somente a adoção de novas formas de consumo e métodos produtivos em benefício de uma minoria, sem a difusão dos mesmos. E, como foi visto acima, a difusão das novas técnicas é um dos principais responsáveis pela elevação da produtividade do capital, o que nos coloca na raiz do problema crônico de insuficiência de recur-

tos para manter a taxa necessária de inversão, a baixa da relação produto/capital.

Essa explicação do mecanismo de desaceleração é o mesmo da obra anterior, com a diferença de que agora o aumento da produtividade do trabalho em função da elevação do coeficiente capital/trabalho não é suficiente (no caso do Brasil) para compensar a queda da relação produto/capital. A novidade, além do conceito de dependência, é a idéia de flexibilidade de escolha entre diversas alternativas técnicas na primeira fase do processo de substituição de importações. Com esta idéia, e mais a de dependência, Furtado parece querer fugir de uma explicação para o subdesenvolvimento excessivamente centrada na inadequação da tecnologia absorvida pelas economias periféricas. O problema agora já não é tanto a importação de uma tecnologia inadequada e sim a importação (ou imposição) de padrões de consumo do centro desenvolvido, reflexo de uma situação de dependência cultural e política.

Furtado acrescenta ainda, nesta obra, uma análise do efeito da implantação de empresas estrangeiras. A implantação de empresas estrangeiras no quadro da industrialização substitutiva da importações, além de contribuir para reforçar o padrão de industrialização que atende seus interesses, conduz a um novo problema à medida em que se esgota o processo de substituição de importações. É a necessidade de pagamento não só das importações correntes, mas principalmente a necessidade de bancar a remessa de lucros e o custo da tecnologia importada, com uma capacidade para importar declinante. Du-

rante o processo de substituição de importações esse desequilíbrio foi absorvido com fortes pressões no balanço de pagamentos das economias periféricas. Haveria duas soluções para o problema, uma dentro da linha de dependência, portanto a de menor resistência e outra pela quebra das relações de dominação. A solução de independência exigiria uma forte autonomia do Estado nas economias periféricas, no sentido de controlar a atuação das grandes empresas estrangeiras, se apropriando de parte de seus lucros, controlando a penetração de inovações tecnológicas em função de objetivos sociais, etc.. A linha de menor resistência seria propiciar condições para que exista "cash" para ser remetido para o exterior, dinamizando as exportações não de produtos primários, mas de produtos manufaturados de baixo nível tecnológico, bens de consumo corrente. Reestabelece-se, desta maneira, uma nova divisão internacional do trabalho baseado nas vantagens comparativas, perpetuando o desenvolvimento dependente e suas consequências.¹⁰

¹⁰ "Enfocado o problema de outro ângulo, caberia afirmar que do atual processo de desenvolvimento dependente tende a resultar um desequilíbrio crescente na estrutura do sistema global. Com efeito, por um lado temos uma redução relativa dos fluxos reais (declínio do sistema tradicional de divisão internacional do trabalho), por outro uma apropriação crescente por empresas sediadas nos centros dominantes dos frutos dos aumentos de produtividade dos subsistemas dependentes. Como o segundo processo exige a criação de um fluxo real no sentido periferia-centro, será difícil conciliá-lo com o lento crescimento ou declínio relativo da capacidade de pagamentos internacionais dos países subdesenvolvidos. Enquanto se realizava a substituição de importações, esse desequilíbrio potencial pôde ser absorvido, se bem que com fortes pressões sobre as balanças de pagamentos dos subsistemas dependentes. Esgotadas essas possibilidades, tende a abrir-se uma fase de forte endividamento externo dos países subdesenvolvidos, endividamento que já chegou a ser explosivo em alguns países. Basta colocar-se este problema para dar-se conta de que a economia internacional encontra-se ante a alternativa de ter que abrir novos caminhos ou fazer face a uma crise profunda cujas consequências não seria fácil prever. Do ponto de vista das tendências estruturais, a linha de menor resistência parece estar na abertura dos mercados dos "centros" aos produtos manufaturados de tecnologia menos dinâmica da "periferia" ...

Outra linha evolutiva aponta na direção de uma valorização dos estados como centros coordenadores de decisões econômicas, mediante a explicitação de objetivos nacionais e prioridades sociais, e indicação mais ou menos precisa das formas de alcançá-los".
Furtado, C. - Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico, op. cit. pp. 255, 256.

Em resumo, o problema do subdesenvolvimento é político, e, nesse sentido, a luta pela sua superação deve estar voltada para a eliminação dos laços de dominação que condicionam o desenvolvimento das economias periféricas aos interesses do centro dominante. "Na medida em que se está compreendendo que o subdesenvolvimento é a manifestação de complexas relações de dominação-dependência entre povos, e que tende a auto-perpetuar-se sob formas cambiantes, as atenções tenderam a concentrar-se no estudo do sistema de poder e suas raízes culturais e históricas. Assim, o dotar-se de centros nacionais de decisão válidos - o que muitas vezes pressupõe amplos processos de reconstrução social - veio a ocupar o primeiro plano das preocupações dos povos dependentes. Essa tomada de consciência da dimensão política da situação de subdesenvolvimento, constitui em si mesmo um novo e importante dado do problema".¹¹

¹¹ Furtado, C. - Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico, op. cit., p. 256.

CAPÍTULO IV

UM PROJETO PARA O BRASIL

Nesta obra, como nas outras, Furtado inova na análise sobre alguns pontos, introduzindo novas variáveis ou realçando certas variáveis que não jogavam um papel importante em outras obras, mas também recua em alguns casos. Em linhas gerais podemos dizer que a inovação estaria nas análises sobre o papel das empresas multinacionais como centro de decisões autônomo e sobre a introdução de inovações tecnológicas. O recuo estaria numa "despolitização" do conceito de dependência, tal como foi definido em "Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico". Começemos por sintetizar as definições de desenvolvimento e subdesenvolvimento que já refletem um novo enfoque.

O aumento da produtividade do trabalho (a definição strictu-sensu do desenvolvimento econômico) depende da acumulação de capital - aumento da dotação de capital por unidade de trabalho. O processo de acumulação de capital, por sua vez, depende, fundamentalmente, do progresso tecnológico. Modificações no perfil de procura podem ter um papel importante no aumento da produtividade do trabalho, na medida em que permitam uma melhor alocação dos fatores de produção disponíveis, mas dependem, em última instân

cia, do progresso tecnológico. Num processo de desenvolvimento autônomo (auto-sustentado) o progresso tecnológico abre caminho ao processo de acumulação de capital e o aumento da produtividade do trabalho decorrente é difundido por toda economia, traduzindo-se numa modificação do perfil de procura, que, desta maneira, se adapta às mudanças na estrutura produtiva ao mesmo tempo que potencia as mesmas. Fecha-se o círculo. A difusão dos frutos do progresso técnico por toda a sociedade implica na hipótese de que as classes trabalhadoras tem poder de barganha suficiente ou que a concorrência inter-capitalista se faça por meio da baixa dos preços. Num primeiro momento a 2a. hipótese prevalece; é a fase concorrencial da evolução do modo de produção capitalista. Num segundo momento, na fase monopolista, a concorrência inter-capitalista não se dá mais por meio da guerra de preços; as empresas nesta fase, trabalham com preços administrados, competindo entre si através de formas mais sofisticadas, como a propaganda, por exemplo. Portanto, o repasse dos frutos do progresso tecnológico para as massas assalariadas vai depender, nesta fase, do poder de barganha dos trabalhadores.

A característica de um processo de desenvolvimento dependente é o fato de o progresso tecnológico jogar um papel ancilar no processo de acumulação de capital; o progresso tecnológico é uma resposta à modificação autônoma no perfil da procura. "Em síntese o que caracteriza uma economia dependente, é que nela o progresso tecnológico é criado pelo desenvolvimento, ou melhor, por modificações estruturais, que surgem inicialmente do lado da demanda, enquanto que nas eco

nomias desenvolvidas o progresso tecnológico é, ele mesmo, a fonte do desenvolvimento. De uma perspectiva mais ampla, cabe reconhecer que o desenvolvimento de uma economia dependente é o reflexo do progresso tecnológico nos polos dinâmicos da economia mundial. Contudo, convém assinalar que o elemento dinâmico não é a irradiação do progresso tecnológico, e sim o deslocamento da curva da demanda. Desta forma, do ponto de vista do país dependente, o desenvolvimento surge como uma modificação na estrutura produtiva" ¹.

No Brasil foi assim numa primeira fase de industrialização, na qual o desenvolvimento industrial dependia do dinamismo do setor exportador que se traduzia em modificação no perfil de procura. Numa segunda fase, a fase substitutiva de importações, o processo de industrialização vem atender a uma demanda reprimida, que antes era suprida através de importações. O perfil desta demanda reprimida era altamente diversificado, o que permitiu a formação de um sistema industrial bastante complexo. Mas o progresso tecnológico ainda jogava um papel ancilar. O elemento dinâmico era existência de uma demanda reprimida, para cuja satisfação se orientavam os investimentos. Esta é uma das razões que explicam, para Furtado, o fato de que, apesar de a industrialização Brasileira ter atingido um alto grau de complexidade, não se tornou um processo auto-sustentado e tender à estag-

¹ Furtado, C. - Um Projeto para o Brasil, Rio de Janeiro, Editora Saga, 1969, p.23.

nação ². Além deste, existe outra causa explicativa da perda do dinamismo da economia brasileira, que na verdade é a causa fundamental, como tentaremos mostrar, que é o fato de grande parte dos investimentos, nesta segunda fase de industrialização, serem feitos por empresas estrangeiras, filiais de grandes complexos multinacionais. O grande poder destas filiais "criam rigidezas à economia do país, a ponto de que seu comportamento nem sempre possa assimilar-se ao de um sistema, ou seja, um conjunto articulado e coerente" ³. Vejamos em primeiro lugar a primeira; o que significa o fato do progresso técnico jogar um papel ancilar no processo de desenvolvimento da economia brasileira e porque conduz a uma perda de dinamismo da economia.

² "Para abordar o fundo desse problema, é necessário ter em conta que, tratando-se de uma industrialização substitutiva de importações, os investimentos se vinham fazendo em função de uma demanda preexistente, mesmo que esta se apresentasse em estado de virtual, em razão das restrições impostas às importações. Em outras palavras: os investimentos se orientavam para a satisfação de uma demanda reprimida. Mais uma vez, a assimilação do progresso técnico era o reflexo da ação de outros fatores e não a causa primária do desenvolvimento."
Furtado, C. - Um Projeto para o Brasil, op.cit., pp.29,30.

³ "Em segundo lugar, convém recordar que grande parte dos investimentos, nessa segunda fase de industrialização, assumiram a forma de internamento de empresas estrangeiras, isto é, de implantação no país de filiais de empresas que anteriormente controlavam o mercado através de exportações. A industrialização assumira a dupla forma de diferenciação do sistema produtivo e de descentralização de empresas, cujo centro de decisão estava no exterior. O grande poder financeiro dessas filiais, assim como o fato de que as mesmas estão integradas em complexos sistemas multinacionais, criam rigidezas à economia do país, a ponto de que o seu comportamento nem sempre possa assimilar-se ao de um sistema, ou seja, um conjunto articulado e coerente".
Furtado, C. - Um Projeto para o Brasil, op.cit., p.30.

A forma como penetra o progresso técnico na economia, bem como sua difusão é condicionada pela evolução do perfil de procura, que é dado, por sua vez, pelo perfil de distribuição da renda, que tende a ser cada vez mais concentrado. Vários fatores promovem a concentração de renda entre os quais aqueles institucionais como, por exemplo, a estrutura fundiária. Mas a principal causa do processo de concentração de renda é estrutural, ou seja, decorre da própria evolução do processo de industrialização dependente. Quando o processo de industrialização substitutiva passa da indústria leve para a indústria pesada, o coeficiente de capital por unidade de trabalho se eleva. Numa economia onde existe um excedente estrutural de mão-de-obra, a elevação do coeficiente capital/trabalho conduz a uma concentração de renda, na medida em que os salários não tem condições de acompanhar a elevação da produtividade do trabalho. E, como a concorrência inter-capitalista não mais se dá através de redução dos preços, a difusão dos frutos do progresso técnico é bloqueada. Portanto, numa economia subdesenvolvida com excedente estrutural de mão-de-obra a oligopolização e a política de preços administrativos tendem a concentrar a renda ⁴.

A concentração de renda provoca uma diversificação no consumo das elites privilegiadas, o que amplia as necessi

⁴ É mais ou menos evidente que, na medida em que se caminha da indústria leve para a pesada, em uma economia com considerável excedente estrutural de mão-de-obra, acentua-se a pressão no sentido de concentração de renda. Essa tendência será tanto maior quanto mais a economia estiver organizada à base de preços administrados, isto é, quanto menos os incrementos de produtividade se transfiram para os consumidores mediante baixas de preços.
Furtado, C. - Um projeto para o Brasil, op.cit., p.33.

dades de investimentos para a produção de bens de consumo du
ráveis, setor com elevado nível de capitalização, aumentando
o montante de poupança necessário à manutenção de um nível
adequado de inversões. Além disso há que se considerar a
inadequação da escala de produção frente ao tamanho do mercaca
do, implicando num aumento dos custos de produção. A neces-
sidade de diversificação contínua compartimentaliza cada vez
mais o já reduzido mercado, resultando numa baixa na eficiência
do capital, ou seja, uma elevação contínua na relação ca-
pital/produto. Chegamos ao mecanismo, propriamente dito, de
desaceleração do processo de desenvolvimento econômico. Furta
do qualifica a explicação anterior para absorção de tecno-
logias inadequadas à disponibilidade relativa de fatores bem
como as dimensões de mercado da economia, dando mais ênfase
aos condicionantes do processo de decisão de inversão do que
aos processos tecnológicos em si mesmos; quanto a estes haver
ia, em princípio, possibilidade de opção entre processos
mais ou menos poupadores de mão-de-obra.

"Um segundo aspecto do problema que se presta a
interpretação equivocadas é o do impacto do progresso tecno-
lógico. Sendo este essencialmente orientado no sentido da
poupança da mão-de-obra, fator abundante em países com a es-
trutura econômica do nosso, é corrente que se afirme que os
desequilíbrios estruturais e mesmo a estagnação, têm como
causa básica a penetração de uma tecnologia inadequada, isto
é, em desacordo com a constelação brasileira de fatores. E-
xiste algo de verdadeiro nessa afirmação, mas em seu conjunto
ela é falaciosa. O elemento de verdade aparece quando

colocamos esse problema dentro de uma perspectiva histórica. Nas condições de dependência em que tem ocorrido entre nós o desenvolvimento, inexistindo uma efetiva articulação interna de decisões, a penetração do progresso tecnológico realizou-se ao azar de iniciativas tomadas pelos importadores de equipamentos. A política de câmbio e de crédito - poderoso instrumento de subsídio do processo de industrialização nos últimos dois decênios - foi elaborada e executada sem ter em conta a possibilidade de opção entre processos produtivos. Como os subsídios eram dados para a importação de equipamentos e em quantidade menor para a construção de estruturas e para o capital de giro, criaram-se condições artificialmente favoráveis à automação e mesmo ao sobreinvestimento em capital fixo" ⁵.

O progresso tecnológico geralmente é poupador de mão-de-obra, mas poupa também o capital. Ou seja aumenta a produtividade física do capital. Desse modo o progresso tecnológico é vantajoso, mesmo para uma economia com excedente estrutural de mão-de-obra, desde que aumente a produtividade física do capital juntamente com o aumento da produtividade física da mão-de-obra. Pode ocorrer, também, que determinado processo tecnológico aumente a produtividade física de mão-de-obra sem aumento na produtividade física do capital, até mesmo uma queda. A modernização da indústria têxtil é um exemplo deste último caso, o que é danoso para uma economia subdesenvolvida. Mas, de modo geral, prevalece o pri

⁵ Furtado, C. - Um Projeto para o Brasil, op.cit., p.p.43,44

meiro caso, ou seja, a tecnologia absorvida é também poupado ra de capital. Fica claro, portanto, que "as distorções que se tem em vista longe de ser uma consequência direta do progresso tecnológico, são causados pelo sistema de decisões que prevalece na economia"⁶.

O que acabamos de descrever é fundamentalmente distinto do modo como foi tratado o mesmo problema - absorção da tecnologia moderna - na obra anterior (Teoria e Política do Desenvolvimento). Nesta, Furtado distinguia dois níveis tecnológicos correspondentes a dois subsetores distintos do setor industrial: o subsetor de produção de bens de consumo corrente e o subsetor de produção de bens duráveis. Os processos tecnológicos utilizados no primeiro eram compatíveis com a disponibilidade de fatores da economia porque havia uma margem de opção entre processos mais ou menos poupadores de mão-de-obra; isso porque a produção de bens de consumo corrente nos países desenvolvidos evoluiu desde formas artesanais de produção. No caso dos bens de consumo duráveis esta margem de opção desapareceu porque a produção deste tipo de bens se inicia já numa fase avançada do desenvolvimento tecnológico nos países desenvolvidos. Portanto, o avanço do processo de industrialização nesta direção significa perpetuar o quadro do excedente estrutural de mão-de-obra, ou seja, perpetuar o subdesenvolvimento. Além disso o tamanho reduzido do mercado (a elite de altas rendas) face às escalas de produção engendram uma queda na relação produ

⁶ Furtado, C., - Um Projeto para o Brasil, op.cit., p.44

to/capital, que tende a agravar-se estruturalmente pela ne
cessidade de se diversificar continuamente a produção, com
partimentalizando ainda mais o mercado.

Esse dualismo estrutural a nível do setor indus
trial é uma projeção de um dualismo "cultural" para dentro
da estrutura produtiva. Esse dualismo cultural é explicado
a partir das relações de dependência cultural e política que
tem sua origem no período colonial. Em síntese, o que importa
ressaltar aqui é a rigidez que Furtado confere a determi
nados processos tecnológicos enquanto causa imediata dos de
sequilíbrios estruturais (a produção de bens de consumo duráve
is). Agora, as opções entre processos produtivos mais ade
quados à disponibilidade de fatores da economia não se limi
ta ao setor produtor de bens de consumo não-durável, mas se
extendem para todos os setores produtivos; a tecnologia em
si, com poucas exceções, não é incompatível com a disponibi
lidade de fatores de economia; as opções entre processos pro
dutivos são perfeitamente possíveis. As distorções que tem
vista decorrem de condições artificiais de automação e sobre
-investimento em capital fixo, causados pelo sistema de deci
sões prevalescente, configurando uma sequência perversa de
assimilação do progresso tecnológico, concentração de renda
e declínio da produtividade do capital. Para evitar que a
absorção da tecnologia provoque decisões irracionais do pon
to de vista da economia como um todo é necessário condicio
nar o perfil da demanda, que seria o elo mais viável de se
romper. Mas para isso é necessário que se modifique o siste
ma de decisões que prevalece na economia e para tal, Furta-

do parte da hipótese de que a estrutura de poder no Brasil não se confunde, exatamente, com a estrutura social que controla o sistema produtivo.

A estrutura social que controla o sistema produtivo são as grandes empresas multinacionais ⁷. Estas evoluíram para um tipo de organização que passa a influir de forma semelhante às decisões tomadas pelos centros de decisão que formam a estrutura tradicional do poder público: "A evolução que vimos de descrever transformou a grande empresa em importante centro de decisões, cujo comportamento interessa setores significativos da coletividade ou mesmo esta em sua totalidade. A velha questão da interferência de pessoas físicas e jurídicas de direito privado nos centros tradicionais do Poder Público, passou para o segundo plano, sem contudo perder sua significação. O centro das atenções voltou-se para as novas formas que assume o sistema de poder, em cuja estrutura se foram integrando múltiplas instituições que continuam a ser capituladas como de direito privado. Referindo-se ao Estados Unidos onde esse problema se apresenta com toda nitidez, o Professor Galbraith nos lembra que as decisões tomadas por empresas como a General Motors, a Gene

⁷ "O problema dos capitais estrangeiros, colocado no contexto da organização geral do sistema econômico, apresenta dois aspectos que merecem particular atenção: o de sua inserção na estrutura de poder que prevalece ou tende a prevalecer na sociedade, e o de sua participação na apropriação dos benefícios do desenvolvimento. Tradicionalmente, capital estrangeiro significava a propriedade estrangeira de ativos existentes no país, em grande parte títulos de renda fixa. Hoje, em dia, capital estrangeiro significa principalmente o controle por grupos estrangeiros de parte do sistema de decisões que comanda a atividade econômica".
Furtado, C. - Um Projeto para o Brasil, op.cit., p.70

ral Electric e muitas outras, têm muito maior influência sobre a população do seu país do que as decisões tomadas pela maioria dos centros de decisão que formam a estrutura tradicional do poder público. Essa constatação tem levado muitos autores americanos a interrogar-se sobre a fonte de legitimidade desse poder que vem sendo exercido pelas grandes empresas. O Professor Berle, advogado ilustre das grandes corporações, se interroga sobre esse problema, recordando-nos que a legitimidade é essencial para que qualquer sistema de poder tenha durabilidade" ⁸.

Na explicação do processo de penetração dos grandes conglomerados multinacionais na economia brasileira Furtado redefine seu conceito de dependência tal como foi definido em "Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico", despolitizando-o. Nesta obra, Furtado definiu claramente o fenômeno da dependência como um fenômeno de dominação política, cuja origem estava nas relações de dominação entre metrópole e colônia. O próprio processo de substituição de importações não foi uma resposta autônoma dos países subdesenvolvidos à perda do dinamismo do mercado internacional de produtos primários, e sim refletiu as necessidades objetivas do próprio processo de expansão do capitalismo mundial. Agora, Furtado retorna, de certa maneira, às posições defendidas em "Estagnação e Subdesenvolvimento na América Latina", nas quais os investimentos estrangeiros eram um obstáculo a mais a ser superado para a eliminação do subdesenvolvimento. O

⁸ Furtado, C., - Um Projeto para o Brasil, op.cit., p.73

processo de industrialização através da substituições de im
portações volta a ser uma resposta autônoma dos países pri
mário-exportadores frente ao estrangulamento da capacidade
para importar e o fato de que boa parte dos investimentos se
jam de origem estrangeira é apenas uma coincidência. "A fa
se de expansão externa das grandes empresas norte-americanas
coincide, na América Latina, com a criação de amplas facili
dades visando à interiorização das atividades produtivas, par
ticurlamente no campo manufatureiro. A indústria latino-ame
ricana tendem a assumir, por conseguinte, a forma de interna
cionalização das atividades produtivas ligadas ao mercado in
terno, o que viria marcar o desenvolvimento da região em sua
fase atual" ⁹. As consequências deste fato se faria sentir
especialmente no que diz respeito à formação de centros na
cionais de decisões econômicas, debilitando-os, ao mesmo tem
po que se formava um processo de integração multinacional ao
nível das empresas estrangeiras que se instalaram na região.
Em resumo, as filiais das grandes empresas multinacionais
passam a constituir um grupo autônomo de poder frente aos es
tados nacionais latino-americanos. A penetração que começou a
pós 1930 e se acelerou no pós-guerra, interrompeu a formação
de uma classe de empresários com nítido sentido nacional e
consequentemente um processo de desenvolvimento autônomo do
tipo capitalista. O processo de industrialização latino-ame
ricano no último quarto do século refletiu a estratégia dos
conglomerados multinacionais. Portanto para compreender a

⁹ Furtado, C. - Um Projeto para o Brasil, op. cit., p.110 .
Grifo nosso.

atual fase de estagnação por que atravessa a economia brasileira há que se analisar a dinâmica de expansão desses conglomerados multinacionais.

Aqui Furtado amplia e redefine as análises contidas em "Estagnação e Subdesenvolvimento na América Latina", sobre o papel que tem as empresas multinacionais como fonte de poder autônomo frente ao estado nacional. Nesta obra a questão chave era a dificuldade de "racionalizar a assimilação de novas técnicas em função do interesse social", tendo em vista a organização de produção ao nível da empresa privada. Esta, agindo em função da maximização da taxa de lucro tende a continuar absorvendo a tecnologia disponível no mercado que é poupadora de mão-de-obra e adequada a uma escala de produção distinta da realidade nacional. As empresas multinacionais apenas vinham reforçar uma tendência inerente à empresa privada de modo geral, sejam nacionais ou estrangeiras. A questão agora é colocada de maneira distinta na medida em que os conglomerados multinacionais detêm o controle de praticamente todo o setor de ponta da economia, transformando-se em canais por onde penetram as inovações tecnológicas. Vejamos.

A origem e expansão dos grandes conglomerados é consequência de dois fatores, fundamentalmente: em primeiro lugar o aperfeiçoamento dos instrumentos de controle da economia proporcionando ao poder público a capacidade de manter um alto nível de demanda efetiva, evitando as recessões generalizadas, o que dá uma grande estabilidade à grande empresa, que trabalha a médio e longo prazos; em segundo lugar o

progresso tecnológico favorecendo as economias de escala de produção. A grande empresa se torna um importante centro de decisões, que atinge setores significativos da coletividade. O poder que exerce a grande empresa é mais comumente estudado sob o ângulo de sua capacidade de condicionar o comportamento da população consumidora. Mas o seu aspecto mais importante se refere ao seu poder de apropriação dos frutos do desenvolvimento. "Na medida em que uma grande empresa está em condições de controlar determinado setor da atividade econômica, mesmo que o faça articulada com outras, também está ela em condições de interferir no processo de distribuição da renda social. Isto é particularmente verdade em condições de rápido progresso tecnológico, pelo simples fato de que a empresa é o instrumento por meio do qual as inovações tecnológicas se inserem no sistema econômico" ¹⁰.

O mecanismo de financiamento da expansão da empresa moderna não difere essencialmente do mecanismo de financiamento do poder público através de impostos. No planejamento de seus preços a grande empresa incorpora uma margem normal de dividendos a distribuir e uma margem de lucros a reter. Os lucros retidos e os fundos de depreciação e amortização garantem a cobertura financeira necessária à sua expansão. Numa economia desenvolvida a retenção dos frutos do progresso tecnológico pela grande empresa é obstaculizado pelo aumento dos salários nominais proporcionalmente ao aumento da produtividade. Numa economia subdesenvolvida os salários permanecem constantes, levando à concentração de

¹⁰ Furtado, C. - Um Projeto para o Brasil, op.cit., p.75.

renda. "Tidos em conta os dois fatores - retenção pela empresa dos frutos do progresso tecnológico e controle por grupos estrangeiros das empresas que operam nos setores de vanguarda tecnológica - impõe-se a conclusão de que tanto a industrialização como a assimilação do progresso tecnológico favorecem o controle de nossa economia por grupos não nacionais" ¹¹. Portanto se coloca em cheque a autonomia e coerência dos sistema nacional de decisões econômicas, bloqueando a implementação de uma política de fomento e disciplina da assimilação do progresso tecnológico.

Da leitura desta obra de Furtado pode-se dizer, novamente, que a explicação fundamental para as dificuldades que tem uma economia subdesenvolvida para superar o subdesenvolvimento não muda. É o problema da inadequação da tecnologia absorvida relativamente à disponibilidade de fatores da economia. O que muda nesta obra é a explicação da tendência que uma economia subdesenvolvida tem de continuar absorvendo tecnologia inadequada, explicação esta que é agora calcada numa análise das características da grande empresa internacional e do papel que assume nas economias periféricas em função dessas características.

¹¹ Furtado, C. - Um Projeto para o Brasil, op.cit., p.77

CAPÍTULO V

ANÁLISE DO MODELO BRASILEIRO

Nesta obra, publicada em 1972, Furtado terá que explicar como a economia brasileira superou as tendências à estagnação apontadas nas análises anteriores e, o que é mais importante, explicar porque essa retomada do crescimento não implica na eliminação do subdesenvolvimento. Para tanto, Furtado começa introduzindo algumas modificações em seu modelo explicativo relativo às economias centrais. A diversificação da procura passa a ter outro papel além do de responsável pela ampliação do mercado: "A hipótese de progresso técnico sem introdução de novos produtos provocaria, neste caso, uma tendência à uniformização crescente das formas de consumo. Com efeito, se aumentam proporcionalmente todas as remunerações de fatores, a poupança dos grupos de altas rendas teria de aumentar (não havendo possibilidade de diversificar o consumo de bens) o que requereria uma aceleração da acumulação. Excluída a hipótese de insuficiência de demanda efetiva, a taxa média de salário tenderia a aumentar, reduzindo as disparidades das formas de consumo. A permanente introdução de novos produtos e novas formas de consumo é condição sine qua non para a preservação das formas sociais que caracterizam o sistema capitalista. A uniformidade, mesmo aproximada, das formas

de consumo retiraria toda eficácia ao complexo sistema de incentivos que põe em marcha os diversos agentes responsáveis pelo dinamismo dessa economia".¹ Em outras palavras, a permanente introdução de novos produtos é necessária para a preservação das distintas classes sociais que compõem o sistema capitalista, no que se refere à apropriação privilegiada dos frutos do aumento de produtividade que a propriedade privada dos meios de produção lhes confere.

O que acabamos de ver é uma nova formulação do mecanismo regulador do ritmo do processo de acumulação de capital no tocante à absorção de mão-de-obra. Em análises anteriores o que regulava o ritmo de absorção de mão-de-obra, de modo a evitar uma pressão excessiva dos salários, era a introdução de inovações tecnológicas poupadoras de trabalho. Esta era a arma que contava a classe capitalista para conter excessivas reivindicações salariais e o que explicava o próprio dinamismo tecnológico do modo de produção capitalista. O consumo da classe capitalista era estável a curto-prazo, dependendo o ritmo do processo de acumulação de capital da forma como evoluía a distribuição de renda entre capitalistas e assalariados, distribuição esta que não apresentava tendências a se modificar, a longo-prazo, em benefício de quaisquer um dos grupos. O progresso técnico induzido pela disponibilidade relativa de fatores velava para que assim fosse. Essa nova formulação de Furtado não tem sentido. Significa apenas que a

¹ Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, p. 13.

taxa de poupança da classe capitalista (que é a taxa de poupança da economia, dado que os trabalhadores não poupam) é mantida constante. Ora, o fato da taxa de poupança e investimento serem constantes não implica que os ritmos de crescimento da mão-de-obra e do capital sejam iguais. A taxa de acumulação de capital tende a se acelerar relativamente à taxa do crescimento de mão-de-obra à medida em que se esgota o excedente estrutural de trabalho. Nesse sentido, supor que a alta de salários será evitada pelo aumento do consumo da classe capitalista seria supor que a taxa de acumulação de capital tende a zero se é esta a tendência da taxa de natalidade. Esta nova formulação de Furtado teve o propósito, como veremos mais adiante, de fornecer elementos para sua explicação do processo de desaceleração e retomada do crescimento da economia brasileira. Antes, porém, vejamos os condicionantes do processo de industrialização periférico que sofrem também algumas alterações relativamente às análises anteriores.

O modelo primário-exportador dá origem a uma elite consumidora dos novos produtos que vão surgindo no centro. Quando se iniciou o processo de substituição de importações a assimilação do progresso tecnológico nos padrões de consumo já tinha alcançado um nível elevado, o que implicou um processo de intensa capitalização, incompatível com o nível de renda médio de um país subdesenvolvido. A consequência foi uma industrialização em benefício de uma minoria, o que restringe as dimensões do mercado, com reflexos negativos sobre a produtividade do capital. Embora o progresso técnico penetre, ao

contrário da fase primário-exportadora, das duas maneiras (nos processos produtivos e através da introdução de novos produtos) sua difusão ao conjunto das atividades produtivas é restringida.²

Esse padrão de industrialização é reforçado pela presença das filiais das grandes empresas multinacionais, que estavam melhor capacitadas para realizar com eficiência a substituição de importações,³ dando origem a novas formas de dependência. Desta maneira, o controle da tecnologia escapa ao controle do centro interno de decisões em favor das grandes empresas internacionais. O resultado é uma difusão extremamente desigual e lenta do progresso tecnológico na periferia do mundo capitalista, na medida em que a estratégia destas grandes empresas é homogenizar os padrões de consumo em escala mundial.

No Brasil, a ausência de uma burguesia nacional facilitou enormemente o processo de internacionalização da economia. A classe industrial que se formara no período anterior ao processo de substituição de importações, tinha seus

² "... o nível tecnológico correspondente aos padrões de consumo, isto é, ao nível de modernização, restringe a difusão do progresso tecnológico, isto é, sua generalização ao conjunto das atividades produtivas".
Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, op. cit., p. 11.

³ "As filiais das grandes empresas internacionais já dispunham, ao nascer, de um código genético que as capacitava a realizar com eficiência a substituição de importações, e se beneficiavam diretamente das mutações que iam ocorrendo na casa matriz".
Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, op. cit., p. 14.

interesses ligados de uma forma ou outra ao comércio exterior; as atividades industriais eram atividades complementares às importações. Portanto, não se forma no Brasil uma burguesia nacional, tal como ocorreu na Europa, suficientemente forte para por em prática uma política nacional de industrialização. "Assim, a classe industrial que se forma no Brasil atua num quadro estrutural próprio que deve ser levado em conta se se pretende compreender seu comportamento. Assimilá-la a uma burguesia nacional constitui simplificação que contribui mais para ocultar do que para revelar a realidade. Seus interesses estão, de maneira geral, positivamente vinculados ao comércio exterior. São as exportações que criam o mercado interno e permitem a aquisição de equipamentos no exterior a bom preço; por outro lado, só excepcionalmente as indústrias locais concorrem com as importações, das quais são em muitos casos complementares. Isso não significa que inexistem conflitos no plano subjetivo. Inúmeras pessoas influentes, particularmente altos funcionários, tinham consciência de que a indústria deveria caber um papel mais importante no desenvolvimento do país e que para esse fim o Brasil deveria seguir uma política protecionista como os Estados Unidos. Trata-se, entretanto, de tomada de posição subjetivista, não vinculada diretamente à situação da maioria da classe industrial. Compreende-se, portanto, que ao entrar em crise a economia de exportação tradicional, a classe industrial não se manifeste como uma força realmente autônoma, capaz de oferecer ao país uma clara opção de rumos".⁴

⁴ Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, op. cit. pp.19,20.

Como consequência se formam três subgrupos industriais distintos (um grupo privado nacional, um privado estrangeiro e um estatal) mas com atividades complementares entre si, sob hegemonia dos grandes grupos internacionais.⁵ O resultado do padrão de industrialização seguido é conhecido. A absorção de tecnologia gerada em países com uma poupança per capita 8 a 10 vezes maior, significa um alto coeficiente de capital por trabalhador e conseqüentemente a permanência de um excedente estrutural de mão-de-obra. Os frutos do aumento da produtividade não se difundem, concentrando-se, progressivamente, a renda em mãos de uma minoria privilegiada.⁶ Até aqui não há diferenças significativas em relação às cau-

⁵ "Em primeiro lugar cabe a composição heteróclita do grupo industrial brasileiro, no qual se destacam, a primeira vista, três subgrupos perfeitamente definidos: um setor privado nacional formado pelos dirigentes de limitado número de grandes firmas que sobrevivem com maior ou menor grau de autonomia e de um número considerável de pequenos empresários; um poderoso setor privado estrangeiro, constituído de dirigentes alienígenas e nacionais de filiais ou empresas subsidiárias de consórcios internacionais; um outro setor de importância crescente formado de quadros superiores de empresas públicas, quase sempre originários da administração civil ou militar. As atividades dirigidas por estes grupos tendem a ser mais complementares que competitivas ...

Como a formação profissional, as fontes de informação, os padrões de consumo, em muitos casos a carreira, enfim o quadro cultural dos elementos dirigentes das empresas dos três setores indicados tendem a seguir os mesmos paradigmas, trata-se menos de emergência ou consolidação de uma burguesia nacional do que de implantação da nova burguesia internacional ligada ao capitalismo dos grandes conglomerados transnacionais".

Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, op. cit., pp. 35,36.

⁶ "A razão é simples: a poupança per capita é, no Brasil, de oito a doze vezes menor que nos países criadores da tecnologia que está sendo absorvida; como os mesmos padrões técnicos tendem a ser adotados, a dotação de capital por trabalhador no setor industrial moderno não poderá ser muito distinta; sendo assim, a parte da força de trabalho afetada pelo progresso técnico será necessariamente pequena. Inexistem, portanto, as condições que em outras partes levaram à formação das pressões sociais que respondem pela elevação da taxa de salário. Daí que a economia haja se fragmentado em mercados com reduzida comunicação: de um lado está a massa da população, cujo poder de compra médio permanece praticamente estagnado; de outro está a minoria privilegiada com altos padrões de consumo em rápida diversificação".

Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, op. cit., pp.27,28.

sas apontadas anteriormente para a perda de dinamismo da economia brasileira. A diferença surge quando Furtado explicita que o processo de concentração de renda em si mesmo não traz problemas, sendo que o importante é a forma que venha assumir esta concentração, se a renda se concentra dentro do próprio grupo da população com acesso aos bens de consumo duráveis ou não. O potencial da demanda efetiva para os bens de consumo duráveis do país estaria sendo canalizado para atender um padrão de industrialização calcado numa rápida diversificação e sofisticação das linhas de produção de bens duráveis, implicando uma taxa de investimento maior do que seria o caso se o aumento do consumo decorresse de maior uniformização dos produtos consumidos pelo grupo da população com acesso a esses bens:

"Para evitar confusão em torno do que é essencial, convém assinalar que não há evidência de correlação negativa entre o grau de concentração de renda e o nível da produtividade industrial. Admitamos que a taxa de salário seja a mesma (para igual nível de preparação técnica) e que a dotação de capital por trabalhador (direta e indireta) também seja a mesma nas indústrias de bens de consumo corrente (que trabalham principalmente para a massa popular) e nas indústrias de bens de consumo duráveis (que trabalham principalmente para a minoria de altas rendas); bastará que o progresso técnico tendente a economizar recursos raros e as economias de escala sejam mais acentuadas no segundo grupo de indústrias para que a concentração da renda acarrete (após ajustamentos na estrutura industrial) elevação da produtividade média. Se os efei-

tos do progresso técnico e das economias de escala forem os mesmos nos dois grupos de indústrias, a concentração de renda terá reflexos apenas na composição da demanda final. A menos que as modificações desta última acarretem sub-utilização de recursos produtivos (o que poderia ser fenômeno de curto ou médio prazo), para o economista que mede a produção pelo custo dos fatores, a produtividade média permanecerá sem alteração. Ainda mais do que de concentração, o problema é de forma que venha a assumir essa concentração.

Pode-se admitir como hipótese passível de comprovação que, se a renda se concentra dentro do próprio grupo de população com acesso aos bens duráveis, isto é, se o crescimento do consumo deve apoiar-se principalmente na diversificação deste, os investimentos requeridos tenderão a ser maiores do que seria o caso se o aumento do consumo decorresse de maior uniformização dos produtos consumidos pelo referido grupo de população. Por exemplo: se o aumento do consumo resulta do crescimento mais que proporcional da demanda de automóveis de alto preço, os investimentos requeridos serão maiores do que seria o caso se aumentasse a demanda de automóveis de tipo standart já produzidos em série".⁷

Portanto numa economia periférica com excedente estrutural de mão-de-obra, a diversificação e sofisticação das linhas de produção de bens de consumo duráveis, ao contrário dos países centrais, tem um papel disfuncional. A penetração

⁷ Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, op. cit., pp. 28, 29. Grifos Nossos.

do progresso tecnológico sob a forma de introdução de novos produtos não traria problemas a nível da produtividade do capital, desde que não ultrapassasse certo limite. Furtado distingue, então dois níveis no processo de difusão do progresso técnico a partir da introdução de novos produtos: a introdução de um novo produto e a diversificação de sua linha de produção. O que é preciso fazer é limitar o segundo nível e para isso é necessário desconcentrar relativamente a renda dentro do próprio grupo potencialmente consumidor de bens de consumo duráveis.

No Brasil a tendência seguida foi um processo de extrema concentração de renda em mãos de uma minoria que detinha o controle do capital. Este processo foi reforçado pela situação de dependência em relação aos grandes grupos internacionais que controlam a geração e difusão do progresso tecnológico em escala mundial.⁸ A rápida diversificação da produção de bens e serviços finais, que jogam um papel funcional na regulação do ritmo de acumulação de capital nas economias avançadas face às pressões salariais, tende a entorpecer o processo de crescimento de economias com excedente estrutural de mão-de-obra por ser absorvido. O declínio da taxa de cres

⁸ "Desta forma, a concentração de renda determina a forma que deveria assumir a industrialização, assim como a tendência a que se acentue essa concentração constitui em boa medida uma consequência do controle externo global do processo de desenvolvimento. Trata-se, neste último caso, de um efeito de dependência que decorre da forma como atualmente o progresso tecnológico se propaga do centro para a periferia do mundo capitalista".
Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, op. cit., p. 31.

cimento a partir de 1961 se deve a este processo, que se traduzia num baixo crescimento dos bens de consumo corrente e uma grande capacidade ociosa, principalmente nas indústrias de bens de consumo duráveis, além de um fator conjuntural que foi a redução das fontes de financiamento do poder público, a partir da reforma cambial de 1961, acelerando o processo inflacionário e aumentando o desemprego.

Em resumo, a economia brasileira por suas especificidades, tamanho absoluto potencial de mercado suficiente, pode reproduzir um padrão de industrialização similar ao das economias avançadas e continuar crescendo sem encontrar obstáculos. Para isto deverá evitar que o processo de concentração de renda, inerente a uma economia periférica que se industrializa, tome determinada forma. O nível de renda médio não permite o avanço do processo de industrialização em direção à produção de bens de consumo duráveis sem que se oriente o processo de concentração de renda de modo a constituir um mercado adequado a esses bens. Espontaneamente a tendência é de uma extrema concentração de renda em mãos da minoria que controla os meios de produção. É preciso então uma intervenção consciente por parte do Estado no sentido de criar condições para a continuidade do processo de industrialização. Vejamos.

A nível conjuntural foram tomadas medidas no sentido de restabelecer o equilíbrio do setor público e controlar a inflação. A nível estrutural as medidas tomadas tinham por objetivo fundamental "criar condições para a retomada do processo de industrialização, a partir do complexo industrial de

que se dotara o país e que vinha sendo amplamente sub-utilizado". Em primeiro lugar uma reorientação do processo de concentração de renda de modo a ampliar o mercado de bens duráveis de consumo. Ou seja, criar mecanismos que impedissem que os frutos do aumento de produtividade se concentrasse em mãos da minoria que controlava os meios de produção. Em segundo lugar, uma redução da taxa de salário básico; parte dos recursos liberados por esta redução seriam investidos, sob orientação do governo, no sentido de aumentar a geração de empregos, compensando com um aumento do salário familiar essa queda da taxa básica. Por último, o fomento às exportações de produtos industriais com problemas de mercado:

"A estratégia seguida, relativamente simples, resume-se nas seguintes linhas de ação:

a) reorientação do processo de concentração da riqueza e da renda, de forma a que o mecanismo promotor dessa concentração atue, não somente no sentido de favorecer a formação de capital fixo, mas também - e de forma significativa - no de promover a ampliação do mercado de consumidores de bens duráveis;

b) redução da taxa do salário real básico com respeito à produtividade média do sistema, de forma a reduzir a diferença entre essa taxa de salário e o "custo de oportunidade" do trabalho, e parte dos recursos assim liberados seria investida, sob orientação do governo, com o fim específico de ampliar a capacidade criadora de empregos da economia; o aumento do salário familiar deveria anular progressivamente os

efeitos sociais mais negativos da baixa do salário individual...

c) fomento, em particular mediante subsídios, à exportação de produtos industriais visando a aliviar os setores produtivos que enfrentam insuficiências de demanda, de natureza conjuntural ou estrutural; as insuficiências conjunturais manifestar-se-iam nas indústrias tradicionais, afetadas pelo lento crescimento da massa salarial; as insuficiências estruturais continuariam a manifestar-se onde a tecnologia exige uma escala de produção que supera as dimensões do mercado, mesmo tidas em conta as modificações referidas no item a; neste caso tornar-se-ia necessária uma maior integração com o comércio internacional, mediante o subsídio à exportação e, ocasionalmente, o abandono de certas linhas de produção".⁹

A reorientação do processo de concentração de renda se fez inicialmente através do arrocho salarial, permitindo uma abertura por cima do leque salarial. Esse primeiro movimento no sentido de reorientar o processo de concentração de renda cumpriu o papel de um impulso autônomo de demanda, de modo a reativar o processo de crescimento industrial. Até porque os limites a uma política de redução do salário real básico são evidentes numa economia em que os salários urbanos são pouco superiores ao mínimo de subsistência, regulados que estão pelo excedente estrutural de "mão-de-o-

⁹ Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, op. cit., pp. 38, 39.

bra.¹⁰ Uma vez retomado o processo de crescimento, para "que o impulso autônomo inicial desse origem a um processo cumulativo, era necessário que o crescimento privilegiasse não apenas a minoria proprietária dos bens de capital e sim um grupo social mais amplo, capaz de formar um mercado de bens duráveis de consumo de adequadas dimensões. Em síntese: na segunda metade dos anos 60, o caminho utilizado consistiu principalmente em dinamizar a demanda da classe média alta, isto é, em fazer com que a capacidade de compra desse grupo crescesse em termos absolutos e relativos, o que foi obtido mediante formas de financiamento, que implicavam em subsídios ao consumo, e transferências, para essa classe, de títulos de propriedade e de crédito que lhe asseguravam situação patrimonial mais sólida e a perspectiva de maior renda futura. Foi assim possível obter uma ampliação ponderável de certas faixas de consumo, na direção requerida, sem propriamente dar atrás na política salarial. Em outras palavras: criaram-se privilégios para a fração da classe média habilitada a gerar, a curto-pra

¹⁰ "O primeiro caminho ensaiado assumiu a forma de um esforço direto de concentração de renda mediante arrocho salarial ... Esse processo teria, evidentemente, que esgotar-se, quando mais não fosse, em razão do já muito baixo nível de vida da população brasileira ... Era preciso levar em conta que a compressão dos salários teria repercussões negativas no mercado das indústrias de bens correntes de consumo. Em outras palavras: na medida em que a concentração de renda se apoiasse na pauperização absoluta da população, a retomada do processo de industrialização enfrentaria resistências criadas pela depressão predominante em importantes segmentos da atividade econômica. A solução deveria ser buscada num processo de concentração dinâmica, vale dizer, na captação do fruto de efetivos incrementos de produtividade. Para isso, entretanto, era necessário que a economia retomasse a expansão graças a um impulso autônomo da demanda".
Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, op. cit., pp. 40,41.

zo, o tipo de demanda que se pretendia dinamizar".¹¹

Para garantir a continuidade (ou a automatização) desse processo de concentração dinâmica da renda foi preciso implementar uma série de reformas no sistema financeiro.

Antes de mais nada era necessário neutralizar os efeitos da inflação, no que respeita à poupança da classe média, mediante a indexação de todos os títulos financeiros, inclusive os depósitos bancários a prazo. Isso foi feito através da institucionalização da correção monetária. Em seguida, promoveu-se uma série de modificações no sistema financeiro de modo a facilitar a formação de um eficiente mercado de capitais. De um lado, "uma série de modificações na estrutura do mercado de títulos financeiros, inclusive mediante a emissão, pelo próprio governo de títulos reajustáveis, viria permitir à classe média não somente preservar o valor real de seus ativos, assegurando-se ao mesmo tempo um elevado grau de liquidez, mas também obter acesso adicional de renda. Por outro lado, foram tomadas medidas tanto para induzir as empresas a abrir o capital como para estimular as pessoas físicas a modificar a estrutura de seu patrimônio mediante a aquisição de ações".¹²

Dentre outras medidas tomadas para induzir as empresas a abrirem seu capital estão a correção anual compulsória do

¹¹ Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, op. cit., pp. 41, 42.

¹² Furtado, C. - Análise do Modelo Brasileiro, op. cit., p. 44.

ativo imobilizado das empresas com isenção de impostos e a permissão para o cálculo das cotas de depreciação tomando por base a correção monetária do valor original do ativo ou o custo de reposição das instalações e dos estoques. Do lado das pessoas físicas a técnica dos incentivos fiscais foi amplamente utilizada tanto para induzir as pessoas com alguma capacidade de poupança a investir em títulos financeiros, como para transferir recursos da massa da população para esta minoria em condições de comprar esses títulos. Em resumo, as medidas tomadas, somadas a facilidades creditícias do lado do consumo tornaram possível a formação de um mercado para bens de consumo duráveis suficientemente amplo, para eliminar a capacidade ociosa do setor e manter a relação produto/capital elevada.

Nesta análise, o modelo explicativo de Furtado é fundamentalmente o mesmo das análises anteriores, especialmente daquele explicitado em "Subdesenvolvimento e Estagnação da América Latina" onde o problema central é a adequação das dimensões dos mercados das economias latino-americanas às escalas ótimas de produção dadas pelos equipamentos importados. O Brasil por suas especificidades apresenta um potencial de mercado cuja dimensão absoluta é suficiente para evitar uma queda acentuada na relação produto/capital. O problema é que, e este é o que diferencia esta análise relativamente à anterior, se não se intervir no processo de concentração de renda, orientando-o, este mercado não se forma, dado que a tendência é para uma concentração extrema da renda. Também nesta, como nas obras anteriores, Furtado introduz novas considerações sobre os condi

cionantes sociais e políticos do subdesenvolvimento, cuja análise mais acurada foge ao escopo de nosso trabalho, mas que sobre os quais pode-se dizer que à primeira vista não se integram completamente com os condicionantes econômicos de modo a se constituírem numa nova síntese.

CAPITULO VI

O MITO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Nesta obra Furtado segue o padrão anterior, acrescentando novos elementos na análise, mudando ênfases, mas mantendo em linhas gerais o modelo analítico básico definido anteriormente. Vejamos.

O ponto de origem do subdesenvolvimento é o aumento da produtividade do trabalho decorrente da realocação de recursos no sentido da especialização na produção da aqueles produtos para os quais a economia tem vantagem comparativas no comércio internacional. Mas o que caracteriza as atuais economias subdesenvolvidas é o uso que se deu a esse novo excedente proporcionado pelo comércio. "Nos casos em que esse excedente foi parcialmente apropriado do interior, seu principal destino consistiu em financiar uma rápida diversificação dos hábitos de consumo das classes dirigentes, mediante a importação de novos artigos. Este uso particular do excedente adicional deu origem às formações sociais atualmente identificadas como economias subdesenvolvidas"¹. Assim, a existência de uma classe com padrões de consumo similares ao de países com um nível de acumulação de capital muito mais elevado teria se transformado "em fator básico na evolução

¹ Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1974, p.78.

dos países periféricos".

Essa reprodução pelas elites locais dos padrões de consumo do centro decorreu de uma relação de dependência cultural tão forte que independe de quem controla o sistema produtivo da economia. "A dependência, que é a situação particular dos países cujos padrões de consumo foram modelados do exterior, pode existir mesmo na ausência de investimentos estrangeiros diretos. Com efeito: esse último tipo de investimento foi raro ou inexistiu durante toda a primeira fase de expansão do sistema capitalista. O que importa não é o controle do sistema de produção local por grupos estrangeiros e sim a utilização dada àquela parte do excedente que circula pelo comércio internacional. Na fase de industrialização, o controle da produção por firmas estrangeiras, conforme veremos, facilita e aprofunda a dependência, mas não constitui a causa determinante desta. A propriedade pública dos bens de produção tampouco seria suficiente para erradicar o fenômeno da dependência"²... A causa determinante da dependência é a convergência de interesses entre os grupos dominantes da periferia e os grupos que controlam a economia internacional. Os primeiros têm interesse em manter uma elevada taxa de exploração que possibilite um padrão de consumo elevado; os segundos têm interesse em ampliar o mercado para seus produtos ³.

² Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit., p.84.

³ "Nos países periféricos, o processo de colonização cultural radica originalmente na ação convergente das classes dirigentes locais, interessadas em manter uma elevada taxa de exploração, e dos grupos que, a partir do centro do sistema, controlam a economia internacional e cujo principal interesse é criar e ampliar mercados para o fluxo de novos produtos engendrados pela revolução industrial".
Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit., p.85.

Quando se inicia o processo de substituição de importações é que os problemas para uma economia subdesenvolvida se complicam. Para se produzir internamente a constelação de bens consumidos pelos grupos privilegiados ter-se-á que adotar os métodos produtivos para esses tipos sofisticados de produtos, métodos estes que implicam uma elevada relação capital/trabalho, sem correspondência com o nível de acumulação de capital da economia. "Com efeito: a tecnologia incorporada aos equipamentos importados não se relaciona com o nível de acumulação de capital alcançado pelo país e sim com o perfil da demanda (o grau de diversificação do consumo) do setor modernizado da sociedade. Dessa orientação do progresso técnico e da conseqüente falta de conexão entre este e o grau de acumulação previamente alcançado, resulta a especificidade do subdesenvolvimento na fase de plena industrialização. Ao impor a adoção de métodos produtivos com alta densidade de capital, a referida orientação cria as condições para que os salários reais se mantenham próximos ao nível de subsistência, ou seja, para que a taxa de exploração aumente com a produtividade do trabalho" ⁴.

Até aqui a análise não difere substancialmente dos anteriores. O problema central continua a ser a absorção de técnicas produtivas inadequadas à disponibilidade relativa de fatores de uma economia subdesenvolvida, implicando na necessidade de um maior esforço de investimento e numa baixa absorção de mão-de-obra. A permanência de um excedente estrutural de

⁴ Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit., pp.81, 82.

mão-de-obra, por sua vez, implica a manutenção dos salários a um nível próximo ao setor de subsistência; assim, o avanço do processo de industrialização significa um avanço da concentração de renda. As diferenças se referem ao que responde por esta absorção de tecnologia inadequada, uma nova abordagem ao conceito de dependência, diferenças estas não significativas. Furtado enfatiza que a inadequação da tecnologia é decorrente da inadequação do padrão de consumo adotado; não há opções entre métodos produtivos para produzir estes tipos de produtos ⁵, cuja produção internamente significa a introdução no sistema produtivo da descontinuidade que se formara no perfil da procura (Ver capítulo III, "Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico"). Entretanto, Furtado, ao procurar abordar o problema de outro ângulo, introduz uma modificação crucial relativamente às análises anteriores:

"O comportamento dos grupos que se apropriam do excedente, condicionado que é pela situação de dependência cultural em que se encontram, tende a agravar as desigualdades sociais, em função do avanço na acumulação. Assim, a reprodução das formas sociais, que identificamos com o subdesenvolvi

⁵ "Os economistas que observaram as economias subdesenvolvidas sob a forma de sistemas fechados viram nessa descontinuidade do aparelho produtivo a manifestação de um "desequilíbrio ao nível dos fatores", provocado pela existência de coeficientes fixos nas funções de produção, ou seja, pelo fato de que a tecnologia que estava sendo absorvida era "inadequada". Pretende-se, assim, ignorar o fato de que os bens que estão sendo consumidos não podem ser produzidos senão com essa tecnologia, e que as classes dirigentes que assimilaram as formas de consumo dos países centricos não se apresenta o problema de optar entre essa constelação de bens e uma outra qualquer".
Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit., p.87.

mento, está ligada a formas de comportamento condicionadas pela dependência. Abordemos o problema de outro ângulo: nas economias subdesenvolvidas, o fator básico que governa a distribuição de renda e, portanto, os preços relativos e a taxa de salário real no setor em que se realiza a acumulação e penetra a técnica moderna, parece ser a pressão gerada pelo processo de modernização, isto é, pelo esforço que realizam os grupos que se apropriam do excedente para reproduzir as formas de consumo, em permanente mutação, dos países cênicos. Essa pressão dá origem à rápida diversificação do consumo e determina a orientação da tecnologia adotada. Ela, mais do que a existência de uma oferta elástica de mão-de-obra, determina o diferencial entre o salário industrial e o salário no setor de subsistência. Certo, o grau de organização dos distintos setores da classe trabalhadora constitui fator importante e responde pelas disparidades setoriais desse diferencial. Em síntese: dado o nível de organização dos distintos setores da classe trabalhadora, a dimensão relativa do excedente apropriado pelos grupos privilegiados reflete a pressão gerada pelo processo de modernização" ⁶.

Nas análises anteriores o diferencial entre os salários pagos no setor industrial relativamente àqueles pagos no setor de subsistência se devia simplesmente ao custo de transferência dos trabalhadores do campo para a cidade. Os salários no setor capitalista eram proporcionais e próximos àqueles do setor de subsistência, na medida em que a oferta de

⁶ Furtado, C. - O Mito de Desenvolvimento Econômico, op.cit., p.82. Grifos nossos.

mão-de-obra ao setor industrial era ilimitada. Os preços dos fatores de produção deveriam corresponder às suas respectivas produtividades marginais; se a oferta de um fator de produção aumentasse relativamente à procura, sua remuneração tenderia a cair abaixo de sua produtividade marginal enquanto as forças de mercado não viessem restabelecer o equilíbrio. Numa economia subdesenvolvida o restabelecimento do equilíbrio entre a oferta e procura de fatores é obstaculizado pela falta de flexibilidade com que se apresenta o progresso tecnológico. Em outras palavras, a absorção de tecnologias poupadoras de mão-de-obra, gerada em função de disponibilidades relativas de fatores distinta, impede o ajuste entre a oferta abundante e a procura de trabalho, implicando a permanência de um excedente estrutural de mão-de-obra. Assim, os salários não acompanham os aumentos da produtividade marginal do trabalho, cujos frutos são absorvidos pelos capitalistas. Por sua vez, a maior taxa de lucro que isto representa não se traduz numa aceleração do processo de acumulação de capital, e daí a absorção do excedente de mão-de-obra, fundamentalmente porque os métodos produtivos utilizados possuem uma elevada relação capital/trabalho. Portanto, apontar como principal determinante dos salários no setor industrial a pressão para a diversificação do consumo significa abandonar completamente esta concepção anterior de determinação dos salários; cabe ressaltar, entretanto, que nesta nova concepção não fica claro o mecanismo pelo qual esta pressão para a diversificação do consumo impede a elevação dos salários; o argumento parece não se integrar no corpo da análise.

Este tipo de industrialização calcado na diversificação do consumo de uma minoria encontra uma série de obstá - culos à sua continuidade. "Mas, pelo fato de que o consumo de uma minoria modernizada é altamente diversificado, as indústrias que formam esse sistema tendem a enfrentar problemas de deseconomias de escala, que, se ao nível da empresa podem encontrar solução parcial na proteção e nos subsídios, ao nível social se traduzem em elevados custos. Já fizemos refe - rência ao fato de que essa situação favorece a penetração das grandes empresas com sede nos países cêntricos, o que por seu lado contribui para elevar os custos de operação do sistema industrial em termos de divisas estrangeiras. Esse quadro , que em alguns países latino-americanos se apresentou sob a forma de redução nas taxas de crescimento, de fortes crises de balanço de pagamentos e/ou rápido endividamento externo , tem sido descrito, particularmente em publicações das Nações Unidas, como o resultado da "exaustão" do processo de "substituição de importações". Mas, por detrás desses sintomas, não é difícil perceber uma causa mais profunda: a incompatibili - dade entre o projeto de desenvolvimento dos grupos dirigentes, visando a reproduzir dinamicamente os padrões de consumo dos países cêntricos, e o grau de acumulação alcançado pelo país"

7 .

No Brasil, em virtude do tamanho absoluto do mercado, o processo de concentração de renda que decorre deste padrão de industrialização desde que devidamente reorientado é

⁷ Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op. cit., pp.90, 91.

suficiente, até certo ponto, para compensar o aumento da relação capital/produto ⁸. Além disso, o controle da parte dinâmica do sistema produtivo pelas grandes empresas estrangeiras contribui decisivamente para a eliminação dos obstáculos ao crescimento. "Caberia mesmo indagar se a demanda altamente diversificada dos grupos modernizados seria jamais satisfeita, com produção local, caso o fluxo de inovações técnicas devesse ser pago a preços de mercado. Esse é criado ou controlado por empresas que consideram ser muito mais vantajoso expandir-se em escala internacional do que alienar esse extraordinário instrumento de poder. Tratar-se-ia não somente de entregar o controle das inovações de uso imediato, mas também de assegurar uma opção sobre as futuras. Ademais, o preço da tecnologia teria que ser levado, para a empresa local que se limitasse a adquiri-la no mercado, ao passo que, para a grande empresa que a controla e vem utilizando no centro, essa tecnologia está praticamente amortizada. A este fato se deve que a grande empresa possa, mais facilmente, contornar os obstáculos de pequenez do mercado, falta de economias externas e outros que caracterizam as economias periféricas" ⁹. Também os problemas no balanço de pagamentos, devido a escassez de divisas de uma economia que opera com altos custos em termos de moedas estrangeiras, são resolvidos pela grande em

⁸ Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit., pp.106, 107. A ideia é a mesma daquela desenvolvida em Análise do Modelo Brasileiro.

⁹ Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit., p.89.

presa multinacional ¹⁰.

Do que vimos acima pode-se dizer que, como o próprio Furtado explicita na introdução, esta análise, de modo geral, não difere substancialmente das anteriores, com exceção da determinação dos salários. Nesse ponto a análise aqui é substancialmente distinta, embora inconclusiva. Furtado acrescenta ainda uma análise sobre as tendências do capitalismo mundial. O que caracterizaria a atual etapa do desenvolvimento do sistema capitalista seria a unificação, sob o controle das grandes empresas multinacionais, do mercado mundial¹¹. Estas assumem um papel que outrora coube aos estados nacionais, no sentido de "estabelecer critérios de interesse geral disciplinadores do conjunto das atividades econômicas. Não que os estados se preocupem menos, hoje em dia, com o inter

¹⁰ "Com efeito graças as transações internas que realizam as grandes empresas no plano internacional, os países periféricos se vão capacitando para pagar com mão-de-obra barata os seus crescentes custos de produção em moeda estrangeira".
Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit., p.92.

¹¹ "A rápida industrialização da periferia do mundo capitalista, sob a direção de empresas dos países cênicos, que se observa a partir do segundo conflito mundial e se acelerou no último decênio, corresponde a uma terceira fase da evolução do capitalismo industrial. Essa fase se iniciou com um processo de integração das economias nacionais que formam o centro do sistema. Da formulação da Carta de Havana e criação do GATT ao Kennedy Round, passando pela formação do mercado comum europeu, foram dados passos consideráveis no sentido de estruturar um espaço econômico unificado no centro do sistema capitalista. O movimento de capitais, dentro deste espaço em vias de unificação, alcançou volume considerável..., o que permitiu que grandes empresas se implantassem em todos os subsistemas nacionais e também que as estruturas oligopólicas viessem a abranger o conjunto desses subsistemas".
Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit., p.28.

se coletivo. Na medida em que as economias ganharam em estabilidade, a ação do Estado no plano social pode ampliar-se. Mas, como tanto a estabilidade e a expansão dessas economias dependem, fundamentalmente, das transações internacionais, e estas estão sob o controle das grandes empresas, as relações dos estados nacionais com estas últimas tenderam a ser relações de poder. Em primeiro lugar, a grande empresa controla a inovação - a introdução de novos processos e novos produtos - dentro das economias nacionais, certamente o principal instrumento de expansão internacional. Em segundo lugar ..."
12.

O poder que tem estas empresas como centro de decisões autonomo se torna verdadeiramente incontrolável dentro de uma economia subdesenvolvida ¹³ (Ver capítulo IV, "Um Projeto para o Brasil). Uma possível opção dos países periféricos em termos de autonomia dos estados periféricos face às grandes empresas seria a defesa dos recursos naturais não renováveis. "Um dos setores em que os estados periféricos podem exercer sua autonomia, em face das grandes empresas, é o da defesa dos recursos naturais não renováveis do respectivo

¹² Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit. p.35.

¹³ "O dado mais importante a assinalar, no que concerne aos países periféricos em mais avançado processo de industrialização, é a considerável dificuldade de coordenação de suas economias no plano interno, em razão da forma como se estão articulando com a economia internacional no quadro das grandes empresas. Se dificuldades de coordenação interna existem nos países cêntricos, conforme observamos, o problema assume muito maior complexidade na periferia". Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit. p.61.

país. A expansão do sistema, no centro, depende, cada vez mais, de acesso às fontes desses recursos localizados na periferia" ¹⁴. Entretanto, a utilização dos recursos naturais como instrumento de poder pelos estados da periferia exige uma articulação entre esses países que não é fácil de se alcançar ¹⁵. Mas mesmo que isto seja possível, como no caso do petróleo, o aumento dos preços dos produtos exportados pelo país periférico continuará beneficiando uma pequena minoria enquanto a orientação do processo de acumulação estiver em mãos das grandes empresas. "A questão última está na orientação do processo de acumulação e essa orientação continuaria na mão das grandes empresas. Assumir essa orientação, vale dizer, estabelecer prioridades em função de objetivos sociais coerentes e compatíveis com o esforço de acumulação, seria a única forma de liberar a economia da tutela das grandes empresas" ¹⁶.

¹⁴ Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit. p.63.

¹⁵ Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit. p.64.

¹⁶ Furtado, C. - O Mito do Desenvolvimento Econômico, op.cit. p.68.

PARTE III

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

O modelo de "subdesenvolvimento" de Furtado é derivado de seu modelo de desenvolvimento que, como vimos, foi elaborado a partir de categorias analíticas neoclássicas. O recurso analítico fundamental é a concepção de Hicks de progresso técnico induzido pela disponibilidade relativa de fatores. A longo prazo, como mostram Hayami e Ruttan, o movimento em direção a tecnologias mais adequadas à dotação de fatores de uma economia pode ser descrito como um movimento ao longo de uma meta-função de produção. A característica fundamental de uma economia subdesenvolvida, o dualismo estrutural, resulta da obstrução desse movimento de ajuste.

Esse movimento de ajuste tende a ser obstruído numa economia subdesenvolvida se não houver uma orientação, um planejamento das inversões. A especificidade de um processo de industrialização por substituição de importação impede que o mecanismo de preços funcione adequadamente como um sinalizador eficiente da alocação de recursos. Mesmo nas economias centrais os mecanismos de mercado são deficientes, embora suficientes, como guia das inversões. Numa economia periférica as disparidades entre as produtividades marginais privada e social são muito acentuadas, implicando em contínuas sobre-inversões e mecanização excessiva em determinados setores, paralelamente a sub-inversões em outros setores, especialmente os

setores de base, de infraestrutura. Em resumo, as imperfeições do mercado são mais acentuadas nas economias periféricas; a intervenção do Estado, através do planejamento, é fundamental para que a economia supere seus desequilíbrios estruturais.

Do ponto de vista teórico, portanto, não é preciso abandonar os pressupostos e categorias analíticas fundamentais da economia neoclássica para se analisar uma economia com essas características. O que é preciso fazer, como o faz Furtado, é qualificar hipóteses irrealis (inclusive em relação à realidade das economias centrais). Nesse sentido, sua análise se situa dentro da tradição dos continuadores de Menger, Walras e Jevons. O que parece lícito perguntar, é se a evolução da economia neoclássica através do abandono de algumas hipóteses e de qualificação de outras, não acabou por atingir seus próprios fundamentos. Esta é, no entanto, uma pergunta que escapa ao objeto de nossa análise.

A análise da evolução da concepção básica dos conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento nos revela que o esforço de Furtado em sucessivas redefinições não a atinge. O recurso analítico fundamental continua sendo a questão da inadequação da tecnologia absorvida por uma economia subdesenvolvida à sua disponibilidade relativa de fatores. A consequência fundamental desta falta de flexibilidade técnica é a permanência de um excedente estrutural de mão-de-obra o que, por sua vez, impede a formação de um mercado compatível com as escalas de produção dos métodos produtivos absorvidos. A tendência à estagnação decorre fundamentalmente, portanto, de

uma baixa da relação produto/capital devido a tacanez do mer
cado interno, bem como de uma elevação da taxa de investimen-
to necessária em razão do aumento da relação capital/trabalho.
A recuperação da economia ocorre, por decorrência, quando de
alguma maneira se resolve estes dois problemas.

O que muda em cada uma das 6 obras examinadas é, ba-
sicamente, a explicação para a contínua absorção de tecnolo
gia inadequada. É a ausência de luta de classes ("Dialética
do Desenvolvimento" e "Subdesenvolvimento e Estagnação na Amé-
rica Latina"), dependência ("Teoria e Política do Desenvolvi-
mento Econômico" e "Um Projeto para o Brasil") ou as multina-
cionais ("Análise do Modelo Brasileiro" e "O Mito do Desenvol-
vimento Econômico").

A introdução do conceito da luta de classes como
motor do processo de desenvolvimento nas economias centrais e
sua ausência como a origem da falta de dinamismo das economias
periféricas não chega a constituir numa nova análise integra-
da. A tecnologia inadequada continua a ser absorvida devido
a falta de planejamento (devido à "falta de consciência de
classe"), necessário numa economia onde as imperfeições do
mercado impedem que este seja um guia eficiente para as in
versões. Em resumo, o conceito de luta de classes não se in
tegra na análise, se constituindo, em alguns casos, apenas
uma sobredeterminação de processos que lhe são totalmente in
dependentes e em outros casos apenas um novo rótulo para ve-
lhos diagnósticos como por exemplo "a falta de visão da clas
se capitalista industrial no Brasil".

A dependência política e cultural e a ação e pode

rio das empresas multinacionais como as causas do subdesenvolvimento, na medida em que respondem pela absorção de tecnologia inadequada, ao contrário da luta de classes, parecem provocar uma modificação significativa dos conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento. Isso porque ambas as explicações introduzem explicitamente a idéia de imposição de um padrão de desenvolvimento que exclui a priori a participação das massas dos países periféricos. Não se trata mais de planejar as inversões, uma vez que estas se dirigem a setores que implicam a absorção de tecnologias inadequadas não porque as imperfeições do mercado impedem que este seja um guia adequado, mas porque o padrão de industrialização que foi imposto a partir de uma relação de dependência (em benefício de uma minoria) ou porque é aquele que atende aos interesses das elites locais e das multinacionais, assim o determina. O que se pode dizer deste tipo de análise é que um modelo explicativo que tem na satisfação do consumo de uma minoria dentro da economia periférica e no atendimento de interesses estrangeiros seus fundamentos, é um modelo desprovido de dinâmica própria.

A conclusão geral a que se chega do exame crítico da obra de Furtado é que a partir de uma formulação inicial calcada em categorias analíticas neoclássicas, o modelo analítico sofre contínuas redefinições, num esforço do autor para captar as modificações do quadro de análise, bem como acompanhar a evolução do debate. Neste processo de aperfeiçoamento a questão da inadequação da tecnologia absorvida como recurso analítico fundamental é mantida, embora cada vez mais o mode-

lo analítico para uma economia subdesenvolvida perca consistência interna devido a uma ampliação do quadro de análise , no qual uma economia periférica parece voltar a jogar um papel meramente de geradora de excedentes apropriados de fora , após a devida recompensa aos prepostos locais.

BIBLIOGRAFIA

- Allen, R.G.D. Teoria Macroeconômica, Madrid, Aguilar, 1970.
- Baer, W. "The Economics of Prebisch and the ECLA", in Economic Policy for Development, ed. by I. Livingstone, 1971.
- Baran, P.A. A Economia Política do Desenvolvimento, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972.
- Belluzzo, L.G.M. Um Estudo sobre a Crítica da Economia Política, tese de doutoramento, UNICAMP, 1975.
- Benetti, C. L'accumulation dans les pays capitalistes sous-développés, Paris, Ed. Anthropos, 1974.
- Bo Södersten. International Economics, Londres, Macmillan, 1973.
- Carvalho, F.C. "Keynes, Schumpeter e as Flutuações da Economia Capitalista", 1981, inédito.
- Chenery, H.B. "O Papel da Industrialização nos Programas de Desenvolvimento", in A Economia do Subdesenvolvimento, coord. Agarwala e Singh, Forense, 1969.
- Chenery, H.B. "Comparative Advantage and Development Policy", in Economic Policy for Development, ed. by Livingstone, 1971.
- Dobb, M. Teoria del Valor y de la Distribución desde Adam Smith, Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 1975.
- Domar, E. "Capital Expansion and Growth", in Growth Economics, selected readings, Amartya Sen, 1970.
- Eckhaus, R.S. "O Problema das Proporções Fatoriais nas Zonas Subdesenvolvidas", in A Economia do Subdesenvolvimento, coord. Agarwala e Singh, Forense, 1969.
- Ferguson, C.E. The Neoclassical Theory of Production and Distribution, Cambridge, University Press, 1971.
- Furtado, C. A Economia Brasileira, Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1954.
- Furtado, C. "Formação de Capital e Desenvolvimento Econômico", in A Economia do Subdesenvolvimento, coord. Agarwala e Singh, Forense, 1969.

- Furtado, C. "A Análise Marginalista e a Teoria do Subdesenvolvimento", in Contribuições à Análise do Desenvolvimento Econômico, Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1957.
- Furtado, C. Uma Economia Dependente, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1956.
- Furtado, C. "Comentários sobre Estudos do Professor Rosenstein-Rodan", in Economia Brasileira, n°s 3 e 4, Vol. IV, 1958.
- Furtado, C. Perspectiva da Economia Brasileira, Rio de Janeiro, ISEB - Textos Brasileiros de Economia, 1958.
- Furtado, C. Operação Nordeste, Instituto de Estudos Brasileiros - ISEB, 1959.
- Furtado, C. Formação Econômica do Brasil, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1963.
- Furtado, C. Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.
- Furtado, C. Brasil en la Encrucijada Histórica, Barcelona, Ed. Nova Terra, 1966.
- Furtado, C. Dialéctica del Desarrollo, México, Fondo de Cultura, 1965.
- Furtado, C. Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- Furtado, C. Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico, São Paulo, Ed. Nacional, 1975.
- Furtado, C. Um Projeto para o Brasil, Rio de Janeiro, Ed. Saga, 1969.
- Furtado, C. Formação Econômica da América Latina, Rio de Janeiro, Lia Ed., 1970, 2a. edição.
- Furtado, C. Análise do 'Modelo' Brasileiro, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- Furtado, C. A Hegemonia dos Estados Unidos e o Subdesenvolvimento da América Latina, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- Furtado, C. O Mito do Desenvolvimento Econômico, Rio de Janeiro, Paz e Terra Ed., 1974.
- Furtado, C. Prefácio à nova Economia Política, Rio de Janeiro, Paz e Terra Ed., 1977.

- Haberler, C. "Terms of Trade and Economic Development", in Economic Development for Latin America,
- Harrod, R.F. "Dynamic Theory", in Growth Economics, selected readings, Amartya Sen, 1970.
- Hayami, Y. and Ruttan, V.W. Agricultural Development: An International Perspective, Londres, Johns Hopkins Press, 1971.
- Hicks, J.R. Value and Capital, Oxford, Clarendon Press, 2a. edition, 1974.
- Hicks, J.R. The Theory of Wages, Londres, Macmillan, 1963.
- Hutchinson, T.W. A Review of Economic Doctrines, 1870-1929, Oxford, Clarendon Press, 1953.
- Johnston, B.F. "Sectorial Interdependence, Structural Transformation, and Agricultural Growth", in Subsistence Agriculture and Economic Development, Aldine Press, 1969.
- Jorgensen, D.W. "The Development of A Dual Economy", in Economic Journal, Vol.71, nº 282, Jun/1961.
- Jorgensen, D.W. "The Role of Agriculture in Economic Development: Classical Versus Neoclassical Models of Growth", in Subsistence Agriculture and Economic Development, Wharton, C.R., Aldine Press, 1969.
- Kaldor, N. Ensayos sobre el Valor y la Distribución, Madrid, Editorial Tecnos, 1973.
- Kaldor, N. and Mirrlees, J.A. "Growth Model with Induced Technical Progress", in Growth Economics, selected readings, Amartya Sen, 1970.
- Keynes, J.M. Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1970.
- Laing, N.F. "Introduction", in Capital and Growth, Harmondsworth, Harcourt e Laing, 1971.
- Lessa, C. "La Evolución del Pensamento Economico in America Latina", Outubro de 1966, mimeo.
- Lewis, A. "O Desenvolvimento Económico com Oferta Ilimitada de Mão-de-Obra", in A Economia do Subdesenvolvimento, coord. Argawala, A.N. e Singh, São Paulo, Forense, 1969.
- Marshall, A. Principles of Economics, Londres, Macmillan, 1974.
- Marx, C. El Capital, México, Fondo de Cultura, 1973.

- Meek, R.L. Studies in the Labour Theory of Value, Londres , Lawrence & Wishart, 1973.
- Meier, C.M. "O Problema do Desenvolvimento Econômico Limitado", in A Economia do Subdesenvolvimento, coord. Agarwala e Singh, Forense, 1969.
- Myrdal, C. Aspectos Políticos da Teoria Econômica, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1962.
- Napoleoni, C. A Teoria Econômica no Século XX, Lisboa, Ed. Presença, 1973.
- Nurkse, R. Problemas de Formación de Capital en los Países Insuficientemente Desarrollados, México, Fondo de Cultura - ra, 1975.
- Nurkse, R. "Constrasting Trends in Nineteenth and Twentieth Century World Trade", in Expansion of World Trade and the Growth of National Economics,
- Pasinetti, L. "Profit and Growth", in Growth Economics, selected readings, Amartya Sen, 1970.
- Prebisch, R. Hacia una Dinamica del Desarrollo Latinoamericano, México, Fondo de Cultura Económica, 1971.
- Ranis, C. and Fei, J.C.H. "A Theory of Economic Development", in Theory of Agriculture in Economic Development, MacGraw-Hill series in International Development, 1961.
- Ricardo, D. Principios de Economía Política y Tributación , México, Fondo de Cultura, 1973.
- Robinson, J. Economía de la Competencia Imperfecta, Barcelona, Ed. Martines Roca, 1973.
- Robinson, J. The Accumulation of Capital, Londres, Macmillan, 1969.
- Rodriguez, O. "La Teoria del Subdesarrollo de la Cepal - Sin tesis y Critica", in Revista del Comercio Exterior, Vol. 29, nº 11, México, Noviembre de 1979.
- Rosenberg, N. "Karl Marx on the Economic Role of Science" , in Journal of Political Economy, Jul/Ago 1974.
- Rosenstein-Rodan, P.N. "Problemas de Industrialização da Europa Oriental e Sul-Oriental", in A Economia do Subdesenvolvimento, coord. Agarwala e Singh, Forense, 1969.
- Schultz, T.W. A Transformação da Agricultura Tradicional, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1965.
- Schumpeter, J.A. Teoria do Desenvolvimento Econômico, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

- Schumpeter, J.A. Business Cycles, Nova York, Mc Graw-Hill Inc., 1964.
- Schumpeter, J.A. Ensayos, Barcelona, Oikos-Tau, 1966.
- Schumpeter, J.A. Capitalism, Socialism and Democracy, Londres, George Allen and Unwin, 1976.
- Smith, A. The Wealth of Nations, Londres, Aldine Press, 1960.
- Solew. R.M. "Model of Growth", in Growth Economics, selected readings, Amartya Sen, 1970.
- Swan, T.W. "Golden Ages and Production Functions", in Growth Economics, selected readings, Amartya Sen, 1970.
- Tavares, M.C. Ciclo e Crise - O Movimento Recente da Industrialização Brasileira, tese de titular pela FEA-UFRJ/1978.
- Viner, J. "A Economia do Desenvolvimento", in A Economia do Subdesenvolvimento, coord. Agarwala, A.N. e Singh, São Paulo, Forense, 1969.
- Viner, J. "Some Reflections on the Concept of 'Disguised Unemployment'", in Contribuições à Análise do Desenvolvimento Econômico, Rio de Janeiro, Agir Ed., 1957.
- Wallich, H.C. "Algumas notas para uma Teoria do Desenvolvimento Derivado", in A Economia do Subdesenvolvimento, coord. Argawala, A.N. e Singh, São Paulo, Forense, 1969.